



1290000233



FE

TCC/UNICAMP J37h

DEBORA CRISTINA JEFFREY

“A HUMANIZAÇÃO E QUALIDADE DE ENSINO.

Estudando a relação professor - aluno em escolas públicas da periferia de Campinas, SP.”

Campinas, Junho de 1999

**“Na espreita, o olhar consentiu o questionamento do ontem,
de um considerado hoje e de um amanhã inserto**

**Aos olhares consentidos restou o deixar ser focalizado e
entendido como ser humano de totalidade e explosão de
viver**

**Enquanto aos olhos de outrem, consumados pelo desejo,
ansiedade e inquietações restou conclusões despojadas
sobre o verdadeiro valor humano**

Valor?

**Sim, de indivíduos que já partiram, aos vibrantes,
anônimos ou impetuosos, que em suas palavras amigas, de
incentivo, esperança e auxílio despertaram o acalantar de
idéias e razões vãs**

Agora:

**Daqueles que partiram, restam lembranças marcadas na
memória**

Aos vibrantes a vida celebra - se

Aos anônimos o conhecimento aflora

Aos impetuosos a coragem assume

**Já que, tudo e todos foram conflagrados pelos olhares de
um outrem cujo o desejo e curiosidade, simplesmente
queriam ser saciados”**

Debora Cristina Jeffrey

SUMÁRIO

	Página
Introdução	1
Capítulo I: Considerações Teóricas e Metodológicas	6
O Homem	6
Sociedade	8
O Ideal de Homem e a Educação	12
O Humano, a Humanização e o Humanizar	15
O Educador e os Educandos	17
Humanização	21
Qualidade Educacional e Cidadania	24
Metodologia	27
Capítulo II: Análise e Interpretação de Dados	30
O tempo e os espaços institucionais	36
A Escola	37
Sala de aula que espaço é este?	43
Os Educandos	47
Os Educadores	52
O Conhecimento	55
Educadores e Educandos	58
Capítulo III: Conclusão	61
Bibliografia	63
Anexo I	65
Coletânea das Entrevistas	65
Professores	65
Alunos	70
Questionários (Resultados)	72
Professores	72
Alunos	75
Anexo II	78

Introdução

A questão da *humanização e a qualidade de ensino a partir do estudo da relação entre professores e alunos em escolas públicas da periferia de Campinas, SP*, foi definida como temática de pesquisa a partir de observações realizadas no início do curso de Pedagogia em algumas salas de aulas localizadas em uma escola pública de um bairro da periferia de Campinas. Assim, durante um semestre podemos acompanhar o cotidiano escolar em classes de 5^a. e 6^a. série, o que objetivava a análise da influência genérica do uso dos livros didáticos no processo de ensino - aprendizagem.

No entanto, a relação entre professores e alunos chamou atenção pelo fato de mostrar-se altamente influenciável no processo e prática pedagógico, considerando que nas salas analisadas a heterogeneidade de ambos era completamente ignorada, tornando os indivíduos que ali se encontravam meros cumpridores de seus deveres: ensinar e aprender, deixando de lado todas as qualidades humanas tanto de professores quanto de alunos, ou seja suas características, vivências, experiências e interesses.

A partir deste fato, concluiu-se, então, que nas classes observadas a *desumanização* nas relações entre professores e alunos era algo bastante saliente, pois o diálogo não podia ser estabelecido, os interesses e vivências de ambos permaneciam externos ao cotidiano de sala de aula, o que comprometia o processo, as práticas pedagógicas e a qualidade de ensino almejada tanto pelo corpo docente, comunidade, quanto pelo Governo do Estado.

Dai, compreendeu-se que os conhecimentos trabalhados e desenvolvidos em sala visavam somente a reprodução destes, sem auxiliar na formação do indivíduo humano e no entendimento da realidade em que ele está inserido (no caso, o *contexto periferia*), dificultando também o exercício da cidadania e as questões que pertinentes a esta noção.

Então, de tal compreensão um novo trabalho foi definido para o desenvolvimento de projeto de pesquisa de *Iniciação Científica*, financiada pelo *CNPq*¹, intitulada como:

“A ausência de humanização na relação cotidiana entre aluno e professor na sala de aula. Estudo sobre a influência na qualidade do ensino numa escola pública da periferia de Campinas, SP.”

¹ Programa Interno de Bolsa de Iniciação Científica/ CNPq/ Pró Reitoria de Pesquisa/ UNICAMP - Agosto de 1996/ Julho de 1997.

Que dentre os objetivos e metas destacou:

1) *A construção do perfil do aluno e do professor presentes na sala de aula;*

2) *A análise e observação da influência da metodologia empregada nas relações quotidianas entre aluno e professor na sala de aula;*

3) *O esclarecimento e visualização da influência do contexto periferia na relação pedagógica, e da posição docente diante da carência e heterogeneidade social, econômica, cultural dos alunos;*

4) *A definição da veracidade da afirmação: A ausência de humanização na relação quotidiana entre aluno e professor na sala de aula em escola pública de periferia, influencia diretamente a qualidade de ensino.*

Assim, partindo deste pressuposto, a finalidade desta pesquisa foi abordar a situação interna das relações em sala de aula entre o professor e alunos.

Desta maneira, este estudo firmou-se a partir de visitas, observações e entrevistas em três salas de aula (5^a, 6^a e 7^a séries), com duas professoras de duas escolas estaduais localizadas nos bairros do **DIC III (Distrito Industrial de Campinas)** e **Novo Campos Elíseos**, ambos na periferia de Campinas.

Como resultado parcial deste trabalho concluiu-se que o perfil das professoras e alunos estruturavam-se além das fronteiras escolares, pois resultavam das identidades culturais e sociais de cada um, que em comum tinham somente a negação das capacidades humanas.

Portanto, com relação aos alunos, estes vinculavam seus perfis ao processo de vida escolar que já perpassaram (*repetência, fracasso, comportamento*), além da identidade social e cultural que se enquadravam. Já as professoras, tiveram seus perfis destacados somente com relação aos aspectos *metodológicos e profissionais*.

Sobre a *ausência de humanização* na relação entre alunos e professoras em sala de aula, entendeu-se que isto *se configurava*, na medida que o comprometimento docente centrava-se somente na transmissão do conhecimento, desvinculando este da realidade dos educandos, que não encontravam nenhuma perspectiva de expressão, entendimento ou de relacionamento em sala de aula.

No entanto, compreendeu-se que a *valorização da humanização* perpassa o espaço da sala de aula, tornando-se um desafio, na medida que a sistematização do sistema educacional, que é organizado para atender aos interesses do mercado, acaba por reforçar a formação de indivíduos que se adequem a competitividade, valorizem o esforço pessoal e ignorem o conceito da existência da igualdade social.

Então, com o encerramento desta primeira parte da pesquisa, diversos aspectos foram reconsiderados, dentre os quais destacam-se:

1) Um aprofundamento sobre os seguintes temas: sala de aula, relação pedagógica, humanização, qualidade de ensino e de um novo conceito: a *interdisciplinaridade*, de modo a auxiliar num melhor entendimento sobre o que acontece no universo de pesquisa delimitado, as características e peculiaridades da amostra e/ou sujeitos do estudo, possibilitando, assim, a reconstrução do cotidiano escolar, no interior da sala de aula, além das relações estabelecidas entre professores e alunos, já que cada um devido a sua heterogeneidade apresentam interesses, vivências e experiências distintas que estarão em constante confronto.

2) Ampliação do universo de pesquisa, mas com a definição de *novos critérios para escolha e delimitação*, visando um *estudo comparativo* entre as distintas instituições de ensino. Por esta razão, de duas escolas, agora seriam 4 (quatro), cada uma delas representante de uma Delegacia de Ensino, considerando que Campinas (SP) possui este mesmo número, e Região da cidade que está dividida em 5: Norte, Sul, Leste, Sudoeste, Noroeste.

Com relação a série analisada, decidiu-se que o estudo seria centralizado na 5ª. série, em diferentes disciplinas, com diferentes professores, permitindo uma visão mais genérica sobre a heterogeneidade, as relações, vivências, visões de mundo e entendimento da realidade que professores e alunos se encontram.

3) Reelaboração do perfil dos sujeitos de pesquisa: valorizando diretamente a *identidade cultural, social e escolar de professores e alunos*, deixando de lado o caráter metodológico, profissional e de progressão escolar.

4) Mudança do título da pesquisa, que passa a ser denominado como:

“Humanização e Qualidade de ensino. Estudando a relação entre professor - aluno em escolas públicas da periferia de Campinas, SP.”

No entanto, considerando que a ausência de humanização na sala de aula é um dado concreto, comprovado no trabalho anterior, a presente pesquisa visa estudar as causas e efeitos de tal situação no processo e práticas pedagógicas, e principalmente na *configuração da qualidade de ensino*.

Então, para compreender se a humanização das relações entre professores e alunos são fundamentais para o alcance da qualidade de ensino em escolas públicas da periferia de Campinas, SP (considerando que o enfoque inicial decorreu em tais instituições) novas delimitações, a partir da análise prévia, foram constituídas para este estudo, com destaque:

- 1) *A viabilidade da humanização nas relações entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem;*
- 2) *A integração e interação dos conhecimentos destacados com a realidade escolar e quotidiana de professores e alunos;*
- 3) *O objetivo educacional desenvolvido para a formação dos indivíduos envolvidos na prática e processo pedagógico, frente à realidade social, econômica e às características culturais apresentadas no contexto de periferia;*
- 4) *A influência do contexto social imediato (periferia) no estabelecimento das relações pedagógicas, tendo em vista o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que considere as particularidades quotidianas e escolares de professores e alunos;*
- 5) *O desenvolvimento do diálogo, da reciprocidade dos sujeitos do processo educacional, visando a qualidade de ensino;*

Contudo, a partir destes pressupostos, a pesquisa pôde ser desenvolvida com base nas considerações teóricas e posteriormente metodológicas relacionadas com a temática central de enfoque: ***Humanização e Qualidade de Ensino***, contando agora com o financiamento da ***FAPESP***.

E desta forma, no presente Trabalho de Conclusão de Curso, resultado desta pesquisa, apresenta - se os seguintes aspectos:

Capítulo I: Considerações teórico/ metodológicas.

Destaque à rede de *conceitos* utilizados na pesquisa, além das *correntes e categorias de análise*, constituindo, assim, um *diálogo* com diversos autores, capazes de auxiliarem no entendimento dos objetos de pesquisa.

Capítulo II: Análise e interpretação de dados.

Apresentação, definição e descrição do universo de pesquisa. Análise e interpretação dos dados obtidos, relacionando estes com os conceitos centrais: **humanização e qualidade de ensino.**

Capítulo III: Conclusão.

Finalização do trabalho e entendimento do seguinte questionamento: “A humanização faz parte do cotidiano escolar e das relações pedagógicas? A qualidade de ensino pode ser desenvolvida a partir do estabelecimento da relação entre professores e alunos no interior da sala de aula?”

Capítulo I: Considerações teórico/ metodológicas

Antes de nos determos na questão da “Humanização e Qualidade de Ensino” *no interior da sala de aula*, vê-se relevante um entendimento mais detalhado a cerca da *concepção de Homem, Sociedade, Ideal de Homem e Educação*, além do *Humano, da Humanização, do Humanizar, e das relações humanizantes* entre os homens, pois tais aspectos servirão de referência para uma análise posterior no caso da **sala de aula**, onde professores e alunos se relacionam, e devido a heterogeneidade destes, tais conceitos acabam sendo *filtros polarizadores* para o entendimento do que acontece naquele espaço, na definição do perfil da amostra, e principalmente para a compreensão dos tipos de relações constituídas entre os indivíduos que ali se encontram.

O Homem

É um ser de natalidade e de pluralidade, pois é singular, inédito. Assim, este nasce, cresce, morre, completando um ciclo marcado pelo desenvolvimento biológico, afetivo, social e cultural².

Desta maneira, a maturação biológica, a adaptação ao ambiente externo, de início a família e posteriormente a sociedade, e a relação com a natureza e sua transformação conferem ao Homem a condição de um ser inacabado e em constante busca.

No entanto, o Homem segundo Freire³ (1990:30): “*está no mundo e com o mundo*”, por isso pode também distinguir entre “*um eu e um não eu.*”, tendo condições de tomar iniciativa na busca de algo novo por meio de uma decisão, solicitação ou acordo com um outro, a partir de sua relação com o mundo pelo o que denomina-se de ação humana, que faz da vida do Homem algo em comum.

Contudo, desta ação humana resulta o encontro entre os Homens, tornando tais vidas algo em comum, pois inúmeras reações, por vezes adversas como de descoberta, assentimento, conflito, entre outras, são resultado da existência do que denominamos de indivíduos agentes, porque iniciam algo novo neste mundo em que vieram, e pacientes, pois sofrem as conseqüências do já existente⁴.

Então, neste sentido, CANIVEZ (1991:139) destaca que através da ação o indivíduo existe enquanto humano, pois:

“É apenas aos olhos dos outros que o individuo pode existir como tal individuo, como singularidade. É apenas pela palavra, pela iniciativa, pela reação, pela decisão, que ele revela quem é e dá consistência a esse quem.”

² CANIVEZ, P., 1992, **Educar o Cidadão?**, pp.137-138.

³ FREIRE, P., 1991, **Educação e Mudança**, p.30.

⁴ CANIVEZ, P. op.cit, p.138

Assim, tal revelação e consistência, resultado da ação humana, não implica na conversão dos atos de um indivíduo em exemplo universal, pois este será sempre concreto atuando em uma situação concreta, denominada de vida cotidiana⁵, e definida por HELLER (1992:17) como:

“a vida de todo homem, do homem inteiro, pois este participa nesta com sua individualidade, personalidade (...) colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias, apesar destas não poderem se realizar em toda a sua intensidade.”

Portanto, somente com a participação na vida cotidiana com sua individualidade, personalidade, com o funcionamento de seus sentidos, capacidades, habilidades, ou seja de toda sua totalidade, o Homem tem condições de realizar uma atividade individual, que seja parte integrante do que HELLER⁶ (1992) chama de *“ação total da humanidade que, construindo a partir do dado, produz algo novo, sem com isso transformar em novo o já dado”*, conferindo assim, sua condição particular de criar, recriar e decidir.

Porém, a criação, recriação e a decisão do indivíduo humano enquanto partes integrantes da *“ação total da humanidade”*⁷, dão-se em um processo histórico, este resultado da organização humana nas relações estabelecidas nas esferas de trabalho (relação dos indivíduos com a natureza e sua transformação, possibilitando a criação e recriação do novo e do já estabelecido), política (relação entre os representantes dos indivíduos humanos, sendo esta dependente da tomada de decisão destes), social (relação de organização entre as diferentes uniões dos indivíduos humanos, esta resultante da condição de decisão, criação e recriação do que denomina-se de grupos) e culturais (relação entre as criações e recriações humanas), que inicialmente a partir da singularidade acabam por engendrar a coletividade dos indivíduos humanos.

Desta maneira, a constituição do processo histórico, que parte da singularidade à uma coletividade humana de criação, recriação e decisão, tem por base uma realidade, ou seja concretude, onde os Homens podem inferi-la, pois esta faz parte da vida cotidiana, que segundo HELLER (1992:20): *“não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico”*.

Portanto, tal *“acontecer histórico”*⁸ tem por consequência a formação de uma *“verdadeira “essência” da substância social”* (HELLER, Idem), quer dizer, é aí onde os indivíduos se organizam frente as inúmeras capacidades de adaptação, decisão, criação e recriação, salientando, as diferenças que encontram-se numa

⁵ HELLER, A, 1992, **O Cotidiano e a História**, p.20.

⁶ Idem, p.32.

⁷ HELLER, A. op.cit.

⁸ Idem, p.20

mesma realidade e temporalidade, causando, assim, as reações adversas anteriormente descritas, pois como FREIRE⁹ (1990:33) destaca:

“Uma determinada época histórica é constituída por determinados valores, com formas de ser ou de comportar-se que buscam plenitude.”

Então, na busca desta plenitude as relações entre os Homens se intensificam, de modo, a se constituírem a partir de uma situação proveniente da vida cotidiana, realidade e processo histórico, no qual surge uma nova organização de vida que transcende a singularidade, mas apoia-se na coletividade dos indivíduos humanos, que pode ser compreendida como sociedade, porque segundo FREIRE (1990: 64):

“o homem vai dinamizando o seu mundo a partir destas relações com ele e nele; vai criando, recriando, decidindo. Acrescenta algo ao mundo do qual ele mesmo é criador. (...) E é o jogo criador destas relações do homem com o mundo o que não permite, a não ser em termos relativos, a imobilidade das sociedades nem das culturas.”

Entretanto, é na sociedade que a relação com o mundo, o outro, a realidade encontrada em um processo histórico tomam forma, porque o parâmetro já não está centrado somente no Homem - indivíduo, mas também no Homem - coletivo, que resulta do encontro ou união de valores, crenças, atitudes constituídas a partir da criação, recriação e decisão individual, que refletem-se no contexto coletivo, grupal. Por isso, HELLER (1992: 18) acaba por concluir que:

“O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade em questão.” E pode: “construir uma relação com sua própria particularidade vivida enquanto dado relativo.”

Sociedade

Se a relação do indivíduo com o outro, com o mundo estrutura-se no que chamamos de Sociedade, CANIVEZ (1991: 16) define esta como: *“o conjunto das relações “horizontais” dos indivíduos e dos grupos ”*, ou seja, estas estão ligadas às relações cotidianas, principalmente de trabalho¹⁰ (representante do artificialismo humano, pois é a relação do homem com a natureza e o processo que desenvolve para sua transformação) e troca (produto resultante do processo de trabalho que é comercializado).

No entanto, é na Sociedade que o Homem assimila a forma de manipulação das coisas e das relações sociais através de grupos como escolas, família, comunidades, que segundo HELLER (1992: 19): *“face - to - face estabelecem*

⁹ FREIRE, P., op.cit

¹⁰ Ver: ARENDT, H., 1989, **A Condição Humana**, p.16.

uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras interrogações maiores.”

Contudo, é aí que valoriza-se o lado humano das relações de proximidade, pois as diferentes funções exercidas pelos indivíduos torna-os dependentes uns dos outros. Porém, tais funções definidas como sociais¹¹ são segundo CANIVEZ (1991: 16):

“ hierarquizadas, e todos os indivíduos não dispõem das mesmas vantagens, nem sobretudo do mesmo poder sobre a organização da produção, das trocas e do consumo. ”

Daí, embora os indivíduos não disponham das mesmas vantagens devido ao acesso restrito as técnicas de aperfeiçoamento do processo e instrumentos de trabalho, a relações de troca produtoras de excedente, ou mesmo a capacidade de consumo do que seja produzido, um novo elemento é estruturado para que tenha poderes de organizar e até transformar a Sociedade que será o Estado.

Este, considerado por CANIVEZ (IDEM: 17) como: *“aparelho, instrumento que intervém no jogo espontâneo das relações sociais”* tem por finalidade estabelecer as regras e normas formais aos distintos grupos, indivíduos e comunidades, cujo os valores, crenças, visões de mundo, formas produtivas e culturais são por vezes antagônicas. Assim, o papel do Estado será mediar em um mesmo âmbito territorial e representativo as diversas ideologias, ações existentes.

Então, a partir de uma legislação (a Constituição) que regulamenta a igualdade dos indivíduos, procura-se superar as desvantagens e desigualdades existentes entre os indivíduos no exercício de suas funções sociais. No entanto, direitos e deveres permeiam as leis constituídas segundo os interesses, realidades e processo histórico de cada sociedade em particular, que serão cumpridas de comum acordo entre os indivíduos que a compõe. Daí, provém a regulamentação da igualdade, pois diante das regras e normas estabelecidas todos serão iguais, sem mais ou menos direitos e deveres a serem seguidos.

Entretanto, o Estado é constituído por representantes, denominados por CANIVEZ (1991: 29) de: *“profissionais da política”* que atenderão aos interesses dos indivíduos na esfera pública e privada, assegurando, assim, as relações sociais, produtivas e culturais destes. No entanto, estes representantes, oriundos do meio público, pois todo indivíduo pode ser considerado um governante em potencial, são escolhidos através do voto, tornando deste modo ainda segundo CANIVEZ (IDEM: 31) a: *“participação na vida pública uma possibilidade e não uma obrigação.”*

¹¹ Definição dada por CANIVEZ, op.cit, p.71:

Função Social é: “o trabalho que o indivíduo efetua enquanto elemento do funcionamento da sociedade como um todo.”

Contudo, posterior a formulação das leis, do reconhecimento da igualdade dos indivíduos perante estas, do firmamento dos direitos e deveres, e da garantia de representatividade, estabeleceu-se a necessidade de se respeitar tais critérios para que o indivíduo pudesse ser integrado à vida social¹².

Desta maneira, a integração à vida social pautada na criação, recriação e decisão humana acabou por transformar-se ao longo do processo histórico e da realidade da vida cotidiana, pois os gostos, descobertas, as tendências particulares foram deixados de lado em detrimento ao respeito às regras universais. Como resultado, CANIVEZ (1991: 44) considera que o Homem/ indivíduo a partir disto: “se libera das injunções de sua própria natureza, na medida em que é forçada a dela tornar-se dona.”

Neste sentido, a “maneira humana de existir” destacado por FREIRE (1990: 18) centra-se no “artificialismo humano”(ARENDT, 1989:16)¹³, ou seja, valoriza-se o aspecto do trabalho, da troca e do consumo em detrimento de sua busca e descoberta constante de ser inacabado¹⁴. Por isso, as funções sociais acabam por sobrepor as relações sociais, assim como, a organização econômica prevalece o entendimento e questionamento a cerca do mundo e da realidade cotidiana.

Como resultado desta nova tendência, a Sociedade contemporânea encontra-se condenada ao “*ciclo biológico da produção e do consumo*” (CANIVEZ, 1991: 144), quer dizer valoriza a função social desempenhada pelos homens e figurada pelo trabalho, visando um resultado imediatista, artificial que o leve ao prazer momentâneo do consumo, relegando, neste sentido, os aspectos humanos a um segundo plano.

Decorrente deste fato, no mundo atual o passado (origem) e o futuro (destino) ausentam-se das ações humanas, pois é o presente que determina as relações, o processo histórico e a realidade cotidiana, detendo para si todas as atenções e ansiedades. Por isso, há o culto a novidade e desprezo à memória, o que acaba condenando o indivíduo à repetição, deixando de ceder qualquer espaço à criação¹⁵.

Então, como consequência deste fato, ADORNO¹⁶ (1995: 153) pensa que: “*atualmente a sociedade premia em geral uma não - individuação; uma atitude colaboracionista.*” E assim, a partir desta atitude e culto ao presente e a memória, os indivíduos começam a ser destituídos de suas características humanas de criar,

¹² CANIVEZ, P. op.cit, p.33

¹³ Ver ARENDT, H, op.cit.

¹⁴ FREIRE, P. op.cit

¹⁵ CANIVEZ, P., 1991, op.cit, p.144.

¹⁶ ADORNO, T.W., 1995, **Educação e Emancipação.**

recriar e decidir para atender somente a prática consumista que ameaça as condições humanas de desenvolvimento, e principalmente de sobrevivência¹⁷.

Assim, ao sobressaltar uma atitude colaboracionista e destituidora das características humanas dos indivíduos, a racionalização das relações e dos aspectos humanos acabam por permear as Sociedades modernas, já que a figura do Estado interventor abalou-se, e a economia passou a ditar as regras sociais, produtivas e de consumo, salientando neste sentido, a competição, seja de mercado ou de todos aqueles que possuam e desempenhem alguma função social.

Isto sem dúvida incorporou algumas características à Sociedade moderna que puderam ser destacadas por CANIVEZ (1991: 156) ao considerar que:

1) *Os valores centrais pautam-se: no trabalho, na produtividade, no progresso fundados através da ciência e da técnica;*

2) *Os indivíduos têm o status de trabalhadores que reservam um lugar destacado pela aquisição do saber ou da experiência para a transformação dos instrumentos utilizáveis em um processo de produção e de trocas;*

3) *Os homens são considerados e se consideram coisas.*

Tudo porque os Homens, ainda segundo CANIVEZ (Idem: 146) são:

“objetivados, “coisificados”, identificados à função objetiva que desempenham no conjunto do mecanismo social. Como trabalhadores, não têm valor em si mesmos. Seu valor está na utilidade e, afinal, nas competências, no saber e na experiência, que lhes conferem um “preço”. A existência deles, nesse plano, não tem finalidade em si: estão a serviço do progresso.”

Então, como os indivíduos estão a serviço do progresso, a Sociedade moderna acaba por impor a estes que ninguém na verdade é livre ou dono de si mesmo, porque todos estão confinados em uma rede de dependência e relações de poder, onde acabam por se ratificarem como coisas¹⁸, a fim de favorecer e facilitar o progresso imediatista.

Neste sentido, ADORNO (1995: 181) conclui que:

“a organização social em que vivemos continua sendo heterônima, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo

¹⁷ Ver GENTILI, P., 1997, **Como reconhecer um Governo neoliberal? Um breve guia para educadores** & SILVA, T.T., 1997, **Currículo: uma visão pós estruturalista**.

¹⁸ CANIVEZ, P., op.cit, p.147.

absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônima que se desviou de si mesma em sua consciência.”

Tem-se, portanto, que a heteronomia incutida na sociedade atual leva o Homem (indivíduo) a criar, recriar relações, processos e realidades artificiais, construídas no intuito de substituir a busca natural de si mesmo por funções sociais, pela troca e consumo de bens materiais, deixando para trás a relevância de suas decisões em detrimento de uma atitude colaboracionista. E para tanto, é necessário formar e conscientizar o Homem para a vivência em tal estrutura de sociedade.

O Ideal de Homem e a Educação

Embora a Sociedade contemporânea valorize a premiação, o trabalho e as funções sociais, formalmente os novos indivíduos são preparados para sua individualidade e ao mesmo tempo para sua função na sociedade. Porém, ADORNO (1995: 154) acredita que:

“Do ponto de vista formal naturalmente isto é evidente. Entretanto, acredito apenas que no mundo em que nós vivemos esses dois objetivos não podem ser reunidos. A idéia de uma espécie de harmonia (...) entre o que funciona socialmente e o homem formado em si mesmo, tornou-se irrealizável.”

Então, esta irrealização para a preparação do indivíduo para a sua individualidade e função social, é infundada, a partir da valorização da competição na vida cotidiana, onde através do discurso da mobilidade social justifica-se a exploração máxima dos recursos humanos, para que os indivíduos mais competentes possam desempenhar as funções pelos quais estejam aptos. E neste sentido, tal discurso prospera-se, pois segundo CANIVEZ (1991: 65): *“Cada um deve pois, poder ocupar a função que deseja, contanto que prove sua capacidade.”*

Daí, pode-se evidenciar uma contradição entre a proposta de preparação do indivíduo com a realidade humana e histórica em relação ao ideal de Homem, que deve provar sua capacidade para alcançar a função desejada, embora as concepções e opiniões existentes sejam divergentes e por vezes antagônicas, devido ao contexto social em que o indivíduo insere-se, cujo os valores, crenças e culturas podem tanto prepará-lo quanto adequá-lo para agir e intervir em uma sociedade, grupo, comunidade: conservadora ou revolucionária, nacionalista ou cosmopolita, religiosa ou atéia, capitalista ou socialista, entre muitas outras¹⁹.

Porém, as regras e leis, estas estabelecidas independentes da questão da competência que permeia a vida cotidiana contemporânea e o caráter individual dos indivíduos, também têm o papéis fundamentais na formação do ideal de Homem, pois segundo CANIVEZ (1991: 34):

¹⁹ Ver LUZURIAGA, L., 1969, *Pedagogia*, p.41.

“Sem o hábito de respeitar a lei, nenhum indivíduo pode integrar-se à vida social. (...) Porque participa, diretamente ou por meio de seus representantes, da elaboração dessa lei. Sua obediência é sempre exigida porque não se supõe que ele esteja obedecendo sem compreender e sem julgar.”

Assim, sumariamente tem-se que o ideal de Homem contemporâneo pauta-se na competência para a atribuição de suas funções sociais, no respeito e obediência as regras e leis constituídas em determinada sociedade. E como há uma estrutura organizada historicamente e cotidianamente, então os novos indivíduos necessitam ter acesso às noções básicas da forma de estabelecimento das relações, dos processos produtivos, das normas, crenças, valores anteriores para que possam se adaptar ao que já existe, e consequentemente desenvolver uma determinada aptidão, que neste sentido BECKER²⁰ (1995: 144) compreende que:

“Evidentemente a aptidão para se orientar no mundo é impensável sem adaptações.(...) A adaptação não deve conduzir à perda da individualidade em um conformismo uniformizador.”

Por isso, para que o indivíduo se adapte, sem perder sua individualidade, ao já existente e desenvolva uma determinada aptidão, a educação é destacada e encontrada como alternativa ideal para a sociedade, pois segundo LUZURIAGA (1969: 43):

“a educação é uma função real e necessária da sociedade humana, pela qual se busca desenvolver ou facilitar o desenvolvimento da vida do homem, e introduzi - lo no mundo social e cultural, apelando para sua própria atividade.”

Além disto, ao mesmo tempo que adapta às necessidades da sociedade, é também uma necessidade para esta, porque como afirma LUZURIAGA (IDEM: 28):

“Essa função deve ser exercida para que a sociedade alcance sua finalidade. Assim, realizar essa adaptação na educação constitui necessidade sempre operante da sociedade.”

E desta forma, a necessidade configura-se como operante porque a educação ainda segundo LUZURIAGA (IDEM: 41):

“É reflexo da sociedade; é produto de sua história e espelho de seu estado atual. A sociedade procura formar as novas gerações, de acordo com seus modos de vida; submete o ser juvenil à pressão de seus costumes, crenças e leis.”

²⁰ In ADORNO, T. W., 1995, **Educação e Emancipação**.

E diante de tais pressões aos quais se submetem crianças, jovens e até adultos, a educação poderá ser utilizada como um mecanismo conservador ou revolucionário frente aos costumes, crenças e leis. Por isso, a educação será considerada conservadora segundo CANIVEZ (1991) quando: *“deve conservar a herança de saber e de experiência recebida do passado e transmiti-la às novas gerações”* (p.141), pois está ligada à ação, ao permitir que as jovens gerações encontrem seu lugar no mundo para terem condições de iniciarem algo novo a partir do que já existe.

No entanto, será revolucionária quando sua proposta inicial será de romper e desprezar o passado, as tradições e a cultura, cedendo espaço somente para o novo, destruindo a capacidade de inovação das novas gerações. Diante disto, CANIVEZ (IDEM: 143) fundamenta que:

“ao romper com a cultura e as tradições, priva de fato as crianças do solo no qual elas podem apoiar-se para inventar. É um fator de conformismo, porque, ao se desinteressar do mundo, ela o abandona com certeza ao envelhecimento mais do que ao transmitir as tradições que outros continuarão criticando - as e representando - as.”

Entretanto, considerando a educação tradicional ou revolucionária, o desenvolvimento do Homem decorrerá, mas com alguns riscos, pois LUZURIAGA (1969: 34) destaca que:

“o desenvolvimento do homem não se verifica isoladamente, mas sim em função ou relação com o meio ou mundo em que vive. Assim, pode o desenvolvimento humano ser favorecido ou dificultado por esse mundo circunstante, e a educação deve cuidar deste, como da parte individual da vida do homem.”

Porém, apesar da demasiada importância dada pela Sociedade contemporânea à educação, as orientações que a precedem segundo SAVIANI²¹ (1998: 230):

“combinam um discurso que reconhece a importância da educação com redução dos investimentos na área e apelos à iniciativa privada e organizações não governamentais, como se a responsabilidade do Estado em matéria de educação pudesse ser transferida para uma etérea “boa vontade pública”.”

E assim, diante deste novo discurso rompe-se com o tradicional (A seguridade de Direto e de Dever à educação) e institui-se o novo (Educação responsabilidade coletiva, pública), na medida que o Estado cede espaço para as funções sociais, aspectos econômicos, regras de mercado, que em detrimento de benefícios imediatistas assegurados pela produção, poder de troca e consumo, tem

²¹ SAVIANI, D., 1998, *A nova lei de educação: trajetória, limites e perspectivas*.

como ideal de Homem um indivíduo que seja útil à coletividade, respeitador das regras universais, enquanto à Educação, apesar da redução de investimentos e sua entrega aos cuidados das leis de mercado, lhe cabe garantir a homogeneização dos indivíduos através da superação de suas naturezas humanas frente às realidades objetivas planejadas e configuradas no cotidiano da Sociedade .

Portanto, o Homem que segundo FREIRE (1990: 60): “*deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante*” encontra-se em um processo de coisificação, devido a perda de sua capacidade particular de decidir, criar e recriar, na medida que vive para um coletivo em desigualdade, pois é um mero colaborador dos interesses mercadológicos de determinados grupos, comunidades ou indivíduos, o que o faz deixar o sentido e aspecto humanos em última instância, pois vive, produz e resulta algo para atender aos desejos e necessidades alheias.

O Humano, a Humanização e o Humanizar:

As relações humanizantes entre os homens, no caso da sala de aula: professores e alunos

Se atualmente o Homem vive para produzir e resultar algo que atenda aos desejos, interesses e necessidades alheias, então, a natureza humana passou a ser configurada pela dicotomização da racionalidade, moralidade, sociabilidade e sensibilidade dos indivíduos, desconsiderando, assim, a realidade humana como uma. Por isso, ao perder sua unicidade a partir da determinação de uma possível divisão biológica, social, econômica e política do Homem, este acabou por se desumanizar, ou seja de sua totalidade restaram apenas fragmentos. E este fato justifica-se segundo CASTRO²² (1980: 2) porque:

“Em nossa sociedade tecnológica as condições de vida mecanizada e automatizada estão cada vez mais fazendo o homem perder a sua identidade humana, e sua sensibilidade. (...) Os valores humanos estão sendo corrompidos progressivamente. Os sistemas sociais e suas bases institucionais estão desligados da experiência humana...”

Embora os valores humanos sejam corrompidos e a experiência humana é ignorada entre os sistemas sociais e bases institucionais, o **Humano** continua a ser definido segundo LAROUSSE²³ (1988: 3102) como o: “*Que tem as características de homem, tomado enquanto espécie: raça humana.*”; a **Humanização** como: “*Ato de humanizar-se (Tornar-se humano)*”; e **Humanizar** como: “*Tornar humano, dar estado ou condições de homem.*”

E neste sentido, tais conceitos acabam por considerar o Homem em sua totalidade. Entretanto, estes somente tomam sentido a partir das **relações humanas**, onde o *Humano* está inserido, a *Humanização* evidencia-se nos **atos e**

²² CASTRO, M.N., 1980, **Afetividade no Ensino - um enfoque humanista.**

²³ LAROUSSE CULTURAL, 1988, **Enciclopédia**, p. 3102.

ações, e *Humanizar* implica nas **conseqüências** resultante da estrutura do sistema social e institucional existentes em uma determinada sociedade.

Assim, considerando as relações humanas como aquela estabelecida entre os homens, que apresentam valores, crenças, culturas, entre outros fatores, particulares, tem-se que estes estão sempre em constante integração, porque *nenhum indivíduo é sozinho*, pois segundo HELLER²⁴ (1992: 22):

“o indivíduo é um ser singular que se encontra em relação com sua própria individualidade particular e com sua própria genericidade humana; e nele, tornam-se conscientes ambos os elementos.”

Contudo, no decorrer do estabelecimento das relações humanas, a vida cotidiana confere diversas alternativas e escolhas aos indivíduos frente aos fatos e acontecimentos da realidade histórica, social e cultural em que se encontram. Então há a confrontação de interesses, pensamentos e atitudes, ou seja, das particularidades individuais. Por isso, quando o homem possui condições de escolher sua comunidade e seu próprio modo de vida, HELLER (1992:22) destaca que:

“no interior das possibilidades dadas, (...) ele pode construir uma relação com sua própria comunidade, bem como uma relação com sua própria particularidade vivida enquanto dado relativo.”

Desta maneira, a construção de uma relação **com** a comunidade concomitante a própria particularidade do indivíduo acabam por auxiliar o desenvolvimento da experiência humana, na medida que este necessita adaptar-se a partir de suas qualidades pessoais, denominadas aptidões, no grupo ou comunidade escolhida, o que facilita, assim, sua orientação e reflexão a cerca destes. Portanto, diante deste fato BECKER²⁵(1995:150) considera que: *“Sem aptidão a experiência não existe propriamente um nível qualificado de reflexão.”*

Entretanto, quando a experiência humana envolve uma orientação e reflexão sobre **o mundo e o contexto em que o indivíduo se insere**, a interação humana passa segundo LAPLANE²⁶ (1997: 14) a ser :

“em grande parte simbólica, envolvendo a interpretação constante dos próprios atos e dos atos dos outros. Isto resulta na construção conjunta de uma definição para cada situação.”

E tal simbolismo somente adquire sentido quando o Homem estiver envolvido na relação com o outro em toda a sua totalidade. Daí, provêm a relevância do papel da educação que D'AMBRÓSIO (1998: 2) entende como:

²⁴ HELLER, A ., op.cit.

²⁵ In ADORNO, T.W., op.cit.

²⁶ LAPLANE, A . L. F., 1997, **Interação e Silêncio na Sala de Aula.**

“a estratégia desenvolvida pelas sociedades para (I) possibilitar a cada indivíduo atingir seu potencial criativo e (II) estimular e facilitar ação comum, com vistas a viver em sociedade (...), a preparação para a vida em sociedade.”

E para que isto decorra, é essencial que os anseios do indivíduo possam ser respondidos, a fim de, segundo D'AMBRÓSIO (1998: 2): *“combinar o individual e o social. Não priorizar um sobre o outro, mas trata - los como dois aspectos, não excludentes e mutuamente essenciais, do comportamento humano.”*

Deste modo, através da educação, o Humano, com sua pluralidade e particularidade, pode expressar e confrontar seus valores e experiências, de modo a facilitar a adaptação e aplicação das aptidões humanas frente ao desenvolvimento planejado (educação) para interação na sociedade.

O Educador e os Educandos **(Professores e Alunos)**

Ambos indivíduos integrantes e participantes de um processo educativo e institucionalizado, constituído pela escola, onde o principal objetivo será a socialização dos educandos a partir da vida escolar, visando assim, destacar a formalização das relações inter-individuais e sociais destes, além do desenvolvimento de suas totalidades.

Entretanto, educadores e educandos *são resultado das relações estabelecidas fora do âmbito escolar*, onde perpetuam-se valores, crenças, conhecimento de mundo muitas vezes distintos, pois a desigualdade social, econômica, além das diferenças culturais, regionais e a própria formalização do processo histórico dão-se antagonicamente em virtude da diversidade de grupos, comunidades, e interesses. No entanto, o único elo de aproximação e de igualdade dá-se a partir das leis regimentais de cada sociedade, fundamentadas, por exemplo em uma Constituição, que confere direitos e deveres iguais aos distintos indivíduos.

Porém, tal igualdade é decorrente sobre a interveniência até outrora do Estado, mas que nos dias atuais é diretamente influenciado pelos mercados e blocos empresariais, que exercem uma determinada autoridade sobre os indivíduos para que as regras e leis estabelecidas sejam cumpridas.

Então, neste sentido, a escola, reflexo da estrutura social e regimental da sociedade, segundo CANIVEZ²⁷ (1991: 33) coabitará: *“seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra.”* Consolidando, assim, valores existentes em uma hierarquia social e política *fundada nas relações humanas* e na representatividade dos indivíduos.

²⁷ CANIVEZ, P, 1991, **Educar o Cidadão?**.

Assim, a igualdade preterida nas leis e regras aos distintos indivíduos no firmamento das relações humanas, de produção, troca e consumo, é destacada pela escola no que CANIVEZ (Idem: 43) denomina de “*senso de igualdade*”.

Portanto, intermediados pelo “senso de igualdade” o educando e até o educador devem ainda segundo CANIVEZ, (1991: 44) :

“superar seus gostos, suas tendências particulares, as inclinações do seu psiquismo, para respeitar regras universais, isto é, para agir de modo admissível e aceitável por todos. (...) Se liberando das injunções, de sua própria natureza, na medida em que é forçada a dela tornar-se dona.”

Contudo, decorrente da instituição do “senso de igualdade” na escola, educadores e educandos encontram-se inseridos, no que BECKER²⁸ (1995 : 144) considera como um “*sistema educacional referido apenas no indivíduo*”, e numa educação “*sustentada na crença de poder eliminar o indivíduo*”, na medida que ambos devem desconsiderar suas naturezas em detrimento da coletividade, das regras universais e interesses alheios.

Entretanto, educadores e educandos têm condições de superar a organização vigente de um sistema educacional voltado ao universalismo e individualismo, a partir da forma como constituem suas relações no interior das salas de aula, pois ali segundo ZUBEN²⁹ (1986: 118) é o:

“Espaço de ação constituído pelas articulações e contradições entre o eu e o outro, passado e futuro, tradição e revolução, criatividade e conformismo, fala dialógica e impositora, e a difusão de idéias entre pessoas e sobre as pessoas.”

Além disso, é neste espaço que a vida dos indivíduos pode ser inovada, devido o contato com o outro, que dá-se através da composição da trama histórica dos indivíduos, pois a sala de aula é um local de pluralidade e diálogo com o mundo e com os outros.

No entanto, a relevância das relações entre educadores e educandos, estas também destacadas como pedagógicas, no interior das salas de aula tem por fim além do aprendizado da convivência com o outro, a *interação* destacada por PEREIRA, LEITE & CAVOUR³⁰ (1991 : 289) como:

“a prática dialógica, a especificidade de funções e papéis, a tarefa comum e sobretudo, a ação refletida” entre educador , educandos e os conhecimentos

²⁸ IN ADORNO, T.W., 1995, **Educação e Emancipação**.

²⁹ ZUBEN, N. A .V., 1986, **Sala de aula: da angústia de labirinto à fundação da liberdade** In MORAES, R., 1986, **Sala de aula que Espaço é esse?**.

³⁰ PEREIRA, M.C.I, LEITE, M. T. M., CAVOUR, R.M.A, Agosto 1991 , **A interdisciplinaridade no fazer pedagógico**, p 286 - 296 In Revista **Educação e Sociedade**, número 39.

humanos essenciais para o entendimento e compreensão do que já existe no mundo.

Então, tal *interação* resultará em uma prática pedagógica, que representa um processo de ensino e aprendizagem, e num fazer pedagógico em que PEREIRA, LEITE & CAVOUR (1991: 290) definem que: *“pressupõe uma intencionalidade para a aquisição de um novo saber; pressupõe, portanto, ensino (...) mútuo e recíproco.”*

Portanto, tal *prática e fazer pedagógicos* objetivam o pensar, o criar e uma aprendizagem que aborde a realidade, ampliando, assim, a leitura do real, onde o conhecimento modifique o agir, a fim de gerar uma transformação.

Dáí, a necessidade destes processos configurarem-se através do grupo e com este num processo de interação. Assim, em sala de aula educandos e educador não estão sozinhos em suas tarefas, mas segundo FREIRE³¹ (1990: 28): *“em comunhão e busca.”*

E para que esta “comunhão e busca” se legitime o processo grupal ainda é essencial, pois para PEREIRA, LEITE & CAVOUR (1991: 291):

“ele recupera para a aprendizagem o caráter social da produção do conhecimento. Permite o intercâmbio de informação, de experiências vitais, o confronto de estilos de aprendizagem. Informação, experiências e estilos que podem ser processados e articulados numa síntese grupal enriquecedora para todos e para cada um dos integrantes.”

No entanto, para que o processo e a atividade grupal entre educador e educandos possa recuperar a aprendizagem como um caráter social de produção do conhecimento, uma relação dialógica transforma-se em ponto de partida para a *“comunhão e busca”*³² **entre ambos**, pois segundo BUBER³³ (1982: 52) no estabelecimento de um diálogo autêntico:

“cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva.”

Então, somente a partir da reciprocidade os conhecimentos destacados no processo de ensino e aprendizagem podem despertar o interesse e a participação de educador e educandos, de modo a facilitar a troca de experiências, vivências, visões de mundo que auxiliarão na reflexão, questionamento e entendimento a cerca do mundo, do contexto social, econômico, político e cultural, no qual se inserem. Entretanto, esclarece-se que os conhecimentos abordados em sala de aula

³¹ FREIRE, P., 1990, **Educação e Mudança**.

³² FREIRE, P. op.cit, p. 28.

³³ BUBER, M., 1982, **Do Diálogo e do Dialógico**.

e as estratégias de ensino e aprendizagem desenvolvidas e intermediadas pelo diálogo e a reciprocidade não garantem exclusivamente o acesso a todas habilidades específicas e currículos fundamentais aos educandos, e até aos educadores devido a mera exposição, pois segundo LAPLANE³⁴ (1997: 22):

“O processo de transmissão de conhecimento, a forma que o conhecimento toma e o acesso a ele são definidos socialmente.”

Por isso, as relações estabelecidas entre educadores e educandos também serão *influenciadas pelas definições e relevância sociais dadas à transmissão do conhecimento, sua finalidade e acesso*, mesmo que o “*senso de igualdade*”³⁵ seja parte integrante do sistema e organização educacional, pois todos aqueles que estão envolvidos na prática e fazer pedagógicos resultam dos mais variados grupos, comunidades e interesses. E isto decorre, segundo GADOTTI³⁶ (1986 : 105), porque:

“a escola é dinâmica. O sistema educacional, por mais inflexível que seja, também sofre a dinâmica do próprio movimento da sociedade.”

Assim, se para determinado grupo as relações pedagógicas devem promover a solidariedade para outros a competição é o cerne para o estabelecimento destas. Então, diante de tanta controvérsia e choque de valores, caberá ao educador compreender seus educandos, de modo a permitir uma sintonia e troca de conhecimentos, informações conjuntas essenciais para o desenvolvimento de um fazer e prática pedagógicos reflexivos e questionadores.

Desta maneira, ao educador restará direcionar seu trabalho entre uma ação educativa conservadora: que CANIVEZ (1991) considera como aquela em que se assume a realidade, tal como ela é, tendo em vista sua descrição. Onde aos educandos sempre é apresentado um mundo mais velho que eles, o que faz da transmissão do saber um conjunto de conhecimentos e tradições, considerados herança às novas gerações, que a partir do contato com estas poderão inovar, ao se abrir uma perspectiva futura de escolha para que encontrem seu lugar no mundo, dando continuidade, aperfeiçoando e até transformando a herança deixada; e educativa revolucionária: onde devido ao desprezo ao passado, as tradições, a capacidade de inovação será comprometida, pois a idéia de novidade toma lugar da inventividade dos educandos, na medida que já existe alguém para estabelecer o novo.

Dai, se a ação educativa for conservadora para CANIVEZ (IDEM : 143), esta assim o será para: “*que o mundo possa evoluir*”; e ao propor-se a uma perspectiva revolucionária desencadeará no educando: “*um fator de conformismo, porque ao se desinteressar do mundo, ela o abandona com certeza ao*

³⁴ LAPLANE, 1997, **Interação e Silêncio na sala de aula**.

³⁵ CANIVEZ, P., 1991, **Educar o cidadão?**, p.43.

³⁶ GADOTTI, M., FREIRE, P., GUIMARÃES, S., 1986, **Pedagogia: Diálogo e Conflito**.

envelhecimento mais do que ao transmitir as tradições que outros continuarão, criticando - as e repensando - as.”

Então, além da escolha de uma ação educativa, o papel do educador, é segundo FREIRE³⁷ (1986: 64): *“histórico e social”*, por isso GADOTTI³⁸ (1986: 76) destaca que o educador é um dirigente da aprendizagem, pois: *“Ele se educa com o educando.”*

No entanto, educador e educandos não são iguais, segundo as considerações de FREIRE (IDEM: 76), porque:

“A diferença se torna antagônica quando a autoridade do educador, diferente da liberdade do educando, se transforma em autoritarismo.”

Então, educadores e educandos tornam-se partes integrantes de um todo, na medida que são dependentes entre si na constituição de um processo e fazer pedagógicos que os oriente no mundo em suas totalidades.

Os conceitos centrais seguem abaixo:

Humanização

Considerando que a relação entre educador e educandos deva ser constituída a partir de um diálogo, que vise a evidenciação das diferenças como caminho inicial para o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem participativo e questionador, a humanização seja da relação, fazer e prática pedagógica implica na valorização do humano e do mundo humano ao considerar a realidade social, cultural e econômica distinta e heterogênea de ambos.

Se a **humanização** segundo HOLANDA³⁹ (1986 : 254) é definida como: *“o ato ou efeito de humanizar, ou seja de tornar humano, oferecer condição humana, fazer adquirir hábitos sociais”*, então ela também objetiva como destaca CASTRO⁴⁰ (1980:17):

“solucionar as questões educacionais e escolares como a desumanização das relações entre professores e alunos e o problema da dicotomização entre o intelectualismo científico e os sentimentos humanos.”

Assim, a humanização da relação, do fazer e prática pedagógicas conduz a uma educação humanizante que ao destacar a realidade dos educandos e educadores, contribuirá na intervenção destes no mundo real, cotidiano, pois ao respeitarem as relações estabelecidas com o mundo e com os outros, abrem caminho para a realização de suas próprias escolhas através da autonomia. Além disso, a humanização visa contribuir à criticidade, questionamento e constituição

³⁷ IDEM.

³⁸ IDEM.

³⁹ HOLANDA, A. B., 1986, **Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa.**

⁴⁰ CASTRO, M. N. C., 1980, **Afetividade no Ensino - Um enfoque Humanista.**

da identidade pessoal e profissional de educadores e educandos, que ao integrarem suas totalidades têm possibilidade de explorarem seus distintos interesses e aptidões, coletivizando - os sem que se perca a essência humana de criar, recriar e decidir sobre o já existente, algo novo.

Neste aspecto, CASTRO (IDEM: 9) destaca que a humanização em educação visa:

“ajudar o aluno a fazer suas próprias escolhas, integrar o domínio afetivo ao cognitivo procurando tratar o aluno como uma pessoa inteira; relacionar positivamente professor - aluno e aluno - aluno; ajudar os alunos a serem eles mesmos; fazer com que a aprendizagem seja realmente uma função das necessidades inerentes do indivíduo; ajudar o crescimento ou auto - realização do aluno...”

Entretanto, além dos aspectos afetivos, cognitivos e sociais, educadores e educandos estarão veiculando valores que refletirão diretamente no estabelecimento das relações entre estes, e no processo de ensino - aprendizagem, pois ainda segundo CASTRO⁴¹ (1980: 117) estes:

“estão intimamente relacionados com o aspecto afetivo da pessoa. (...) Tanto os alunos como os professores têm uma maneira de ver o mundo ou conjunto de valores, através dos quais cada um interpreta os fatos e cataloga as informações.”

Desta forma, compreende-se que **a humanização do processo educativo**, englobando aí: **relações, práticas e fazeres pedagógicos**, centra-se nas necessidades inerentes aos indivíduos, envolvendo-os inteiramente como pessoas, o que a confere como essencialmente humana.

Então, além do diálogo, do confronto dos valores, entre outros aspectos, a humanização do processo de ensino e aprendizagem configuram-se, de acordo com os apontamentos de CASTRO (IDEM: 22), a partir das seguintes condições:

1) Ambiente de aprendizagem que explore a flexibilidade, honestidade;
2) Constituição de currículos que atendam as necessidades do indivíduo como pessoa, ajudando - o a relacionar-se com o mundo real e que esteja voltado também para a aprendizagem de valores, interesses, apreciações;
3) Estruturação de meios que valorizem o respeito a relação pessoa - mundo e a interação pessoa - pessoa;
4) Desenvolvimento da relação professo - aluno num clima de liberdade, aceitação mútua, autenticidade, confiança e otimismo;

⁴¹ CASTRO, M. N. C., op.cit.

Com relação ao conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, a humanização deste perpassa pela substituição de sua ênfase em detrimento das necessidades pessoais do alunos, porque como destaca CASTRO (1980: 25):

"Ligam-se os conteúdos não só a habilidades, mas também à própria experiência envolvida no tratamento daquilo que vai ser aprendido. É difícil a delimitação rígida entre conteúdo e outros meios para a organização do ensino."

Entretanto, humanização do processo educacional preocupa-se com a valorização do homem, pois este é a ação social decorre através dele. Assim, o ensino se pautará, de acordo como CASTRO⁴² (1980: 27) descreve:

- | |
|---|
| <i>1) Nos problemas fundamentais apresentado pelos alunos, que será o centro do processo de ensino;</i> |
| <i>2) Em um ambiente não avaliativo, a fim de favorecer a adaptação do aluno as novas situações propostas;</i> |
| <i>3) No desenvolvimento da auto - percepção e da percepção do outro, que auxiliará no desenvolvimento humano corporal, pessoal e interpessoal;</i> |
| <i>4) Na representação da relação pessoa - mundo dentro de uma sociedade livre, responsável, humana;</i> |
| <i>5) Na análise dos fracassos escolares através das exigências interpessoais, de modo a permitir que o aluno se perceba como pessoa valiosa para si e para os outros;</i> |
| <i>6) Na aquisição do conhecimento pela experiência;</i> |
| <i>7) Em um clima de desenvolvimento pessoal e calor humano no processo de ensino - aprendizagem e apoio ao aluno no sentido de que se aprenda a lidar com suas necessidades básicas.</i> |

Portanto, a humanização do processo educativo tem por finalidade contribuir, de acordo com as considerações apontadas por CASTRO (1980: 28):

- | |
|--|
| <i>1) Na redução e eliminação das situações desumanizantes na escola e salas de aula, pois o educando será sempre tratado como pessoa e não como objeto;</i> |
| <i>2) Na re - examinação dos valores que terão a oportunidade de serem clarificados e modificados;</i> |
| <i>3) Priorização da auto - expressão;</i> |
| <i>4) No conhecimento do "eu" que será estimulado, na medida que é tão importante quanto o conhecimento do mundo</i> |
| <i>5) Como auxílio emocional pela escola ao educando, ao propiciar maiores condições para o desenvolvimento deste como uma pessoa inteira.</i> |

⁴² CASTRO, M. N. C., op.cit.

Sendo assim, a humanização no processo educativo deve ser compreendida como uma incessante atividade, sempre variada e em mudança por meio do qual nos ajustamos ao real, para que desta maneira, possa influenciar na qualidade de ensino ao propor a discussão, reflexão e a unicidade das diferenças humanas seja em sala de aula, no ambiente escolar ou até mesmo na sociedade, pois os indivíduos se integram e se interagem no mundo transformando ou legitimando a organização e estrutura vigente da Sociedade.

Qualidade Educacional⁴³ e Cidadania

Qualidade, termo de difícil entendimento nos dias atuais, mas que é empregada copiosamente na área educacional, principalmente com referência aos sistemas escolares e de ensino.

Neste sentido, ENGUITA⁴⁴ (1994) considera que o termo qualidade é empregado em qualquer proposição relativa à conservação, melhora ou mudança de algo ou indivíduo. Hoje, a qualidade alcançou notória centralidade ao substituir as problemáticas da igualdade e igualdade de oportunidades. Mas na área da educação foi introjetada posteriormente à difusão das massas ao sistema escolar, tendo em vista o desenvolvimento de um patrimônio capaz de garantir e facilitar o acesso dessa massa. Porém:

“Hoje em dia se identifica antes com os resultados obtidos pelos escolares, qualquer que seja a forma de medi - los: taxas de retenção, taxas de promoção, egressos dos cursos superiores, comparações internacionais do rendimento escolar, etc.” (ENGUITA, 1994: 98)

Então, qualidade está atrelada à lógica da competição de mercado, pois se anteriormente era considerado sinônimo de igualdade de oportunidades, tendo em vista e enfatizando o comum, agora a ressalta -se a diferença, esta requisito básico para se atender ao modelo de mercado. Assim, ENGUITA (IDEM: 107) analisa que:

“O que a expressão “qualidade” conota é que algo distingue um bem ou serviço dos demais que o mercado oferece para satisfazer as mesmas ou análogas necessidades.”

No entanto, em uma perspectiva de humanização do processo educativo, qualidade educacional pode ser compreendida como uma passagem das melhorias quantitativas às qualitativas, tendo por finalidade a sintonia entre o conhecimento intelectual e pessoal, resultantes das vivências, experiências de educandos e

⁴³ *Qualidade Educacional é empregado no lugar de qualidade de ensino, apesar desta ser considerada um dos pontos centrais na pesquisa, pois engloba o processo de ensino - aprendizagem, prática e processo pedagógicos, além das relações entre professores e alunos.*

⁴⁴ ENGUITA, M. F., 1994, **O Discurso da qualidade e a qualidade do discurso.** In GENTILI, P., SILVA, T.T., **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: Visões Críticas.**

educadores, que através do diálogo possam aprender uns com os outros, estabelecendo, assim, uma relação de reciprocidade, em que o conhecimento unilateral sintonize-se com o coletivo, auxiliando no desenvolvimento do conhecimento e do mundo humano, a partir da integração e interação dos currículos, conteúdos, metodologias e processo de ensino - aprendizagem que valorizem o humano e a totalidade dos indivíduos.

Desta maneira, tanto a *humanização* do processo educativo quanto a *qualidade educacional* se fundamentarão no interior das salas de aula, quando a realidade de educandos e educadores for considerada, pois os currículos, conteúdos e atividades deverão atender as necessidades destes enquanto pessoas, para que favoreça a intervenção de ambos no mundo real, ao valorizarem o respeito da relação pessoa - mundo e a interação entre as pessoas. E para que isto decorra a interdisciplinaridade transpõe-se como alternativa para a viabilização de tal feito.

Compreende-se, portanto, a interdisciplinaridade como a integração, ou melhor a organização tanto das diversas disciplinas quanto dos conhecimentos parciais e específicos, a partir da interação entre educadores e educandos, metodologias e conteúdos, segundo FAZENDA⁴⁵ (1979). Porém, JAPIASSU⁴⁶ (1976: 29) a define como o diálogo das disciplinas que auxiliarão na interpretação global da existência humana através da compreensão da experiência, pois: *“se impõe também tanto para a formação do homem, quanto para responder as necessidades da ação”*, onde sua valorização acaba por conflitar com a fragmentação do saber, pois conhecimento e ação se integram.

Contudo, é postura, intenção e desafio, de acordo com Pereira, Leite & Cavour⁴⁷ (1991: 287), pois visa contribuir: *“para uma práxis humanizada, humanizante, humanizadora”* que proponha a busca da *tarefa comum* entre educadores e educandos através da realização do questionamento, da igualdade e tarefa grupal, onde cada um recuperará o seu próprio saber e experiência junto ao outro.

Por isso, a interdisciplinaridade centra-se segundo GONÇALVES⁴⁸ (1994:468):

“em um projeto educativo e em uma prática pedagógica voltados para a formação de um novo tipo de homem: crítico, consciente, capaz de participar,

⁴⁵ FAZENDA, I.C.A., 1979, **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia.**

⁴⁶ JAPIASSU, H., 1976, **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.**

⁴⁷ PEREIRA, M.C.I, LEITE, M.T. M., CAVOUR, R.M.A, Agosto 1991, **A interdisciplinaridade no fazer pedagógico**, p 286 - 296 In Revista **Educação e Sociedade**, número 39.

⁴⁸ GONÇALVES, F.S., 1994, **Interdisciplinaridade, construção coletiva do conhecimento: concepção pedagógica desafiadora**, in **Educação e Sociedade**, número 49, p. 468 - 484.

conquistar sua autonomia, questionar a ordem vigente, que organiza-se e empenha-se na luta pela transformação da sociedade.”

Têm-se, portanto, que a interdisciplinaridade constituída em meio a humanização do processo educativo e qualidade educacional, possibilita o resgate do clima de solidariedade através da passagem da minha descoberta para nossa descoberta, gerando um aprofundamento do compromisso entre estes sujeitos, pois segundo Pereira, Leite & Cavour⁴⁹ (1991: 292):

“os conceitos deixam de ser abstratos para serem reais em virtude da ação - reflexão - ação, que permitirá a passagem da dependência à autonomia, da passividade à ação, da rivalidade à cooperação.”

Então, a interdisciplinaridade como destaca FAZENDA⁵⁰ (1979) torna-se uma necessidade básica para se conhecer e modificar o mundo através da concretização de um ensino, onde as barreiras entre as disciplinas e os indivíduos sejam eliminadas, para que através do trabalho coletivo possa-se auxiliar na formação de um indivíduo também preocupado com os interesses coletivos.

E com referência aos interesses coletivos, a humanização do processo educativo e a qualidade educacional objetivam-se elementarmente na formação do cidadão ativo, pois considerando todo e qualquer indivíduo como um governante em potencial é necessário prepara - lo, além das funções sociais que lhe serão atribuídas, para uma possível representatividade na sociedade.

Assim, ao definir cidadania segundo CANIVEZ (1991: 15)⁵¹ como: *“a pertença a um Estado. Ela dá ao indivíduo um status jurídico, ao qual se ligam direitos e deveres particulares”*, estes resultantes do modo de crença, vida e pensamento de uma determinada sociedade.

Neste sentido, CANIVEZ (IDEM: 23)⁵² destaca que cidadão é hoje: *“em primeiro lugar um trabalhador: e é pelo trabalho que ele ocupa um lugar na comunidade e conquista direitos políticos.”*

Porém, apesar dos direitos políticos serem conquistados e determinados direitos garantidos, o cidadão pode ser politicamente passivo, sendo sempre governado, sem nunca governar. Por isso, CANIVEZ (IDEM: 154) considera que:

“é então tanto mais ativo quanto mais próximo estiver dos centros de decisão. Em outras palavras, é tanto mais ativo quanto mais participar do governo.”

⁴⁹ PEREIRA, M.C.I, LEITE, M.T. M., CAVOUR, R.M.A, op.cit.

⁵⁰ FAZENDA, I.C.A, op.cit

⁵¹ CANIVEZ, P., 1992, *Educar o Cidadão?*, pp.137-138.

⁵² CANIVEZ, P., Idem.

E essa participação do governo dependerá de um cidadão que:

“pensa os problemas políticos independentemente de qualquer militarismo, é ativo ao participar da discussão em qualquer lugar que seja. Ao ajudar os outros a compreenderem os problemas, ele contribui para a formação de uma opinião pública que não se contenta em suportar uma política mas que, conforme o caso, recusa - a em função de critérios definidos, ou lhe traz uma adesão ativa e contribui assim para seu êxito.” (CANIVEZ, 1991:156)

Dai, é na escola, e fundamentalmente na sala de aula através da relação entre educadores e educandos, da prática, de fazer pedagógicos e processo de ensino - aprendizagem que tais aspectos permearão. Assim, de acordo com a proposta educativa, e concepções adotadas pela instituição escolar, educadores e famílias dos educandos, a formação dos indivíduos os projetarão à uma passividade ou ação frente as inquietações, decisões e propostas direcionadas aos interesses da coletividade. Além disso, como destaca ENGUITA⁵³ (1994: 107) a qualidade educacional poderá resultar numa aparente desigualdade, na medida que esta será concedida: *“não o melhor (em vez do mesmo ou de menos) para todos mas para uns poucos e igual ou pior para os demais.”*

Contudo, a humanização de um processo educativo visando uma qualidade educacional destacam a formação de um cidadão ativo, capaz de exigir pela conquista coletiva de uma cidadania plena, ou seja aquela em que os indivíduos tenham uma representatividade política que assegure os seus interesses, onde suas ações sejam coletivizadas em detrimento do valor e defesa do caráter humano, contribuindo, portanto, na seguridade dos direitos humanos, sociais, políticos e culturais.

Metodologia

A partir da definição das concepções de: Homem, Sociedade, Ideal de Homem e Educação, do Humano, da Humanização, do Humanizar, das relações humanizantes entre os homens, e por fim da Qualidade Educacional, pôde-se delimitar o universo *semântico, conceptual e também espacial* da pesquisa, -a sala de aula- onde professores e alunos no decorrer do cotidiano escolar estruturam suas relações extrínseca ou intrinsecamente relevando suas considerações pessoais frente as questões acima.

Entretanto, de acordo com Ezpeleta e Rockwell⁵⁴ (1991: 22) através do cotidiano:

“Compreendemos que é possível reconstruir o que ocorre diariamente em qualquer “parte” da realidade social(...).”

⁵³ ENGUITA, M. F., 1994, **O Discurso da qualidade e a qualidade do discurso**. In GENTILI, P., SILVA, T.T., **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: Visões Críticas**.

⁵⁴ EZPELETA, J., ROCKWELL, E., 1991, **Pesquisa Participante**.

Assim, ao considerarmos a sala de aula como um espaço, ou melhor, parte integrante da realidade social, na medida que contrasta inúmeras realidades concretas, o corte do cotidiano escolar estruturou-se a partir de atividades observáveis neste local, para que se pudesse realizar uma abordagem específica sobre os sujeitos individuais (professores e alunos), suas experiências, reproduções, conhecimentos e transformações nas distintas realidades escolares, particularmente no trato das relações entre estes indivíduos, e no processo de ensino e aprendizagem, tendo por fim a reconstrução do dia - a - dia em uma sala de aula.

Com relação aos sujeitos da pesquisa, se eles ainda segundo para Ezpeleta e Rockwell (1991: 24) são cognoscíveis devido ao: "*conjunto de relações sociais que conforma seu mundo particular*", então professores e alunos destacam-se pelo caráter histórico e específico que provêm, e que ora os integram aos saberes e práticas cotidianas no âmbito extra - escolar, e ora os excluem nos limites escolares.

Portanto, se no espaço de análise da pesquisa transcorre uma grande diversidade de sujeitos, âmbitos, escolas, atividades e elementos de sentidos divergentes, então, para Ezpeleta e Rockwell (1991: 26) o registro das atividades cotidianas seja na escola ou em sala de aula:

"(...) apresenta incongruências, saberes e práticas contraditórias, ações aparentemente inconseqüentes. Quando integramos conceitualmente o cotidiano no objeto de estudo, tentamos recuperar este aspecto heterogêneo em vez de elimina - lo através de tipologias distintas e estruturas coerentes. A única forma de se dar conta do heterogêneo (...) é a de reconhecê-lo como produto de uma construção histórica."

Neste sentido, além da **sala de aula** (recorte do cotidiano escolar), **professores e alunos** (sujeitos/ objeto da pesquisa), **os bairros e instituições de ensino** (universos de pesquisa) também foram salientados no desenvolvimento do estudo, pois cada âmbito apresentou aspectos persistentes e divergentes entre si, que refletem diretamente na configuração das instituições de ensino, e conseqüentemente no estabelecimento das relações entre os sujeitos da pesquisa.

Então, como metodologia de pesquisa tem-se que:

Ao delimitar-se e tomar conhecimento do universo, os sujeitos de pesquisa e o estudo bibliográfico para a análise, num segundo momento os instrumentos para coleta dos dados foram definidos nos seus objetivos e finalidades.

Assim, as observações auxiliaram na **análise e reconstrução das relações e práticas pedagógicas desenvolvidas entre professores e alunos** considerando:

- | |
|--|
| A) Como as relações e os conhecimentos são constituídos e desenvolvidos em sala de aula entre professores e alunos; |
| B) O que a vivências das relações e os conteúdos introduzidos favorecem à professores e alunos; |
| C) Como as barreiras encontradas na sala de aula e na escola são superadas por professores e alunos; |
| D) Como a heterogeneidade social, cultural e econômica de professores e alunos são integrados nas relações e práticas pedagógicas; |

Já as entrevistas visavam:

- | |
|---|
| Definir como professores e alunos definem e compreendem em suas realidades escolares e quotidianas: |
| 1) Educação enquanto valor humano; |
| 2) As relações pedagógicas em meio as suas experiências escolares e quotidianas no processo de ensino e aprendizagem; |
| 3) Qualidade de ensino; |

Enquanto os questionários objetivavam:

- | |
|--|
| Definir o perfil de professores e alunos analisados em sala de aula; |
|--|

Daí, com a obtenção dos seguintes dados pôde-se analisar e interpretar os sujeitos (professores e alunos) e os objetos de pesquisa (salas de aula), fundamentalmente as relações entre os indivíduos, e o processo de ensino - aprendizagem, reconstruindo, assim, o cotidiano em sala de aula.

Capítulo II: Análise e interpretação de dados.

Para o desenvolvimento da análise e interpretação dos dados, apresentaremos e descreveremos previamente o universo de pesquisa.

O Universo de Pesquisa

A presente pesquisa “Humanização e Qualidade de Ensino” realizada entre os meses de junho/ 1998 e maio/1999 contou com um universo de pesquisa abrangente:

Quatro escolas publicas foram selecionadas segundo as características de localização do bairro (periferia de Campinas) e distribuição entre as 4 Delegacias Regionais de Ensino , de modo a favorecer na diversidade da amostragem e coleta de dados, considerando que cada uma das instituições analisadas fossem representantes das 5 regiões da ⁵⁵cidade: NORTE, SUL, LESTE, SUDOESTE e NOROESTE.

Assim, as seguintes escolas e bairros compuseram o quadro de amostragem:

Escola Estadual de Primeiro Grau Alberto Medaliijon

Delegacia de Ensino: Primeira (1a.)

Bairro: Vila Brandina

Região: Leste

A Escola Estadual de Primeiro Grau Alberto Medaliijon atende o Ensino Fundamental (1a. Série à 8a. Série do antigo Primeiro Grau) nos períodos matutino, vespertino e noturno.

O espaço físico da escola é relativamente pequeno contando com 10 salas de aula, um pátio que abrange o refeitório. Não há quadras esportivas, biblioteca ou laboratório somente uma sala de vídeo improvisada.

Durante o período vespertino as aulas são dadas às 4a., 5a. e 6a. Séries que contam com uma turma cada. No caso da 5a. e 6a. Séries os alunos trocam de sala realizando o rodízio previsto com a implementação das salas ambiente. Porém, estas inexistem, com exceção de Educação Artística que conta com uma televisão e vídeo.

A escola pode ser considerada como parte integrante da favela pois faz fundos com esta, e isto facilita a sondagem e entrada de estranhos no local que pulam os muros, permanecem encostados nos portões, apesar das tentativas

⁵⁵ Duas regiões, Sul e Noroeste, ficaram excluídas da amostragem devido a indisponibilidade das escolas ali localizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Dai, a justificativa para a repetição de duas escolas na região Norte. Outro fator relevante, foi a redução de 5 para 4 instituições devida a problemas operacionais de deslocamento e disponibilidade da pesquisadora.

frustradas da direção de expulsá-los já que não há inspetores de aluno ou seguranças.

Dados da Sala de aula⁵⁶:

Série Analisada: 5a. Serie (Turma A)

Período: Vespertino

Total de alunos em sala : 38

Total de alunos analisados: 35

Média de idade: 12,3 anos

Local de Nascimento (Alunos):

Campinas: 60% (21 alunos)

Interior: 5,7% (2 alunos)

Outros Estados: 31,4% (11 alunos)

Bahia: 5 alunos / *Minas Gerais:* 5 alunos

Não sabe: 2,9% (1 aluno)

Professores analisados: 2 (1 de Português/ 1 de Inglês)

Média de idade: 38 anos

Local de Nascimento (Professores): *Campinas:* 100%

Média do tempo em que lecionam: 10 anos

O Bairro

Este apresenta uma peculiaridade: a desigualdade social exacerbada, pois casas de luxo dividem o mesmo espaço com a favela, onde a escola pública está localizada. Além disso, há um shopping, hipermercado e um clube tradicional da cidade nas imediações.

O contato obtido foi com a população residente na favela, que é considerado um espaço marginalizado, no qual as famílias ali residentes têm de conviver com a falta de infra-estrutura do local: inexistência de asfalto, policiamento, posto de saúde.

Por outro lado, a favela é considerada ponto de tráfico de drogas, desmanche de carros, entre inúmeras atividades ilícitas, o que torna o local alvo de batidas policiais, tiroteios e assassinatos.

Porém, apesar dos problemas apontados, a comunidade da favela parece possuir uma união indescritível que pode ser refletida pela existência de uma **Associação de Amigos**, onde várias atividades culturais como oficinas são desenvolvidas em prol da comunidade. Muitas destas coordenadas por uma ONG (Organização Não Governamental).

Contudo, a desigualdade social torna-se evidente quando muitos chefes de família, geralmente liderados pelas mulheres, e adolescentes têm ocupação como domésticas, jardineiros, babás entre outras ocupações nas casas das famílias abastadas que são seus vizinhos ou no clube como “catadores” de bola.

⁵⁶ Todos os dados da sala de aula foram obtidos a partir da aplicação de questionário, considerando sempre o número de alunos e professores analisados, ou seja respondentes, em cada uma das escolas estudadas.

Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professora Castinauta de Barros e Mello Albuquerque⁵⁷

Delegacia de Ensino: Segunda (2a.)

Bairro: Jardim Campineiro

Região: Norte

A **Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professora Castinauta de Barros e Mello Albuquerque** atende o Ensino Fundamental (1a. à 8a. Série do antigo Primeiro Grau) e Ensino Médio (1o. Ao 3o. Colegial - antigo Segundo Grau) nos períodos matutino, vespertino (Fundamental) e noturno (Fundamental - 5a. A 8a. - Médio).

Possui 20 salas de aula, uma quadra desportiva, pátio, onde encontra-se o refeitório. Não possui biblioteca nem laboratório. Os jogos educativos ficam trancados na diretoria, dificultando assim, o trabalho de alguns professores, pois nem sempre sabe-se aonde as chaves dos armários podem ser encontradas.

As Salas Ambientes também foram adotadas, fazendo com que os alunos tenham que se deslocar de uma sala para outra na troca de disciplinas. No entanto, as salas de aula não diferem umas das outras, pois contém somente carteiras e lousas sem qualquer mural ou material de referência à área trabalhada no local

Além disso, durante o recreio os alunos são fechados no pátio através de um portão que é trancado após o sinal de entrada e saída do refeitório. Isto é justificado como medida de segurança contra furtos nas salas de aula que também são trancadas pelos professores após a saída dos alunos. Porém, mesmo com tais medidas nem a cantina consegue escapar dos pequenos furtos a chocolates, balas e até dinheiro.

Enfim, parece que se está em uma prisão, pois a direção, secretaria possuem grades, e para adentrar na escola é preciso identificar-se com a inspetora, esta contratada para controlar a entrada e saída de alunos, pais, visitantes, etc.

Entretanto, nada parece assegurar a segurança da escola, pois tanto ex quanto alunos envolvidos na marginalidade circulam muitas vezes livremente pelos corredores e portões do local.

Dados da Sala de aula:

Série Analisada: 5a. Serie (Turma D)

Período: Matutino

Total de alunos em sala: 30

Total de alunos analisados: 2

Média de idade: 14,2 anos

⁵⁷ Nesta escola foi encontrada certa dificuldade no desenvolvimento da pesquisa: Pôde-se apenas contar com uma professora, pois a direção assim determinou. Além disso, as ausências docente dificultaram principalmente as observações.

Local de Nascimento (Alunos):

Campinas: 43% (9 alunos)

Capital: 14,2% (3 alunos)

Outros Estados: 28,6% (6 alunos)

Minas Gerais: 4 alunos

Maranhão: 1 aluno

Rio de Janeiro: 1 aluno

Não sabe: 14,2% (3 alunos)

Professor analisado: 1 (1 Matemática)

Idade: 40 anos

Local de Nascimento: *Jaboticabal*

Tempo em que leciona: 5 anos

O Bairro

Este bairro tem curiosamente uma ligação direta com outros dois: **São Marcos e San Martin**, pois são considerados vizinhos.

A rodovia Dom Pedro I exerce grande influência nas imediações devido ao intenso comércio de materiais de construção, principalmente do **UEMURA - Home Center**, e também pelo **CEASA - CAMPINAS** que abastece a região pela venda de horti - frutas.

No entanto, é inevitável a descrição do bairro sem fazer menção ao Jardim São Marcos, pois a maioria dos alunos analisados lá residem; e do San Martin, porque o Jardim Campineiro apesar de possuir residências tem predomínio de comércio.

Assim, estes bairros apresentam questões comuns: têm parte dos moradores residindo em favelas, que atualmente estão sendo urbanizadas com a construção de casas populares, a fim de abrigar àquela população que vive ameaçada pela chuva e o transbordamento do Ribeirão Quilombo. Tal iniciativa tem por objetivo transferir as famílias das áreas de risco para um local seguro, constituindo um novo conjunto residencial já batizado de Bairro Esperança.

Contudo, a marginalidade existente nestas localidades têm tornado a região conhecida como uma das mais violentas da cidade devido aos crimes, assassinatos e pelo tráfico de drogas.

Como alternativa de prevenção e combate à violência há no Jardim São Marcos o projeto denominado: “**ESPAÇO ESPERANÇA**” que é coordenado pela Prefeitura de Campinas, tendo como principal objetivo a retirada de crianças e adolescentes do convívio com a marginalidade, e garantir assistência social e econômica às famílias que se encontram em situação de risco. Além deste projeto, a **FUNDAÇÃO CHITÃOZINHO E XORORÓ** também tem realizado atividade com crianças e adolescentes dos bairros em sua sede às margens da rodovia Dom Pedro I.

Escola Estadual de Primeiro Grau Maria Isabel G. De Cavalcante

Delegacia de Ensino: Terceira(3a.)

Bairro: Parque Santa Bárbara

Região: Norte

A **Escola Estadual de Primeiro Grau Maria Isabel G. De Cavalcante** atende o Ensino Fundamental (1a. A 8 a. Série do antigo Primeiro Grau) nos períodos matutino, vespertino e noturno.

O espaço físico da escola é pequeno com 10 salas de aula, uma quadra esportiva utilizada como pátio durante o recreio, um refeitório. Não há biblioteca, nem laboratório.

Nota-se a valorização do trabalho dos alunos pelo pátio onde geralmente permanecem expostos.

Adotou-se as salas ambientes que possuem murais, cartazes relacionados com as disciplinas dadas nas salas. Porém, nem todos os materiais pedagógicos podem ficar permanentes no local, pois no período da manhã funcionam as salas do ensino básico que necessitam dividir o mesmo espaço.

Dados da Sala de Aula⁵⁸:

Série Analisada: 5a. Serie (Turma B)

Período: Vespertino

Total de alunos em sala: 38

Total de alunos analisados: 36

Média de idade: 12 anos

Local de Nascimento (Alunos):

Campinas: 58,4% (21 alunos)

Capital: 5,7% (2 alunos)

Outros Estados: 16,6% (6 alunos)

Minas Gerais: 2 alunos

Rio de Janeiro: 1 aluno

Paraná: 1 aluno

Rondônia: 1 aluno/ **Ceará:** 1 aluno

Não sabe: 2,7% (1 aluno)

Professores analisados: 2 (1 Matemática/ 1 Português)

Média de Idade: 24 anos

Local de Nascimento:

Capital: 50% (1 Professor)

Interior: 50% (1 Professor)

Média do tempo em que lecionam: 7 anos

⁵⁸ Todos os dados da sala de aula foram obtidos a partir da aplicação de questionário, considerando sempre o número de alunos e professores analisados, ou seja respondentes, em cada uma das escolas estudadas.

O Bairro

O Parque Santa Bárbara caracteriza-se como um bairro com boa qualidade de vida, originário de uma antiga fazenda que após a morte dos proprietários foi dividida em lotes, posteriormente vendidos.

Conta com posto de saúde, creche, um pequeno comércio de auto - peças, além do teatro “**Sia Santa**” que apresenta espetáculos no local.

O fato mais que mais chama a atenção foi a construção do **LIXÃO MUNICIPAL** que levava mau cheiro e proliferação de gases no interior das residências. Após consistente mobilização dos moradores o LIXÃO deixou de funcionar no bairro sendo transferido.

No entanto, a comunidade do bairro mesmo após a vitória no caso acima, ainda realizou protestos para conseguirem transformar o local em uma praça de lazer. Outros movimentos em prol do verde e da paz já foram realizados.

Escola Estadual de Primeiro Grau Laís Bertoni Pereira

Delegacia de Ensino: Quarta (4a.)

Bairro: Jardim Santa Lúcia

Região: Sudoeste

A **Escola Estadual de Primeiro Grau Laís Bertoni Pereira** atende o Ensino Fundamental (1^a. a 8^a. série do antigo 1^o. Grau) nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Conta com 10 salas de aula, um laboratório de ciências, refeitório que por ser pequeno e fechado não atrai muitos os alunos, a não ser para pegarem a merenda.

É uma escola de porte médio que já foi “**Padrão**”, mas com o fim desta proposta o corpo docente está novamente em formação, e o quadro de funcionários de apoio está escasso, como por exemplo de serventes, dificultando a manutenção e limpeza do local.

Porém, há uma forte organização interna dos alunos que possuem representantes em cada turma. Além disso, alguns professores estão mobilizados no desenvolvimento de projetos de integração e prevenção dos alunos através de oficinas de dança, coral, palestras sobre drogas, gravidez na adolescência.

Dados da Sala de aula⁵⁹:

Série Analisada: 5a. Serie B

Período: Vespertino

Total de alunos em sala : 38

⁵⁹ Todos os dados da sala de aula foram obtidos a partir da aplicação de questionário, considerando sempre o número de alunos e professores analisados, ou seja respondentes, em cada uma das escolas estudadas.

Total de alunos analisados: 35

Média de idade: 12,3 anos

Local de Nascimento (Alunos):

Campinas: 60% (21 alunos)

Interior: 5,7% (2 alunos)

Outros Estados: 31,4% (11 alunos)

Bahia: 5 alunos

Minas Gerais: 5 alunos

Não sabe: 2,9% (1 aluno)

Professores analisados: 2 (1 de Português/ 1 de Inglês)

Média de idade: 38 anos

Local de Nascimento (Professores): *Campinas:* 100%

Média do tempo em que lecionam: 10 anos

O Bairro

O Jardim Santa Lúcia também recebe influências direta dos bairros adjacentes: Jardim Yeda, Vila União, pois na verdade ele é originário de algumas cerâmicas e fazendas que existiam no local.

Assistência médica, policiamento e comércio são encontrados nos outros dois bairros, o que parece suprir as necessidades do Jardim Yeda.

Porém, nos últimos 5, 6 anos invasões modificaram o panorama da região aumentando significavelmente a população da região, esta sendo composta essencialmente de migrantes . Como conseqüência houve a expansão da marginalidade e criminalidade no bairro.

Análise e interpretação de dados

O tempo e os espaços institucionais

A descrição e entendimento do tempo e dos espaços institucionais deu-se a partir de visitas às escolas e particularmente em salas de aula da 5ª. série do ensino fundamental. Em 10 semanas (de 25 de agosto à 29 de novembro de 1998) observações, entrevistas e aplicação de questionários com professores e alunos, conversas informais com ambos e funcionários da instituição de ensino, contribuíram na constituição de uma amostragem genuína, esta revertida em dados e informações significativas para a pesquisa.

Neste sentido, a sala de aula torna-se o espaço institucional de enfoque central, pois educandos se relacionam entre si e com os educadores, o conhecimento pauta-se ali, e acima de tudo, decorre a possibilidade de entendimento e análise da humanização do processo educativo, além de como o desenvolvimento do fazer e prática pedagógicos podem resultar numa possível qualidade educativa.

Assim, destacaremos os seguintes aspectos para uma possível análise e interpretação dos dados:

- *A escola*
- *Sala de aula que espaço é este?*⁶⁰
 - *Educandos e Educandos*
 - *Os educadores*
 - *O Conhecimento*
 - *Educadores e Educandos*

A escola

Se para GADOTTI⁶¹ (1986: 105): “a escola é dinâmica”, pois acompanha a dinâmica do próprio movimento da sociedade, para alguns professores, esta é:

Um lugar para se: “... aprender a conviver na sociedade. É o embasamento da sociedade ao indivíduo...”

(Professora de Português - Alberto Medalijon)

“...local onde os alunos recebem uma formação global para a vida em sociedade, para a prática do dever e da justiça...”

(Professora de Inglês Alberto Medalijon)

Enquanto, para alguns alunos esta deixou de ser o local ideal para a sua formação humana e aprendizagem de novos conhecimentos, pois:

“ Antigamente era o lugar que a gente vinha pra estudar. Agora a gente vem para bagunçar...”

(Aluno - Laís Bertoni)

“Primeiro a escola era um ensino de vida pra gente. Agora ninguém mais quer saber, porque tá ruim.”

(Aluna - Laís Bertoni)

Assim, diante de tal contradição, a escola descrita pelas professoras acima, deixa de ser perceptível na visão dos alunos, considerando que estes sentem diretamente a influência da *dinâmica da sociedade* no interior das instituições de ensino, pois na realidade estas segundo GUIMARÃES⁶² (1985: 48) são:

“... um mundo à parte, fechado e protegido, cujo acesso é cuidadosamente controlado. Um mundo separado da vida, de ritos imutáveis, de silêncio e imobilidade(...). Um mundo uniforme, de

⁶⁰ O título é retirado de MORAES, R. 1986, *Sala de aula que espaço é este?*

⁶¹ GADOTTI, M., FREIRE, P., GUIMARÃES, S., 1986, *Pedagogia: Diálogo e Conflito*.

⁶² GUIMARÃES, A. M., 1985, *Vigilância, Punição e Depredação Escolar*.

comunicação artificial, onde só se admite falar bem (...). Um mundo desligado da realidade, que não tem qualquer significação, nem qualquer utilidade imediata para os alunos."

Por isso, a escola descrita pelas professoras e alunos talvez esteja longe do que idealizam, já que almejam sua modificação, considerando algumas referências abaixo em que se acredita que uma instituição de ensino deva ser:

"... um ambiente limpo, agradável, que receba o aluno do jeito que ele é, com problemas, sem problemas, que oriente este aluno de como agir em sociedade, como se relacionar com os alunos, como deve ser o trabalho em equipe, como deve ser a cooperação. Tem que ser um lugar (...) sem briga, sem tumulto, para que eles possam se abrir com os professores, amigos, diretor, e até com os pais..."

(Professora de Português - Maria Isabel Cavalcante)

"Sem grades, um espaço aberto, limpo, agradável, que desse prazer pra você estar. Pra que ficasse mais fácil pra você aprender aquilo que você sabe, aquilo que você sabe menos. Não só pra mim, mas para os alunos também tinha que ser uma coisa prazerosa."

(Professora de Matemática - Castinauta Albuquerque)

Quanto aos alunos, estes destacam que:

"A escola deveria ter mais segurança, respeito..."

(Aluna - Laís Bertoni)

"Ouvir um pouco mais a gente, ser mais paciente..."

(Aluno - Maria Isabel)

Deveria ter: "Policial na porta da escola. Tem gente que pula aqui pra pegar as coisas, aqui..."

(Aluna - Alberto Medalijon)

Então, considerando que as mudanças idealizadas na escola atendam ao caráter estrutural do ambiente escolar, e que professores e alunos tenham definições e expectativas divergentes sobre a funcionalidade e finalidade desta, tem-se aí, a partir do que PENIN⁶³ (1983) considera: a caracterização de uma instituição localizada nas imediações da periferia, pois almeja-se a constituição de um espaço que possa prevalecer a escassez de recursos físicos, a rotatividade docente, a ausência de organização de recursos humanos, falta de pessoal de apoio, e até de um currículo insuficiente, que têm resultado para o

⁶³ PENIN, S.T. S., 1983, *Uma escola primária na periferia de São Paulo*
In: *Cadernos de Pesquisa* (46).

desenvolvimento de situações desumanizantes, e conseqüentemente na *degradação* da qualidade de ensino.

No entanto, são as novas propostas curriculares, estruturais (Parâmetros Curriculares/ Salas Ambiente) e de avaliação (PROVÃO) que têm causado grande impacto, principalmente com relação ao processo de ensino-aprendizagem, desenvolvimento do fazer e prática pedagógicas, além da relação entre professores e alunos.

Por isso diante deste novo cenário:

“Os alunos estão confusos com esse lance de mudanças, esse lance de ensino - aprendizagem, esse lance que não reprova mais, esse lance de que a escola virou brincadeira...”

(Professor de Matemática - Maria Isabel)

“Ensino - aprendizagem: o conceito foi jogado. Eu acho que o aluno não foi trabalhado antes, lapidado para ter esse ensino/ aprendizagem conforme eles nos mostram. Que nem o aluno passa sem avaliação. Pera aí ... todo esse processo tem de ser trabalhado na cabeça do aluno como dos professores. Eu acho que os professores deveriam ter um maior participação, influência num processo desse tipo, e não uma pessoa que está fora da sala de aula, longe da realidade. Eu sinto isso uma ditadura: não se ensina isso, não se ensina aquilo (...) Então, eu acho isso uma ditadura de máscara.”

(Professora de Português - Alberto Medalijon)

“O Governo não tá dando tempo para as pessoas se agruparem, formar um todo. O que tá acontecendo é a assim: nós não temos a chance de nos atualizarmos, de bolarmos um projeto, e ver o resultado disso. Você começa a preparar, começam a surgir os brotinhos, aquilo muda tudo, volta a estaca zero, mudam-se as pessoas, a idéia, o plano já não é mais aquele...”

(Professora de Educação Artística - Laís Bertoni)

Enquanto para os alunos este novo contexto representa que:

“Se eu vou passar de ano, porque eu vou estudar mesmo. A Delegacia de Ensino vai dar razão pra nós e não pro professor...”

(Aluno - Laís Bertoni)

“Antes dessa lei eu estudava bastante, agora eu venho pra bagunçar, aí, não tem mais graça (...) Ninguém explica mais a aula...”

(Aluno - Laís Bertoni)

“Do que adianta presença?”

(Aluna - Laís Bertoni)

Contudo, neste sentido se as novas propostas curriculares, estruturais (Parâmetros Curriculares/ Salas Ambiente) e de avaliação (PROVÃO) foram implementadas sem que houvesse uma preparação para uma readaptação a este sistema de ensino, então, *professores e alunos encontram-se desestruturados* seja no estabelecimento das relações entre estes sujeitos ou no desenvolvimento do fazer e práticas pedagógicas envolvendo o processo de ensino e aprendizagem. Tal situação, entretanto, é definida por PATTO⁶⁴ (1985: 60) como “*desumanização das relações interpessoais*”, pois:

“A desumanização das relações interpessoais está presente em todas as relações que se estabelecem no sistema escolar e no interior das escolas, e todos os que ocupam posições hierarquicamente subalternas no contexto educacional são ao mesmo tempo dominadores e dominados.”

Desta maneira, professores e alunos diante da reorganização ocupam posições subalternas, sendo ambos dominados pela hierarquia de poder e comando que inicia-se na esfera política governamental e termina no interior da sala de aula, sem que se questione e assegure o desenvolvimento de outros projetos já existentes, a preparação, qualificação ou a participação seja da comunidade escolar, do corpo docente ou discente. Disto, provêm a revolta e o descaso dos depoimentos acima, com relação a maneira como se é conduzido o sistema público (estadual) de ensino.

Curiosamente, durante a aplicação do questionário foi realizada a seguinte pergunta: “As alterações que ocorreram na escola como: “PROVÃO”, eliminação da repetência, salas ambientes:

(Direcionada aos alunos): *mudaram a relação de amizade, o jeito de ensinar e aprender entre os professores e alunos?*

(Direcionada aos professores): *puderam modificar tanto a prática quanto a relação pedagógica?”*

E entre alunos⁶⁵ o resultado foi o seguinte:

Houve mudança para 71,9% (87 alunos) . Sendo que destes 88,7% (71 alunos) para melhor e 11,3% (9 alunos) para pior. Não houve mudança para 15,8% (19 alunos)
Não sabe: 12,3% (15 alunos)

⁶⁴ PATTO, M., H., 1985, *A criança da escola pública: deficientes, diferentes ou mal trabalhada?* In Encontro do Ciclo Básico.

⁶⁵ Total de alunos para amostragem: 121; Série: 5ª., Escolas: 4; Idade média: 12,5 anos

Entre os professores⁶⁶:

Houve mudança para 80% (4 professores) . Sendo que destes 75% (3 professores) para melhor 25% (1 professor) para pior. Não sabe ⁶⁷ : 20% (2 professores)
--

Assim, tais dados revelam que as novas propostas curriculares, estruturais e avaliativas, apesar da ausência da participação de professores e alunos na fase de desenvolvimento, têm tido uma aceitação considerável, pois para os entrevistados estas modificaram tanto a prática quanto o processo pedagógicos. Porém, esta aceitação apresenta uma certa contradição com os depoimentos iniciais sobre a definição, importância da escola e a necessidade de alterações na sua estrutura.

Assim, se a escola como já fora citado seria um local de aprendizagem para novos conhecimentos, a fim de auxiliar o convívio em sociedade, esta ainda parece estar longe das expectativas de professores e alunos, mesmo que as mudanças introduzidas tentem reestruturá-la e sejam aceitas, pois enquanto instituição, a escola encontra-se emaranhada nos problemas oriundos da expansão da rede pública de ensino nas décadas de 60 / 70⁶⁸ que possibilitou o acesso das massas à educação escolarizada, mas como destaca ESTEVE⁶⁹ (1996) resultou no aumento quantitativo de professores e alunos na rede, o que gerou problemas qualitativos diante da exigência da homogeneização, e da influência dos problemas sociais e pessoais destes no processo de ensino/aprendizagem.

Resta, então, o seguinte questionamento: Como reverter tal perspectiva?

GADOTTI⁷⁰ (1986: 94) procura elucidar tal questionamento ao destacar que:

⁶⁶Total de professores para amostragem: 6; Série em que lecionam: 5ª, Idade média:32,6 anos; Tempo médio em que lecionam: 5,8 anos.

⁶⁷ **As justificativas apresentadas pelos que não sabiam responder à questão:**

"Algumas alterações propostas pelo Ministério da Educação como a introdução dos Parâmetros Curriculares e a sala Ambiente foram excelente para as escolas e para os professores, mas a eliminação da repetência é algo que não concordo, pois em que condições o aluno será promovido? Acho que isso prejudica e muito, não só a instituição, mas também, e principalmente, os alunos que somente irão atentar para este fato quando estiverem concorrendo para o mercado de trabalho. Por isso prefiro não responder..."

(Professora de Inglês - Laís Bertoni)

"Não sei responder, pois procuro bases sólidas através de análises e questionamentos."

(Professor de Matemática - Maria Isabel)

⁶⁸ Ver LEAL, H. A. T., 1990, **A Evolução da Educação Humanista no Brasil: da Colônia à 1ª República**

⁶⁹ ESTEVE, J. M., 1996, **Mudanças Sociais e função docente** In Formação Docente.

⁷⁰ GADOTTI, M., FREIRE, P., GUIMARÃES, S., 1986, **Pedagogia: Diálogo e Conflito.**

“Enquanto os mecanismos estruturais não forem modificados por um ato conjunto, não só dos professores, mas também do poder público⁷¹, no sentido de descentralizar o sistema, as responsabilidades, os recursos, ampliar os espaços de autonomia e de participação de todos os envolvidos no sistema escolar, a escola continuará a mesma.”

Para que se supere tal situação, é necessário desburocratizá-la, tornando-a atrativa e participativa para a comunidade escolar e extra-escolar, pois sem isto, como GADOTTI⁷² (1986: 83) aponta haverá permanentemente: *“um conflito entre a estrutura escolar, que é autoritária e a concepção democrática de muitos diretores e professores.”*

Então, desenvolver uma educação social que envolva a instituição escolar e a comunidade, visa a constituir um novo panorama no sistema de ensino capaz de superar os problemas apontados por professores e alunos, dentre os quais destaca-se: o desinteresse e a falta de autonomia, pois a escola, assim como os indivíduos que lá se encontram, não está isolada e sim inserida em um contexto social, como no caso da periferia, em que seus estudantes e familiares possuem necessidades, expectativas, vivências e experiências que precisam ser exploradas, discutidas, trocadas, pois segundo NIDELCOFF⁷³ (1979: 9):

“a escola que o povo recebe é muito mais (...) do que a escola criada pelos organismos ministeriais e pelos textos escolares.”

No entanto, se o ato conjunto entre professores, alunos, comunidade e escola continuar desmobilizado, como tem ocorrido, as novas gerações continuarão tendo acesso às noções básicas (forma de estabelecimento das relações dos processos produtivos, normas, crenças e valores) constituídas na sociedade histórica e cotidianamente, apenas para que desenvolvam uma determinada aptidão, adaptem-se ao mundo social, cultural submetendo à pressão dos costumes, crenças e leis, desenvolvendo colaboracionistas que atendam aos interesses alheios, deixando de criar, recriar e decidir a partir de suas naturezas humanas, deixando de possibilitar uma inferência e constituição de algo novo na estrutura já existente na sociedade, considerando segundo GUIMARÃES⁷⁴(1985:69) que :

“A raiz do problema educativo está fora da escola e uma outra educação só será viável em larga escala quando a experiência cotidiana de cada cidadão, de cada comunidade ou de cada grupo social - em sua vida e em seu trabalho, em seu modo de

⁷¹ Negrito do autor.

⁷² IDEM.

⁷³ NIDELCOFF, M. T., 1979, **Uma escola para o povo.**

⁷⁴ GUIMARÃES, A. M., 1985, **Vigilância e Depredação Escolar.**

comportamento e em suas relações com os outros-se transformar em fonte de questionamento, de criatividade, de participação e conhecimento.”

Sala de aula que espaço é este?

Com as novas propostas educacionais, as salas ambientes foram adotadas como meio de familiarizar os educandos nas distintas disciplinas, pois cada uma delas passa a ter um espaço próprio, onde os professores teriam oportunidade de explorar o espaço físico do local, a fim de facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

Porém, dentre as 4 escolas analisadas somente 1 (**Lais Bertoni**) deixou de adotar tal medida, pois alegou-se que a escola não apresentava número de salas suficientes para sua aplicação, dando continuidade ao sistema de turmas fixas e docentes rotativos entre as salas. No entanto, o que se observou foi que as tradicionais carteiras enfileiradas mantêm predomínio em todas as salas, mas os alunos resistem, ao modificarem a distribuição delas de acordo com os grupos a que pertencem.

Isto pôde ser observado durante a aula de Português do dia 07 / 10/ 98 na **Escola Maria Isabel Cavalcante**:

Assunto: Literatura

Situação em sala de aula: Com o calor excessivo em sala, ocasionado pela primavera, a aula de literatura, que consiste no empréstimo de livros para leitura no local, tornou-se inviável, pois alguns sentiam sonolência ou permaneciam agitados dada a distribuição das carteiras enfileiradas na sala e a obrigatoriedade de permanecerem fixos nas cadeiras.

Então, como alternativa, a professora resolveu sair da sala de aula, procurando um local mais arejado. O pequeno pátio foi escolhido, pois ali haviam os bancos e mesas do refeitório que serviriam de apoio para a leitura. Assim, ao invés de estimular a prática literária houve a dispersão de toda a turma que passou a observar outros atrativos esquecendo do livro, considerando que as mesas e bancos eram baixos e apertados, não favorecendo o processo de leitura e concentração. Como consequência a professora teve que ir atrás dos alunos dispersos, chamar à atenção dos que faziam barulho, e por fim retirar os alunos do local e retornando para a sala de aula sobre protestos de alguns.

Deste modo, apesar da professora ter considerado as condições climáticas da sala de aula, os alunos, entretanto, acabaram por desenvolver mecanismos de defesa ante a situação anterior de permanecerem sentados e serem obrigados a manterem o silêncio e a concentração para a leitura sem que fossem questionados sobre a situação da sala ou da distribuição das carteiras, resultando posteriormente na dispersão do grupo, que devido a utilização, e ao mesmo tempo a falta de um

espaço físico adequados gerou o desinteresse. Isto segundo GUIMARÃES⁷⁵ (1985: 37) decorre, pois:

“No ambiente escolar a comunicação dos indivíduos dá-se num sentido vertical provocando o isolamento, a reunião sem comunicação, o controle ininterrupto. Ao mesmo tempo desenvolvem-se hábitos de sociabilidade (participação em comum de exercícios úteis, execução em comum de bons hábitos). Cria-se também a individualização, provocando a ruptura de qualquer relação que não seja controlada pelo poder ou ordenada de acordo com a hierarquia.”

Neste sentido, a sala de aula torna-se “sinônimo de instrução” de acordo com TAVERA⁷⁶ (1986: 97), na medida que deixa-se de proporcionar o desenvolvimento intelectual, cultural e até mesmo social do aluno, para transformar-se no que SHOR⁷⁷ (1986 : 20) destaca como: “*espaço de luta pelo poder e controle do local*”. Então, professores e alunos tornam-se dependentes do autoritarismo para estruturarem as relações pedagógicas, o que para FREIRE⁷⁸ (1996) acaba por constitui na ausência de identidade frente ao responsável pela formação dos educandos quanto ao desenvolvimento do senso crítico, contestador destes.

Deste modo, além da problemática da disputa pelo controle do local, os professores têm tido grandes dificuldades para conseguirem aproveitar o espaço físico da sala de aula, devido a utilização do local por diversas séries, distintas disciplinas, comprometendo, assim, a implementação das salas ambientes e o desenvolvimento da relação e prática pedagógicas, mesmo nas escolas que dispõem de estrutura para sua efetivação. Entretanto, esta situação é destacada pela professora de inglês (**Alberto Medalijon**) que ressalta problema de adaptação, ao expressar-se que :

“Na minha disciplina deveria ter uma sala mais apropriada, uma sala só pra inglês. A gente tem, mas não podemos colocar quase nada aqui, porque esta sala é utilizada pelo pessoal da tarde, primário, e o pessoal da noite com outra disciplina, que aqui é geografia e história à noite. Então, eu não posso colocar cartaz, por exemplo em inglês, porque vai confundir a cabeça dos pequenininhos, o pessoal da manhã. Eles estão sendo alfabetizados praticamente, e não posso deixar nada aqui. Então, acho que muda muito a aprendizagem deles, porque se tivesse um cartaz, desenhos, indicações seria muito mais fácil pra eles...”
(**Professora de Inglês**)

⁷⁵ GUIMARÃES, A . M., 1985, **Vigilância e Depredação Escolar**.

⁷⁶ TAVERA, A . S. N., 1986, **Sala de aula o lugar da vida?** In MORAES, R., **Sala de aula que espaço é este?**

⁷⁷ FREIRE, P. & SHOR, I., 1986, **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**.

⁷⁸ Idem.

A falta de manutenção, por exemplo, de limpeza, iluminação, cuidado com janelas, cortinas e armários, também é causa de constantes transtornos na sala de aula, pois em determinadas escolas carteiras quebradas dividem espaço com os alunos, que as vezes se aproveitam de tais objetos para utilizarem em suas brincadeiras em sala. E devido a falta de pessoal de apoio, que geralmente é constituído somente por 2 ou 3 pessoas que ficam responsáveis também pela preparação e distribuição da merenda, a limpeza do local resume-se ao que é realizado por alunos e professores. Então, a comunidade escolar desinteressa-se, muitas vezes pela manutenção das salas.

No entanto, observou-se que mesmo com poucos recursos e dificuldades, a disposição espacial pode ser reconfigurada de acordo com a criatividade de cada professor e dos alunos. A aplicação de jogos, de pesquisa e realização de exercícios não parece estar comprometida pelas incongruências da realidade escolar, e é o que os professores de matemática tanto das escolas **Maria Isabel** quanto da **Castinauta**⁷⁹ procuram realizar, ao dividirem a turma em grupos, reagrupando as carteiras, o que favorece uma maior proximidade e circulação entre e com os alunos, que mostram-se participativos e questionadores:

Escola Maria Isabel Cavalcante

Aula: Matemática

Série 5ª. B

Dia: 27/08/98

Situação em sala de aula:

Após o intervalo, os alunos se dirigem à sala de matemática, onde o professor trabalho com os alunos a possibilidade de trabalhar em grupo para que realizem uma pesquisa sobre o *Triângulo Equilátero* e terminem de realizar a atividade de pintura de triângulos.

Apesar do tumulto inicial, para a reorganização, os alunos se dispuseram nos seus respectivos grupos, onde iniciaram os trabalhos. E mesmo com a escassez de material para pesquisa, pois só havia o livro didático e as informações passadas no caderno, a adesão foi considerável, com questionamentos e trocas de informações entre os grupos sobre o que estava sendo desenvolvido.

Porém, devido ao tempo a atividade seria concluída no dia seguinte.

Escola Castinauta de Barros e Mello Albuquerque

Aula: Matemática

Série 5ª. D

Dia: 21/10/98

⁷⁹ Vide Em anexo o jogo “Avançando com o resto”.

Situação em sala de aula⁸⁰:

Após a troca de sala, os alunos entram e continuam conversando, a professora realiza a chamada, e em seguida pára para conversar com a sala sobre suas expectativas diante das aulas, pois sente que o desinteresse é geral. São colocadas as tentativas da professora para facilitar o aprendizado deles, e em resposta os alunos se dispõem em silêncio.

Assim, na tentativa de motiva-los, a professora decide dar mais uma oportunidade, e pede para que os alunos se disponham em grupos de 4 para realizarem o trabalho com o jogo. Daí, após a distribuição dos botões e cartelas, a atividade tem início, e o interesse do grupo é retomado com a participação de quase todos os alunos, pois outros continuam conversando, sendo interpelados pela professora que procura entender suas razões para manterem o desinteresse.

Diante destes fatos, pode-se compreender a partir das declarações de LAPLENE⁸¹ (1997: 3) que a sala de aula é um espaço onde se ensina e aprende:

“onde se trocam idéias, se trabalha, se realizam atividades, se conversa, se lê, se escreve, se debate. (...) - ela é também uma idealização que condensa valores, conceitos e crenças em relação à escola.”

Contudo, a professora de Educação Artística (*Lais Bertoni*) elucida a seguinte opinião sobre a sala ambiente:

“Eu acho que a sala ambiente funciona, é legal, prático, mas primeiro vai levar de 4 a 5 anos para se adaptar. Tem o problema de espaço físico.”

No entanto, as condições do espaço físico observadas acabam por implicar diretamente no convívio e estabelecimento das relações e práticas pedagógicas, o que também compromete a adaptação tanto de professores quanto de alunos, às salas ambientes, pois embora considere-se uma estratégia de mudança positiva, a exploração do local em novas disposições e atividades que modifiquem o cotidiano escolar dependerá do grupo, da conscientização da importância deste espaço

⁸⁰ A 5ª. D era considerada na escola uma das salas mais problemáticas da Escola no período da manhã devido a faixa etária elevada **14,2 anos**, e ter alunos remanescentes das atuais classes de aceleração, adotadas no ano anterior. Esta professora de matemática é a representante da turma na escola, e durante o desenvolvimento da pesquisa mostrou-se bastante preocupada com o andamento tanto pedagógico quanto pessoal dos alunos, o que fazia com que sempre estivesse injetando ânimo no grupo. Mas a falta de apoio da direção e coordenação prejudicavam o seu trabalho, pois a professora reclamava da omissão de ambos, que nas suas dúvidas nunca se encontram para ajuda - la.

⁸¹ LAPLANE, A. L.F., 1997, **Interação e Silêncio na sala de aula.**

através de sua manutenção e conservação, e principalmente na superação da disputa de poder, pois sem isto LAPLANE⁸² (1997: 3) considera que:

“A sala de aula pode ser vista também como um lugar em que nem todo mundo troca idéias, fala, lê, escreve e debate.”

Os Educandos

Considerando a média de idade de **12,5 anos**⁸³ dos alunos, a adolescência é um fato marcante em suas vidas. Assim, pôde -se observar que o estabelecimento das relações entre eles dão - se geralmente em grupos, e em poucos casos o adolescente acaba permanecendo isolado, principalmente quando possui uma faixa etária mais avançada (16 ou 17 anos), a exemplo das salas do **Castinauta**, **Alberto Medalijon** e **Lais Bertoni**, onde pelo menos havia um jovem sempre localizado no fundo ou em algum canto da sala.

Porém, as conversas entre os alunos pauta - se em assuntos atuais e programas televisivos como “Ratinho”, novelas de onde retiram frases, situações e personagens que permearão os distintos grupos. Em observação no dia 01/09/98 o principal assunto em sala durante a aula pelos alunos do **Alberto Medalijon** foi o uso do **VIAGRA** (no mês anterior o medicamento havia sido lançado e estava com grande repercussão na mídia, meios de comunicação), o que bastou para ser transformado em sinônimo de brincadeira.

Mas apesar dos alunos se situarem nos grupos que possuem maior afinidade, muitas vezes a união acaba por sobrepor qualquer barreira proporcionada pela divisão espacial da sala, regras da escola ou presença dos professores.

Na mesma **Alberto Medalijon** o resultado para tal coletividade resultou em uma reunião urgente com os pais no dia 03/11/98, pois os alunos da 5ª. série analisada se organizaram internamente de acordo com a hierarquia existente no tráfico de drogas, não que estivessem envolvidos, mas porque se espelharam e acharam interessante este modelo, considerando que a cotidianidade destes é marcada por tal contexto. Assim, existiam os chefes, os subordinados e os executores, que em sala de aula, agiam a partir das brincadeiras e interrupções durante as aulas. Entretanto, tal esquema só foi descoberto pela delação de um dos alunos, que foi mantido em sigilo pela direção da escola como medida de segurança contra possíveis represálias. Por isso, como medida preventiva os pais tiveram que assinar um termo de responsabilidade juntamente com os alunos, de que tomavam ciência do acontecimento e tal organização estaria banida das salas de aula.

⁸² IDEM.

⁸³ Dados obtidos numa amostragem de 121 alunos de todas as escolas analisadas.

Diante deste fato, D'OLIVEIRA⁸⁴ (1987: 18) considera que:

“os efeitos da punição são eficientes a curto prazo e favoráveis a quem pune (o aluno imediatamente obedece ...) surgem o silêncio da obediência e a manutenção da ordem.”

Assim, nos dias precedentes à reunião os ânimos dos alunos estavam apaziguados e controlados pelas professoras e direção que usavam da ameaça, e do auxílio da delação para encontrar e responsabilizar os “agitadores”.

No entanto, a partir do fato decorrente e de outras situações observadas, a delação, em especial, é algo relativamente introjetado nos alunos e em seus relacionamentos em sala, pois quando algo não vai bem na concepção destes deve - se punir, entregar os possíveis culpados, resultando numa constante vigilância. Por isso, esta configurou - se como um aspecto um tanto negativo no relacionamento entre os alunos e de grande utilidade à professores e direção, servindo para ambos como instrumento de controle da sala, da escola e daqueles que os subordinam.

E assim, punir sempre resulta na primeira solução encontrada para resolver os problemas em sala, tornando freqüente as ameaças de idas à direção, assinatura de advertências, recados aos pais, na maioria das turmas analisadas, o que contradiz D'OLIVEIRA (1987: 19) ao afirmar que:

“A punição não pode ser considerada um mal necessário até que estejamos certos de que nenhuma outra solução foi encontrada.”

E em virtude desta prática, as relações e o comportamento dos alunos são, por vezes, categorizados como “indisciplina”, por fugirem do que seja considerado ações e atitudes padrão, pois segundo GUTMARÃES⁸⁵ (1985: 33):

“As técnicas disciplinares dirigem o comportamento dos indivíduos, impõe aos corpos tarefas repetitivas, graduadas, orientadas, cumulativas, que possibilitam a gênese dos indivíduos e conseqüentemente sua caracterização, seja em relação a um estado final, a outros indivíduos, ou a um tipo de percurso.”

Então, como repulsa a tal domesticação os alunos acabam por desobedecer, ignorando por vezes os professores, e já não demonstram qualquer medo de possíveis represálias, considerando que alguns alunos acreditam que lhes faltam o devido respeito ao assegurarem que:

“Se as professoras respeitasse nós, nós respeitava ela”

⁸⁴ D'OLIVEIRA, M. H., 1987, **Analisando a relação professor - aluno: do planejamento à sala de aula.**

⁸⁵ GUTMARÃES, A. M., 1985, **Vigilância e Depredação Escolar.**

(Aluno - Alberto Medalijon)

“Quando a gente vai pro shopping a gente é educado”

(Aluno - Alberto Medalijon)

Disto, entende - se que de acordo com as declarações dos alunos, estes só respeitam a quem lhes oferece o mesmo. Portanto, pouco importarão as regras e ordens a cumprir, pois sempre alguns deles se esquivarão, enquanto para e na escola segundo GUIMARÃES⁸⁶ (1985: 36):

“... ser observado, olhado, contado detalhadamente, passa a ser um meio de controle, de dominação, um método para documentar individualidades.”

Daí, na tentativa de realizar tal documentação, controle e observações minuciosos, deixa -se de considerar a natureza humana, os interesses, a realidade cotidiana, a cultura, e por fim a heterogeneidade dos alunos. Por exemplo, no caso das turmas analisadas a diversidade cultural é exacerbante, devido ao local de nascimento e criação de muitos alunos⁸⁷:

Campinas: 68 (56,1%)

Interior: 11 (9%)

Capital: 6 (4,9%)

Outros Estados: 29 (23,9%)

Minas Gerais: 10

Rio de Janeiro: 2

Bahia: 10

Paraíba: 2

Ceará: 1; Maranhão: 1; Paraná: 1; Rondônia: 1; Pernambuco: 1.

Não Sabe: 8 (6,7%)

O que representa concepções de mundo, de homem, valores, estrutura familiares adversas, mas que se encontram na sala de aula, constituindo e configurando o cotidiano escolar, as relações e práticas pedagógicas, mas que são permeados por uma estrutura burocrática, normalizadora e hierárquica que é a escola.

Daí, provêm o choque entre alunos, professores e a instituição escolar, pois ainda segundo GUIMARÃES⁸⁸ (1985: 44):

⁸⁶ IDEM.

⁸⁷ Dados obtidos através de questionário com 121 alunos das 4 Quintas séries analisadas.

⁸⁸ GUIMARÃES, A. M., 1985, **Vigilância e Depredação Escolar.**

“A escola, ao fracassar como escola, só faz reforçar as diferenças já trazidas pelos alunos, discriminando os bons dos maus, os comportados dos indóceis, os inteligentes dos menos dotados. A escola atual cria com suas práticas pedagógicas, a possibilidade de esquadriñar comportamentos, efetuando - se sobre eles uma vigilância constante.”

Então, resta aos alunos contrariar o sistema de ensino e suas eloquências, ao perceberem que suas expectativas e necessidades deixam de ser atendidas, em prol de interesses governistas, políticos e econômicos, que nada têm a ver com seus anseios, mas que suplantam conhecimentos e formações necessárias para a legitimação da organização da sociedade, que depende do desenvolvimento de futuros colaboracionistas para manterem a ordem vigente. Assim, a criatividade, os sonhos, a criticidade e o processo criativo são por vezes ignorados tanto em sala, quanto na escola em geral, pois objetiva - se através da imposição, firmar um entendimento e adaptação as normas, valores, leis e relações estabelecidas fora do âmbito escolar, que por vezes conflituam com o cotidiano dos alunos. Por isso, a indisciplina serve como categoria ideal para o enquadramento dos “desajustados”, já que fogem do padrão de passividade esperado.

E com relação a este contexto, a *Professora de Matemática (Castinauta)* questiona e argumenta sobre a definição da indisciplina:

“É um aluno que fala muito? Indisciplina eu não sei se é uma coisa que dizem que o aluno não fica quieto. Se a escola era pra ser um lugar pra ser livre, prazerosa, ela não era, nem era pra tá assim desse jeito, aí. Eu não sei o que é!?”

O fato de o aluno falar e se levantar não significa que ele tá mesmo entediado, cansado, e que a tua aula, tá chata, não é?

As dificuldades são com relação ao jeito que se quer trabalhar. Que nem sei se tá certo. Aliás não tá, porque tá chato pra caramba(...).

(...) Regra e imposição que ele tem em casa com relação a pai ou mãe ele não pode fazer muitas outras coisas, então ele vem aqui (...).

Se você tem uma escola limpa, aberta, sem grades você não vai ter problemas de indisciplina, porque ele vai ter prazer em vir e cuidar da escola (...)

(...) Tudo é muito imposto na vida da gente. (...)E é tudo muito imposto.

(...) Aí, é imposto pra ele que tem que vir na escola pra aprender, pra ser alguém na vida. Não é a escola que vai fazê - lo alguém. Ele é uma pessoa. Acho que se deixa - se de ser imposto pra ele como obrigação, acho que seria mais fácil (...)

(...) Ele vem na escola porque ele é obrigado. Porque falaram pra ele que ele tem que arrumar um bom emprego pra ganhar um bom salário pra ele ser alguém na vida, aí, um aluno no ano passado me falou

assim: "mas vocês ganham tão pouco e estudaram tanto pra que eu vou estudar?(...)

(...) Então, o que é ser alguém na vida. Ser alguém é ganhar dinheiro? Então, eu tenho (o aluno) outras formas de ganhar dinheiro, porque o nosso amigo que fica ali na porta anda de carro importado. E ele não é professor, digamos assim comerciante, mas é o modelo que ele tem. Ele não precisou estudar..."

Desta maneira, a realidade vivida pelo aluno e a projetada pela escola, já não estão em mesma sintonia, o que acaba por dicotomizar a percepção e relação dos distintos educandos de si mesmos e para com o outro.

Assim, D'OLIVEIRA⁸⁹ (1987: 23) entende que:

"a maioria dos alunos não é indisciplinada por natureza. São ativos, inquietos, cheios de energia e curiosidade, o que para alguns professores, transformou - se em sinônimo de indisciplina."

Enquanto para os alunos, a indisciplina é resultado da:

"Falta vontade dos professores em ensinar. O motivo da bagunça é o professor não saber ensinar o aluno, organizar a classe, não saber lidar com o aluno..."

Aluno - Maria Isabel

Mas, se falta entrosamento sobre a questão disciplinar, os alunos mostram - se participativos quando existe algum espaço para isto. Na **Escola Laís Bertoni**, há um mutirão em que voluntários participam da pintura das paredes internas da escola, sendo este um projeto que visa a partir da educação artística integrar o aluno na escola após o período de aula, a partir disto algumas ilustrações foram realizadas, apesar da falta de materiais.

Além disso, os alunos, mesmo que suas diferenças sejam salientadas, preocupam - se com o outro e com o futuro deles, ao declararem que o:

"(...) Pessoal que não tá na escola, tá perdendo muito, no futuro vai catar papelão..."

(Aluna - Laís Bertoni)

E desta maneira, de um modo em geral, os alunos se relacionam entre si pelas afinidades que possuem, embora a heterogeneidade prevaleça, o que muitas vezes não se dá de modo pacífico, pois existem conflitos, mas estes são superados no próprio grupo. Porém, sem a intervenção de professores, direção, pais ou

⁸⁹ D'OLIVEIRA, M. H., 1987, **Analisando a relação professor - aluno: do planejamento à sala de aula.**

qualquer agente externo à sala de aula, os alunos se integram e interagem com seus códigos, expectativa de vida, insatisfações e desejos sempre constituindo a lógica humana de criar, recriar e decidir, que parece estar ameaçada pela sistematização escolar.

Os Educadores

Estes encontram - se em fase de adaptação frente as novas propostas curriculares, estruturais e avaliativas introduzidas nas escolas por determinação dos Governos do Estado e Federal, que têm por intuito adequar suas redes de ensino à nova Lei 9394/96 (**Lei de Diretrizes e Bases da Educação**).

Então, apesar da falta de participação na elaboração destes trabalhos, os professores possuem uma perspectiva positiva diante da Lei e das propostas, mas para que tomem forma os professores apontam alguns problemas com destaque a:

“Falta um trabalho coletivo na escola. Há projetos , mas é possível realizar um trabalho voltado para esta formação. Está se caminhando pra isso.”

(Professora de Português - Maria Isabel)

“Também precisa de um aprendizado meu também. Porque eu enquanto mediadora, vamos colocar assim. Eu precisaria ter uma cultura muito boa, coisa que tá sendo difícil. Eu tô sentindo dificuldade, porque eu teria que tá lendo jornal, revista. Você tem que tá se informando, você tem que ter cultura, professor tem que ser polivalente. É nós não estamos conseguindo isso: por falta de tempo, dinheiro.(...) Eu não consigo assinar as revistas que eu gostaria, e muito menos os jornais que eu gostaria. Eu não consigo ir ao teatro. Eu não fui ver Dali pra falar com os meus alunos sobre ele. E eu acho que isso que nos deixa com medo, insegura, (...) Nós precisamos nos formar melhor mesmo.”

(Professora de Matemática - Castinauta)⁹⁰

Com relação a evidenciação do problema de um novo aprendizado, da constituição de um trabalho coletivo pelos professores, para que a instituição escolar possa ser adequada às novas propostas, LIBÂNEO⁹¹ (1982: 43) considera que:

“A ênfase no saber ser, sem dívida é fundamental para se definir uma postura crítica do educador frente ao conhecimento e aos

⁹⁰ Na semana da entrevista ocorria na cidade a exposição de Salvador Dali, no Museu de Arte Moderna (MAM), com entrada gratuita nos finais de semana.

⁹¹ LIBÂNEO, J.C., 1982, **Saber, Saber ser, Saber fazer o conteúdo do Fazer pedagógico**. In ANDE, **Revista da Associação Nacional de Educação**, Ano 1, número 4.

instrumentos de ação, não pode dissolver as outras duas dimensões da prática docente, o saber e o saber fazer, pois a incompetência no domínio do conteúdo e no uso de recursos de trabalho compromete a imagem do professor - educador. Torna nossa prática ineficiente, põe em risco os próprios fins políticos dessa prática."

Dai, considerar o saber, saber ser e fazer também são fatores relevantes para que as novas mudanças se concretizem envolvendo o corpo docente em sua totalidade e nos seus aspectos específicos, tais como: a formação acadêmica e contínua, os questionamentos frente aos problemas do cotidiano escolar. E neste sentido, a partir de duas questões realizadas no questionário sobre a relevância dos conhecimentos obtidos durante a formação de magistério e quanto a influência destes na prática pedagógica dos professores⁹² obteve - se os seguintes resultados:

Conhecimentos para a formação de magistério

Foram considerados:

Relevantes para : 83,4% (5 professores)
Pouco Relevante para: 16,6% (1 professor)

Esses conhecimentos influenciaram sua prática pedagógica:

Sim: para 83,4% ou 5 professores
Não: para 16,6% ou 1 professor

Com relação a realização de cursos de complementação, educação continuada, oficinas:

66, 8% (4 professores) realiza - os freqüentemente
16,6% (1 professor) não os realiza
16,6% (1 professor) não tem tempo.

Sobre a influência destes cursos na prática pedagógica dos professores⁹³:

Para 75% (3 professores) a influência tem sido grande
Para 25% (1 professor) a influência é pequena

⁹²Total de professores para amostragem: 6; Série em que lecionam: 5ª., Idade média:32,6 anos; Tempo médio em que lecionam: 5,8 anos.

⁹³ Somente 4 professores puderam responder a esta questão, pois 2 não realiza nenhum curso.

Têm - se, portanto, que o papel do professor é atribuído sobre diversos enfoques e com algumas ressalvas, pois segundo FREIRE⁹⁵ (1986: 64):

“o papel do educador não pode ser reduzido a algo imutável. Não posso dizer: “Este é o papel do educador.” Ele é histórico, social, em outros termos, não está inserido na natureza do ser educador. Não há uma categoria abstrata cuja essência eu encontrasse e dissesse: esse é o papel do educador, que valeria para Pedro, João, Maria, no Japão, nos Estados Unidos e aqui.”

Assim, diante de tais afirmações, entende - se que os professores analisados estão na redefinição de seus papéis, se adaptando às novas propostas curriculares, estruturais e avaliativas, apesar das limitações que possuem: reduzida valorização e remuneração, carga horária extensa⁹⁶ e rotatividade anual, ou seja aqueles que não são efetivos cada ano encontram - se em escolas diferentes, e vêem seu trabalho e formação contínua prejudicados, pois falta tempo para dedicação e durabilidade de vínculo com a instituição de ensino.

O Conhecimento

De acordo com as considerações de CASTRO (1980: 28)⁹⁷ :

“O conhecimento não é algo meramente dado através da interação social, mas que a aquisição do conhecimento requer operações sobre a experiência”.

No entanto, nas salas analisadas o conhecimento pauta - se em aspectos anteriores, ou ainda não explorado pelos alunos, dado como exemplo a aula de Matemática (**Maria Isabel**) do dia 12/11/ 98 onde foi solicitado o desenvolvimento de um trabalho sobre transformações métricas partindo das explicações do professor e de pesquisa em livros. Depois foi pedido um exercício onde deveriam expressar em metros as seguintes medidas

A) 8172,4 cm;

B) 96 Km;

E o cálculo em perímetro de dois modelos de triângulo.

Entretanto, foi realizada uma rápida revisão do que fora trabalhado anteriormente, mas sem que se explorasse as experiências anteriores dos alunos, ou fosse permitido que criassem e decidissem qual caminho deveriam seguir para resolver tais exercícios de acordo com a realidade destes.

⁹⁵ GADOTTI, M., FREIRE, P., GUIMARÃES, S., 1986, **Pedagogia: Diálogo e Conflito**.

⁹⁶ Todos os 7 professores participantes da pesquisa cumprem jornada de 40 hora semanais em pelo menos 2 escolas. No caso da professora de Português (**Alberto Medalijon**) esta leciona nos 3 períodos (manhã, tarde e noite), e ainda realiza curso de formação.

⁹⁷ CASTRO, M. N. C., 1980, **Afetividade no Ensino. Um enfoque humanista**.

E como consequência desta abordagem, GUIMARÃES⁹⁸ (1985: 51) conclui que:

“A forma como as matérias são ensinadas revela que os conteúdos são compartimentados, rigidamente hierarquizados. (...) Privilegia - se as atividades intelectuais, o raciocínio abstrato em detrimento das atividades manuais, da observação concreta, da experimentação.”

Então, não há tempo para o desenvolvimento de atividades manuais, observações ou experimentação, porque o importante é transmitir o conteúdo, cumprir o programa, para que ao final do bimestre tenha - se condições de avaliar os alunos através da elaboração de seus trabalhos, realização de exercícios, verificação de cadernos ou provas. Tornando, assim, o conhecimento desinteressante e sem um fim objetivo. Por isso, ainda segundo GUIMARÃES⁹⁹ (1985: 53):

“Os alunos não conseguem perceber o sentido, nem a utilidade do trabalho que lhes é imposto. Os exercícios escolares não trazem em si mesmos uma justificativa, restando ao aluno apenas uma aceitação passiva das obrigações escolares e o medo do castigo.”

Porém, nas salas analisadas o medo do castigo se evadiu, sendo substituído pela prática do desprezo e do ignorar tanto as aulas quanto os professores. Assim, diversas opiniões se dividem com referência a utilidade dos conhecimentos adquiridos e desenvolvidos em sala de aula:

Entre os professores as opiniões se divergem:

“A partir do conhecimento adquirido pelo aluno acredito que estou preparando - os para o mundo, para a vida.”
(Professora de Português - Alberto Medalijon)

“Na escola agora não, não estou vendo utilidade nenhuma. Nem eu nem eles, por isso eles não aprendem mesmo. Por isso, que tem estas dificuldades com indisciplina, porque ele não vê utilidade mesmo. (...) Isso é uma coisa que a gente precisaria tá mudando: tornar o ensino mais chão, mais útil na vida deles, porque o mercado de trabalho tá mudando e muito.”

(Professora de Matemática - Castinauta)

Enquanto para os alunos:

⁹⁸ GUIMARÃES, A . M., 1985, **Vigilância e Depredação Escolar.**

⁹⁹ IDEM.

“O que se aprende na escola não é relevante (...). O desemprego tá aí, e a gente não tá preparado para o que tá aí fora.”

Aluna - Laís Bertoni

Ou seja, considerando as opiniões acima, têm - se que a visão de funcionalidade dos conhecimentos trabalhados perpassam pelo envolvimento pessoal de cada um dos sujeitos da pesquisa com esta questão, pois enquanto alguns questionam, procurando enxergar, o que está acontecendo com a formação dos alunos, que também mostram - se preocupados com a falta de preparo para o mundo, outros adequam - se a rotina e as obrigações escolares impostas. E neste sentido, sobre o trato do conhecimento MELLO¹⁰⁰ (1988: 22) destaca que:

“Ao invés de revelar sua real natureza que é a de ser produto da atividade humana concreta, e portanto de poder ser explicado por ela, o conhecimento se apresenta como a explicação da realidade física e social. (...) Porque a realidade deixa de ser objeto de conhecimento para dar lugar às idéias que os homens fazem dela. Ou, inversamente, quando se insiste que a realidade deva ser conhecida como “coisa” em si mesma e não como produto das relações entre os homens e destes com a natureza.”

Contudo, se o conhecimento almejado e desenvolvido pelo sistema público de ensino visa apresenta - lo como uma simples explicação da realidade física e social, então este não tem vida, e nem está envolvido com a dinâmica da sociedade, do processo histórico e dos indivíduos que o constituem¹⁰¹. Por isso, deve ser fragmentado e desarticulado com a realidade, comprometendo a vivência do aluno em sala, pois para D’OLIVEIRA¹⁰² (1987: 10):

“Se aquilo que o aluno vive é uma série de práticas sem uma seqüência e sem uma relação coerente com o que foi dito que ele aprenderia, e o que é pior, com relações variadas, múltiplas e instáveis com objetivos não explícitos e de diferentes naturezas e adequações, as sensações resultantes dessa experiência serão provavelmente, a de estar “perdido” e a de não ver o sentido da escola. Isso não só acaba por prejudicar o bom relacionamento professor - aluno como também ajuda a gerar e a manter o “clima” desfavorável à escola, predominante em nossa sociedade.”

¹⁰⁰ MELLO, G.N., 1988, **Magistério de 1º. Grau: Da competência técnica ao compromisso político.**

¹⁰¹ Ver em anexo Apostila de Português, preparada pela professora, sem participação dos alunos e desvinculada da realidade destes, que somente o acompanham e desenvolvem os exercícios, sem uma discussão profunda.

¹⁰² D’OLIVEIRA, M. H., 1987, **Analisando a relação professor - aluno: do planejamento à sala de aula.**

No entanto, existem outras formas de desenvolver o conhecimento, que puderam ser observadas durante a aula de Matemática (**Castinauta**) no dia 10/11/98. A partir de um jogo matemático: “Avançando com o resto”¹⁰³, onde foi discutido as quatro operações usando a lógica dos alunos em equipe, partindo do lúdico para o concreto. Além disso, as aulas de Educação Artística (**Laís Bertone**) são responsáveis pela valorização da realidade dos alunos, pois rompe com a compartimentação do conhecimento, ao centralizar seu enfoque do mundo externo à escola, os envolvendo desde o trabalho com desenhos, pinturas e exploração de outros materiais.

Deste modo, TITO¹⁰⁴ (1996: 243) destaca que o processo de ensino e exploração do conhecimento partem da leitura do mundo, considerando a vivência do aluno, desenvolvendo um aprendizado que volta - se a curiosidade científica:

“desafiando - a na descoberta das relações que constituem sua realidade, tornado - a uma investigadora. Da mesma forma que, como professora pesquisadora sinto - me desafiada em compreender o contexto social de meus (minhas) alunos (as), que não é o meu contexto social, mas que ambos estão imbricados pelas relações de classes constituintes de nossa sociedade.”

Assim, a ênfase no conhecimento dá - se de distintas maneiras nas salas analisadas, dependendo muito da criatividade do professor, da receptividade dos alunos e da orientação tanto da direção quanto do apoio pedagógico, pois a partir do caráter do conhecimento adotado, as atividades e o interesse no processo de ensino - aprendizagem serão realizados por mera obrigação, já que valem nota, ou contarão com a adesão e envolvimento do grupo, despertando prazer, pois envolve as noções de tempo e espaço, seja físico ou social trazidas pelos alunos.

Educadores e Educandos

FURLANI (1988)¹⁰⁵ destaca que quando o exercício de poder conjunto entre professores e alunos está deficiente, a relação pedagógica é configurada por um sinal de alerta. Então, nas salas analisadas este sinal é evidente quando os professores são ignorados no interior da sala de aula.

Desta maneira, a relação de professores e alunos tornou - se sinônimo de instrução ao deixar de proporcionar o desenvolvimento intelectual, cultural e até mesmo social para somente marcar as contradições sociais existentes entre ambos em detrimento da valorização da obediência, hierarquia e disciplina, o que deixa de

¹⁰³ Ver em anexo.

¹⁰⁴ TITO, E. M.R.M, 1996, **A cidadania em sala de aula: Professora Cidadã, aluno Cidadão** In SILVA, L.H., AZEVEDO J.C., SANTOS, E.S., **Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais.**

¹⁰⁵ FURLANI, L. M. T., 1988. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?**

salientar os conflitos existentes nesta relação, promovendo divergências decorrentes da complexidade dos indivíduos envolvidos no processo pedagógico.

Exemplo disto, pôde ser observado no dia 8/09/98 durante a aula de Inglês (Alberto Medalijon):

Após finalizarem os cartazes para auxiliar no vocabulário dos alunos, foi passado um texto (em forma de diálogo) para principiantes do inglês, mas a dispersão era geral: conversas, entretenimento com jogos de play – game, discussões, e eventuais brigas. Para conter a situação, a professora só conseguiu atenção quando ameaçou marcar os nomes dos faladores no diário, o que conteve momentaneamente os ânimos da turma. O que para D'OLIVEIRA¹⁰⁶ (1987: 18) destaca como sistema punitivo cujo os efeitos:

“são eficientes a curto prazo e favoráveis a quem pune (o aluno imediatamente obedece), surgem o silêncio da obediência e a manutenção da ordem.”

Considerando a heterogeneidade de professores e alunos, o conflito existente nas salas de aulas analisadas decorriam freqüentemente, pois valores, visões de mundo, vivências encontravam - se inseridos num mesmo ambiente. Daí, observou - se que as distintas maneiras de resolve - los, visando um possível entendimento e sintonia, firmava - se como um possível diferencial nas relações estabelecidas entre professores e alunos, que refletiam no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, segundo GUIMARÃES¹⁰⁷ (1985: 51):

“A comunicação entre o professor e o aluno se realiza num contexto artificial.”

Então, quando constatou - se esse tipo de comunicação, houve um certo distanciamento dos alunos, que somente estabeleciam relações para tirarem dúvidas, realizarem as tarefas propostas, mas sem que o diálogo existisse para ultrassar a coexistência, fazendo com que o processo de ensino - aprendizagem somente se resumi - se a transmissão de conhecimentos sistematizados.

No entanto, para LAPLANE¹⁰⁸ (1997: 14) as relações entre professores e alunos:

“são compreendidas como um ato conjunto, uma relação de trabalho, negociação.”

¹⁰⁶ D'OLIVEIRA, M. H., 1987, **Analisando a relação professor - aluno: do planejamento à sala de aula.**

¹⁰⁷ GUIMARÃES, A. M., 1985, **Vigilância e Depredação Escolar.**

¹⁰⁸ LAPLANE, A. F., 1997, **Interação e Silêncio na Sala de aula.**

Portanto, quando as relações permeavam deste modo, apesar das incongruências escolares, as aulas sempre partiam das situações de conflito através do diálogo até a apresentação do conhecimento sistematizado. Geralmente, levava - se um grande tempo para que a negociação fosse realizada, mas em seguida se o assunto chamasse atenção a participação da maioria era considerável, enquanto aqueles que se mostravam desinteressados, sempre podiam contar com a compreensão do professor para escutar e auxiliar nos problemas que estes apresentavam.

Com a receptividade e troca, nas aulas de Educação Artística (Lais Bertoni) a relação estabelecida dava -se de modo bastante direto e expansivo, tanto que os alunos rodeavam a mesa da professora em busca de materiais, informações e conversas. Entretanto, as relações ultrapassavam o ambiente de sala, chegando a firmarem - se nos intervalos e finais de aula, onde os alunos se aproximavam do professor para conversas, conselhos e orientações pessoais, caso da *Professora de Matemática (Castinauta)*

Então, como resultado de tais relações D'OLIVEIRA (1987: 4) descreve que:

“...o ato de estudar é visto como um ato de criar, recriar e não repetir ou só ouvir o que os outros dizem. Exige uma atitude séria, curiosa e crítica, na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos, discutilos, desmistificando uma realidade imposta. Ensinar e aprender é uma atividade conjunta de professor e aluno.”

Assim, a relação entre professores e alunos nas turmas analisadas, em maioria, continua a ser estabelecida pelo que é designado como ideal: ensinar e aprender. Apesar do discurso permeador destacar a cumplicidade, a reciprocidade e o diálogo, tanto professores e alunos ainda precisam entender e aprender a lógica do outro, pois o que se percebe que muitas vezes se culpabilizam pela situação tumultuada da sala, dos problemas de ensino e aprendizagem, mas poucas vezes há abertura para que se dialogue sobre suas expectativas, possíveis caminhos para a dos solução dos problemas existentes no âmbito da sala de aula.

Capítulo III: Conclusão

Se a humanização valoriza o humano e propicia o enfoque da natureza heterogênea das relações entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem segundo Castro (1980)¹⁰⁹ e Pretto (1978)¹¹⁰; a interdisciplinaridade integra os conhecimentos e interage professores, alunos, conteúdos, metodologias como destaca Fazenda (1979)¹¹¹; a qualidade de ensino propicia a relação de reciprocidade, dialogicidade diante do caráter heterogêneo dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico, então, concluímos:

1) Que a viabilidade da humanização nas relações entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem depende de uma reorganização da estrutura escolar e mudança ideológica a cerca do entendimento da natureza humana, do homem e do conhecimento, pois nas escolas analisadas a humanização foi compreendida como algo necessário, mas que possui inúmeras barreiras intra e extra escolares, tais como a organização curricular inflexível, a desigualdade social dos alunos, o que acaba por resultar numa dificuldade de adaptação e desenvolvimento de um trabalho coletivo e voltado para o humano.

2) A integração e interação dos conhecimentos destacados com a realidade escolar e cotidiana de professores e alunos, não decorre, em virtude da troca do conhecimento entre professores e alunos estar deficitária, ou seja assuntos da realidade cotidiana são destacados em conversas informais mas não como temática central para o trabalho em sala de aula.

3) Um processo de ensino e aprendizagem com objetivo educacional de formar cidadãos autônomos, críticos e conscientes frente à realidade social, econômica e às características culturais apresentadas no contexto de periferia, ainda parece estar longe de ser constituído e efetivado tal objetivo, pois o discurso escolar: “Estudar para ser alguém na vida...”¹¹² conflitua com aquele que descreve a necessidade de se educar o cidadão. Será que existe consciência do que seja cidadão? Cidadania? Na verdade, na maior parte das salas analisadas, há somente a reprodução do conhecimento¹¹³, sem que se instigue o aluno a criar, recriar e decidir, ou seja, que se estruture frente as suas próprias características humanas.

4) A influência do contexto social imediato (periferia) no estabelecimento das relações pedagógicas, tendo em vista o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que considere as particularidades quotidianas e escolares de professores e alunos, é algo que está comprometido, porque o contexto periferia está servindo como uma barreira tanto para alunos quanto para professores, na

¹⁰⁹ GUIMARÃES, A. M., 1985, **Vigilância e Depredação Escolar**.

¹¹⁰ PRETTO, S. P. N., 1978, **Educação Humanista de professores e seu efeito sobre os alunos**.

¹¹¹ FAZENDA, I. C. A. , 1979, **Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**.

¹¹² Vide Coletânea de entrevistas - professor

¹¹³ Ver Anexo: Apostila de Português.

medida que ambos não estão conseguindo partir desta realidade para que as particularidades sejam destacadas, mas que propiciem uma ação coletiva. Então o contexto social é um amuleto para justificar um faz de conta no processo de ensino e aprendizagem (Eu ensino e você aprende), e para as condições oferecidas pela instituição escolar, não revertendo, assim tal contexto.

5) O desenvolvimento do diálogo, da reciprocidade dos sujeitos do processo educacional, visando a qualidade de ensino foi muito pouco visualizado, ficando restrito principalmente à educação artística, que depende destes aspectos para que a disciplina seja explorada. Em outras situações, o diálogo ainda está muito restrito aos grupos que possuem maior afinidade com o professor. Dáí, a qualidade de ensino (educacional) acaba sendo comprometida, pois os interesses permanecem destoantes, porque como pudemos observar, por mais que os alunos criem barreiras de relacionamento, de aprendizado, a tentativa do professor em estabelecer um contato acaba por auxiliar o desenvolvimento de uma maior reciprocidade, dando tempo ao aluno tempo para conhece – lo e adquirir confiança.

6) A importância da humanização das relações e práticas pedagógicas para a constituição da qualidade de ensino, foi algo bastante salientado, principalmente entre os professores, e indiretamente pelos alunos, pois ambos almejam maior compreensão, atenção e valorização dos aspectos humanos. Então, todos têm consciência que se as relações e práticas pedagógicas forem humanizadas a qualidade desejada será alcançada, mas há um longo caminho a ser percorrido, e a busca deste é que parece difícil para professores e alunos encontrarem, pois estão emaranhados em um sistema de ensino que lhes aprisiona, não formando nem para a vida, e muito menos para o mercado de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- Arroyo, M., Buffa, E., Nosella, P., 1987, **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** Cortez, São Paulo.
- Castro, Maria das N.C, 1980, **Afetividade no Ensino. Um Enfoque Humanista.** Tese Faculdade de Educação, UNICAMP
- Cunha, M. I., 1994, **A relação professor -aluno**, in Repensando a Didática, Papyrus, 9a. ed, Campinas.
- Espeleta, J., Rockwell, E., 1991, **Conceitos para captar o outro na escola**, in Pesquisa Participante,
- Esteve, J.M., 1996, **Mudanças Sociais e função docente** in Formação docente.
- Fazenda, Ivani C. A, 1979, **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia**, Edições Loyola, São Paulo.
- Freire, Paulo, 1973 **Pedagogia del Oprimido**, Cortez, 10a. Ed, Argentina Editores, Buenos Aires.
- _____, Shor, Ira, 1986, **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**, Paz e Terra, Rio de Janeiro
- _____, 1990, **Educação e Mudança**, Paz e Terra, 16a. Ed., Rio de Janeiro.
- Furlani, L.M.T., 1988, **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** Cortez, São Paulo.
- Gentili, P., 1997, **Como reconhecer um governo neoliberal? Um breve guia para educadores**, in Restruturação, Vozes, Petrópolis.
- Gonçalves, F. dos S., 1994, **Interdisciplinaridade, construção coletiva do conhecimento: concepção pedagógica desafiadora**, in Educação e Sociedade, Papyrus, Campinas, número 49, pp 468-484.
- Hall, J., Hall C., 1988, **Human relatios in educacion**, London Routledge.
- Heller, A., 1992, **O cotidiano e a história**, Paz e Terra, 4a. Ed., Rio de Janeiro.
- Holanda, A.B. de, 1986, **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, Nova Fronteira, 2a. Ed., Rio de Janeiro.
- Japiassu, H., 1976, **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**, Imago, Rio de Janeiro

Leal, H.A.T., 1990, **A evolução da Educação Humanista no Brasil, da Colônia à 1a. República**, Tese, PUC, SP

Lei 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Lima, M.E., Castanho, M., **Os objetivos da educação** in *Repensando a didática*, op.cit.

Luzuriaga, L., 1969, **Pedagogia**, Companhia Editora Nacional.

Menezes, Maria Cristina, 1996, **Considerações sobre o Projeto: A Interdisciplinaridade na Construção do Projeto Pedagógico**, Departamento de Educação UNESP, São José do Rio Preto.

Moraes, R., 1986, **O que é ensinar**, EPU, São Paulo.

Nidelcoff, M. T., 1979, **Uma escola para o povo**, Brasiliense, 4a. Ed., São Paulo.

Novaski, A.S.C, 1986, **Sala de aula: uma aprendizagem do humano**, in *Sala de aula que espaço é este?*, Papirus, Campinas.

Patto, Maria Helena, 1985, **A Criança da Escola Pública: deficientes, diferentes ou mal trabalhada?**, in *Encontro do Ciclo Básico*, São Paulo

Pereira, M.C.I, Leite M. T. M., Cavour, R. M. A., agosto/1991, **A interdisciplinaridade no fazer pedagógico** in *Educação e sociedade*, Papirus, Campinas, número 39, pp. 286- 296.

Preto, S.P.N., 1978, **Educação Humanista de professores e seu efeito sobre os alunos**, Cortez e Moraes, São Paulo

Sanfêlice, J.L., **Sala de aula: intervenção no real** in *Sala de aula que espaço é este?* op. cit.

Silva, S.A.I., 1986, **Valores em educação- O problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa**, Vozes, Petrópolis.

Silva, T. T. da , 1997, **Currículo: uma visão pós estruturalista** in *Caderno de Pedagogia*, Número 2, Faculdade de Educação Unicamp.

Saviani, Demerval, 1984, **Escola e Democracia**, Cortez, 4a. cd.

Taveira, A. S. N., 1986, **Sala de aula: o lugar da vida?** in *Sala de aula que espaço é este?* op.cit.

Zuben, N.A.V., **Sala de aula: da angústia do labirinto à fundação da liberdade** in *Sala de aula que espaço é este?* op. cit.

Anexo I

Coletânea das Entrevistas

Professores¹¹⁴:

1) Enquanto professor: como define educação e o seu papel na sociedade contemporânea? E na escola, salas de aula em que leciona este papel tem condições de ser atribuído?

“A educação deve ser vista de uma maneira genérica, tudo o que acontece dentro e fora da escola, que abranja todos os assuntos. Tem que ser genérica, para que o aluno saia com uma visão de mundo, à partir da educação transmitida na escola...”

Professora de Português - Maria Isabel

2) Qual sua definição para o conceito de escola? Como ela deveria ser de acordo com sua idealização?

“A escola é o local onde os alunos recebem uma formação global para a vida em sociedade, para a prática do dever e da justiça (...).”

A escola deveria ser crítica, onde nenhuma verdade seja absoluta, onde as relações sociais possam ser questionadas e reformuladas, o que propiciará a formação de indivíduos conscientes de suas determinações sociais e de sua inserção histórica na sociedade, conseqüentemente, as suas práticas sociais poderão ser reformuladas.”

Professora de Inglês - Laís Bertoni

3) Qual a importância do aluno e da comunidade no funcionamento da escola?

“Deveriam ter uma participação constante. No momento do planejamento os pais e alunos deveriam estar presentes. Os pais deveriam colocar a necessidade para que a gente possa atender. A gente vem de fora, a escola vem e impõe: “não, você precisa disso.” Ai eles usam: “ali são tudo ignorante, não vão entender nada do que a gente tá falando!” Eu ouvi isso.

Tanto que a reunião de pais acontece em uma situação muito precária. Porque eu não vou em reuniões de pais onde eu só vou para ouvir mal do meu filho: primeiro porque ele é meu filho; segundo porque quem

¹¹⁴ Esta coletânea apresenta somente as mais significativas respostas dos 7 professores das disciplinas de Educação Artística, Matemática, Inglês e Português que lecionavam nas 4 escolas e classes analisadas.

tem que colocar a dificuldade tem que saber como fazer; tá filando do meu filho, não do seu.

Os pais deveriam tá cobrando, questionando: “olha meu filho chegou mais cedo, cadê o substituto? Porquê?”

(...) Eles deveriam questionar, lutar pelos direitos, lutar por esse respeito da escola. Só que eles fazem o oposto, eles se afastam. Isso não é bom...”

Professora de Matemática - Castinauta

“A participação é extremamente importante, a gente não consegue levar adiante um trabalho que é desenvolvido só dentro da sala de aula...”

Professora de Português - Maria Isabel

“A comunidade faz parte da escola. (...) o que precisa mudar é o quem faz o que na escola...”

Professora de Educação Artística - Laís Pereira

4) O que você entende por relação professor - aluno; processo de ensino - aprendizagem; humanização e qualidade de ensino? ¹¹⁵Como estruturá-los no cotidiano escolar e de sala de aula?

Relação professor - aluno:

“Troca, Informação...”

Professora de Matemática - Castinauta

“Tem que ser uma relação forte, porque a gente tem um contato grande, tem que ter respeito. Acho que é o principal ingrediente pra dar certo, tem que ser mútuo. Então, o aluno deve respeitar e o professor deve respeitar sem abuso de autoridade, sem histerismo, sempre dentro do limite, mostrando para o aluno qual é o papel dele, o que, que ele deve fazer como aluno, como ele é que ele deve respeitar

¹¹⁵ Nenhum dos professores entrevistados chegaram a conclusão de como estruturá - los no cotidiano escolar e de sala de aula, considerando que para todos a estrutura escolar tem que ser modificada e adequada para isso. Assim, melhores condições físicas, pedagógicas e a participação da comunidade são questões relevantes para o desenvolvimento de relações, processos de ensino e aprendizagem que auxiliem a qualidade de ensino, segundo os professores.

Tal fato foi evidenciado pela Professora de Matemática - Castinauta ao declara:

“o professor sozinho não vai fazer nada. Ele precisa do aluno, de uma coordenação atuante, uma universidade como a UNICAMP que nos ampare, por exemplo: sabemos de nossas dificuldades, defasagens e não conseguimos entrar para ser atendido, e a gente não consegue esse apoio de universidade que funciona com o meu imposto; precisava de apoio do Governo para modificar algumas coisas que estão vindo lá de cima, que não estão certas, e nós somos obrigados a cumprir, gerando outras dificuldades com relação a isso. O professor precisa de apoio, sim, porque ele não é Deus, ele não é nada sozinho. Sozinho ninguém resolve nada aliás.”

esse ambiente, como ele deve respeitar os colegas, qual a função, o que ele deve fazer, qual a importância dele dentro da escola. (...) Eles vão sempre agir sobre reflexo, de acordo com o que eles recebem, eles vão estar passando..."

Professora de Português - Maria Isabel

Processo de ensino e aprendizagem:

"... informar o aluno no geral, vários assuntos (...) para se discutir como um todo (...) principalmente o social."

Professora de Matemática - Castinauta

"Quando eu comecei a lecionar eu tinha uma definição: que era transmitir o conhecimento, e esperava que os alunos aprendessem tudo o que era passado. Bom, com o passar do tempo, do tempo que eu já estou lecionando, vai fazer 12 anos, eu fui mudando esse conceito... Hoje pra mim eu exijo muito menos, que eles aprendam muito menos do que no início. Porém, que eles aprendam realmente, que eles entendam o que eu tô explicando, e que haja uma progressão, um avanço, nem que esse avanço seja mínimo."

Porém, que seja consistente, que seja realmente aprendido. E no início não, eu queria, eu dava mais quantidade de matéria, do que qualidade. E hoje eu acho que é o contrário: hoje eu exijo muito menos, porém, com mais certeza de que eles estão me entendendo e estão aprendendo..."

Professora de Inglês - Alberto Medalijon

"Trocar experiência, passando essa experiência, passando essa experiência, vai cobrando dele, mostrando a importância dessa experiência do aluno, vai acreditando. Você acaba aprendendo muito..."

Professora de Educação Artística - Laís Bertoni.

"É a parte mais importante (...). a gente tá sempre estimulando o conhecimento que ele tem dentro de si, sempre estimulando, dando força para eles saberem usar todo o potencial que eles tem. Mostrar que não é mais a fase da decoreba, de pegar um livro e ler por obrigação."

Professora de Português - Maria Isabel

Humanização:

"É o professor respeitando o aluno, o aluno respeitando o professor, a direção, todo mundo trabalhando junto, formando uma só unidade..."

Professora de Português - Alberto Medalijon

“Lembra ser humano, educação, atenção, carinho. É o relacionar o humano...”

Professora de Matemática - Castinauta

Qualidade de Ensino:

“Se você tem uma escola boa, aberta, prazerosa. Você já tornou a coisa humana, já humanizou este processo, a qualidade de ensino é o fruto, é a consequência disso daí...”

Professora de Matemática - Castinauta

“A qualidade de ensino de ensino varia de acordo com a classe que ao assumir no início do ano, eu procuro antes verificar qual é: o nível de cada classe, de cada aluno em individual, e a partir daí, ensina - los...”

Professora de Inglês - Alberto Medalijon

5) Como avalia sua prática pedagógica e o estabelecimento da relação com os seus alunos face as novas propostas educacionais?

“A prática é uma tentativa de adequar e entender a nova legislação...”

Professor de Matemática - Maria Isabel

“Tá bem falha , falta alguns recursos, precisando de muito trabalho...”

Professora de Matemática - Castinauta

6) Como trabalhar com a heterogeneidade (diversidade), o conflito, a dispersão, a rotatividade, e os distintos interesses dos alunos em sala? Isto é relevante para o desenvolvimento do processo de ensino - aprendizagem e na relação professor aluno?

“Eu acho que é com essa diversidade que a gente tem que aprender, que a gente cresce. Mas acho que a gente não consegue manipular essa diversidade de forma, a ela se tornar produtiva, boa. Não dá, que nem vai colocar todos iguais, né? uma classe só de gênios, só de médios, uma classe só de deficientes, tanto que o Governo disse: “você tem que mesclar”, que é justamente com essa diversidade que a gente cresce. (...) Todos iguais não vão ser não, tem que ser diferente mesmo. Ele precisa aprender essa relação que ele vai viver lá fora...”

Professora de Matemática - Castinauta

7) Qual a utilidade que você atribui ao conhecimento adquirido pelo aluno?

“A partir do conhecimento adquirido pelo aluno acredito que estou preparando - os para o mundo, para a vida.”

Professora de Português - Alberto Medalijon

“Na escola agora não, não estou vendo utilidade nenhuma. Nem eu nem eles, por isso eles não aprendem mesmo. Por isso, que tem estas dificuldades com indisciplina, porque ele não vê utilidade mesmo. (...) Isso é uma coisa que a gente precisaria tá mudando: tornar o ensino mais chão, mais útil na vida deles, porque o mercado de trabalho tá mudando e muito.”

Professora de Matemática - Castinauta

“Os conhecimentos adquiridos pelo aluno, o tornam: um cidadão crítico, consciente e criador; lutando para ser ouvido e respeitado, independente de sua condição sócio - econômica, ser um verdadeiro cidadão participante e conhecedor dos seus direitos e deveres.”

Professora de Inglês - Laís Pereira

8) O que pode ser definido como indisciplina? Por quê este fato tornou-se persistente na sala de aula?

“É um aluno que fala muito? Indisciplina eu não sei se é uma coisa que dizem que o aluno não fica quieto. Se a escola era pra ser um lugar pra ser livre, prazerosa, ela não era, nem era pra tá assim desse jeito, aí. Eu não sei o que é!?”

O fato de o aluno falar e se levantar não significa que ele tá mesmo entediado, cansado, e que a tua aula, tá chata, não é?

As dificuldades são com relação ao jeito que se quer trabalhar. Que nem sei se tá certo. Aliás não tá, porque tá chato pra caramba(...).

(...) Regra e imposição que ele tem em casa com relação a pai ou mãe ele não pode fazer muitas outras coisas, então ele vem aqui (...).

Se você tem uma escola limpa, aberta, sem grades você não vai ter problemas de indisciplina, porque ele vai ter prazer em vir e cuidar da escola (...)

(...) Tudo é muito imposto na vida da gente. Eles já tem a imposição de morarem em uma favela, passarem fome, de estar sempre convivendo com marginais, sempre convivendo com o perigo, com sujeira. E é tudo muito imposto. Aquele pai que tá bebendo, aquela mãe que tem outra dificuldade, que tá bebendo também. Aí, é imposto pra ele que tem que vir na escola pra aprender, pra ser ser alguém na vida. Não é a escola que vai fazê - lo alguém. Ele é uma pessoa. Acho que se deixa - se de ser imposto pra ele como obrigação, acho que seria mais fácil (...)

(...) Ele vem na escola porque ele é obrigado. Porque falaram pra ele que ele tem que arrumar um bom emprego pra ganhar um bom salário

pra ele ser alguém na vida, aí, um aluno no ano passado me falou assim: "mas vocês ganham tão pouco e estudaram tanto pra que eu vou estudar?(...)

(...) Então, o que é ser alguém na vida. Ser alguém é ganhar dinheiro? Então, eu tenho (o aluno) outras formas de ganhar dinheiro, porque o nosso amigo que fica ali na porta anda de carro importado. E ele não é professor, digamos assim comerciante, mas é o modelo que ele tem. Ele não precisou estudar..."

Professora de Matemática - Castinauta

"Essa geração aí é muito ativa (...) a aula expositiva seqüencial vai cansando. (...) É claro, é da idade, é impossível ter 100% de silêncio. O que falta é o limite. A gente vai ter que ir mostrando aos poucos..."

Professora de Português - Maria Isabel

Alunos¹¹⁶

1) Enquanto aluno: como define educação e o seu papel na sociedade?

"É o aluno respeitar o aluno, o aluno respeitar o professor"

Aluno - Laís Bertoni

"Ser alguém na vida..."

Aluna - Castinauta

2) Qual sua definição para o conceito de escola? Como ela deveria ser de acordo com sua idealização?

"Antes era uma casa pra gente. Agora ninguém quer mais saber, porque tá ruim..."

Aluno - Laís Bertoni

"A escola deveria ouvir um pouco mais a gente, ser mais paciente..."

Aluno - Maria Isabel

"Devia ter policial na porta da escola. Tem gente que pula aqui pra pegar as coisas aqui"

Aluna - Alberto Medalijon

¹¹⁶ Os alunos foram entrevistados na seguinte organização:

Escola Castinauta: foi realizada com toda a sala: o que prejudicou na obtenção das informações devido ao barulho excessivo;

Escola Maria Isabel: Inicialmente 6 alunos participaram, depois agregaram - se mais 7, total 13 alunos;

Escola Alberto Medalijon: 12 alunos responderam às questões sendo estes divididos em 2 grupos de 6 cada.

Escola Laís Pereira: A professora de Educação Artística selecionou e dividiu 18 alunos em 6 grupos de 3 cada.

3) Qual a importância do professor e da família no funcionamento da escola?

“Se os pais participassem, os alunos dariam mais valor à escola...”

Aluna - Laís Pereira

“Falta comunicação entre a direção e a família. Os pais ficam sem saber se o filho leva suspensão ou não. Professor deveria ter contato maior com os pais e dar mais atenção aos alunos que tem dificuldades...”

Aluno - Maria Isabel

4) O que você entende por relação professor - aluno; processo de ensino - aprendizagem (modo de ensinar e aprender); humanização e um ensino de qualidade?

Ensino de Qualidade:

“Seria legal se tivesse aulas práticas. Colocam que durante o pré, 1ª. a 4ª. saiam mais e aprendam mais(...). Agora não é pra ir para o passeio”

Aluno - Laís Bertoni

Processo de Ensino e Aprendizagem

“A gente faz uma troca : a gente aprende e passa pra outras pessoas...”

Aluno Alberto Medalijon

Relação Professor - Aluno

“Dar mais atenção, eram mais amigo da gente. Era tipo uma família, dava conselho...”

5) Qual a utilidade que você atribui ao conhecimento adquirido na escola?

“O que se aprende na escola não é relevante (...). O desemprego tá aí, e a gente não tá preparado para o que tá aí fora.”

Aluna - Laís Bertoni

6) E a indisciplina nesta história?

“Se as professoras respeitasse nós, nós respeitava ela...”

Aluno - Alberto Medalijon

“Falta vontade dos professores em ensinar. O motivo da bagunça é o professor não saber ensinar o aluno, organizar a classe, não saber lidar com o aluno...”

Aluno - Maria Isabel

**QUESTIONÁRIO (PROFESSORES)
RESULTADOS**

1) Dados Gerais:

Total de respondentes : 6 professores
Disciplinas: 2 de Matemática, Português e Inglês
Série : 4 Quintas séries
Idade Média: 32,6 anos
Tempo em que leciona (Média): 5,8 anos

Local de Nascimento: Campinas: 3; Interior: 2; Capital: 1
--

2) Questões:

A) Formação:

1	2	3
Licenciatura Plena	Licenciatura Curta	Outra
83,4%	16,6%	0%

B) Instituição:

1	2	3
Pública	Privada	Outra
33,4%	66,6%	0%

C) Conhecimentos para a formação de magistério:

1	2	3
Relevante	Pouco Relevante	Irrelevante
83,4%	16,6%	0%

D) Esses conhecimentos influenciaram sua prática pedagógica:

1	2	3
Sim	Não	Não Sabe
83,4%	0%	16,2%

E) Realiza freqüentemente cursos de complementação, educação continuada, oficinas, entre outros:

1	2	3
Sim	Não	Não tem tempo
66,7%	16,6%	16,7%

**F) Se realiza estes cursos, qual a influencia em sua prática pedagógica:
* 4 respondentes.**

1	2	3
Grande	Pequena	Pouca
75%	25%	0%

G) Como avalia sua prática pedagógica:

1	2	3
Excelente	Boa	Regular
16,6%	66,7%	16,7%

H) Qual concepção pedagógica que norteia sua prática:

1	2	3
Conservadora	Progressista	Humanizadora
16,6%	50%	33,4%

I) Educar é para:

1	2	3
Vida	Mundo do trabalho	Duas propostas
0%	0%	100%

J) A participação discente nas aulas deve ser :

Investigativa
100%

L) O sistema educacional deveria ser novamente reformulado de modo a adequar-se a realidade dos alunos, da comunidade onde a escola insere-se:

Sim
100%

M) Os conteúdos abordados em sala de aula são para os alunos:

Relevante: 50%
Pouco Relevante: 33,4%
Irrelevante: 16,6%

N) A participação familiar ou comunitária na condução do trabalho pedagógico é:

Quase inexistente
100%

O) As alterações propostas pelo Ministério da Educação, Secretaria do Estado como: “PROVÃO”, eliminação da repetência, introdução de parâmetros curriculares, aprovação da Lei de Diretrizes e Bases Nacional (9394), puderam modificar tanto a prática quanto a relação pedagógica:

*** 4 respondentes**

Sim	Não Sabe
80%	20%
Para Melhor: 75%	
Para Pior: 25%	

* As justificativas de alguns professores ao responderem esta questão:

“ Algumas alterações propostas pelo Ministério da Educação como a introdução dos Parâmetros Curriculares e a sala Ambiente foram excelente para as escolas e para os professores, mas a eliminação da repetência é algo que não concordo, pois em que condições o aluno será promovido? Acho que isso prejudica e muito, não só a instituição, mas também, e principalmente, os alunos que somente irão atentar para este fato quando estiverem concorrendo para o mercado de trabalho. Por isso, prefiro não responder O.”

Professora Escola Lais Bertoni.

“Nao sei responder, pois procuro bases sólidas através de análises e questionamentos.”

Professor da Escola Maria Isabel.

P) Observações Pessoais...

“Como educadora, observo diversos problemas existentes na Educação, porém, tendo acompanhado as mudanças propostas e tenho muita disposição para contribuir para melhorias. Leio, tomo conhecimento, discuto, questiono, tento colocar em prática novas sugestões e avalio o resultado: quando positivo continuo com a prática; quando negativo, penso em mudanças.

Quanto aos conhecimentos fornecidos pelo curso superior, são relevantes, porém, servem apenas de base para a prática do magistério. Na verdade, a boa

formação é adquirida aos poucos, dentro da sala de aula, cara - a - cara com os alunos, enfrentando as diversas realidades, oferecendo educação, colhendo resultados bons ou ruins.” Professora da Escola Maria Isabel.

QUESTIONÁRIO (Resultado)

Alunos

1) Dados Gerais:

Respondentes: 121 alunos
Série: 5a. série
Idade Média: 12,5 anos

Local de Nascimento:

Campinas: 68 (56,1%) - Interior: 11 (9%) - Capital: 6 (4,9%) - Outros Estados: 29 (23,9%); Minas Gerais: 10; Rio de Janeiro: 2; Bahia: 10; Paraíba: 2; Ceará: 1; Maranhão: 1; Paraná: 1; Rondônia: 1; Pernambuco: 1. Não Sabe: 8 (6,7%)

2) Questões:

A) Trabalha:

Sim (15) 12,4%

Não (106): 87,6%

B) Mora no bairro onde a escola está localizada:

1	2
Sim	Não
(105) 86,8%	(15) 12,4%

C) Estudou em escolas:

Públicas (113): 93,4%

Particulares (2): 1,7%

Nas Duas (6) 4,9%

D) Realiza atividades (computação, inglês, esportes, entre outros) fora do horário de aula:

1	2
Sim	Não

(37) 30,5%

(84) 69,5%

E) Se realiza atividades fora da escola, elas tem influenciado o seu aproveitamento nas aulas:

*** Dos 37 que realizam**

1	2
Sim	Não
27(73%)	10 (27%)

F) Educar para você deve ser para a:

Vida: (15) 12,4%

As duas coisas: (91) 75,3%

Mundo do trabalho: (13) 10,7%

Não sabe: (2) 1,6%

G) A participação dos alunos nas aulas deve ser :

1
Somente observar as explicações
(16) 13,2%

2
Somente repetir o conteúdo trabalhado na sala
(16) 13,3%

3
Relacionar o conteúdo com exemplos do seu dia- a -dia
(85) 70,2%

Não sabe
(2) 3,3%

H) Você considera que os conhecimentos trabalhados em sala de aula tem para sua vida fora da escola:

Importância: (112) 92,6%

Pouca Importância (6) 4,9%

Nenhuma (3) 2,5%

I) Estes conhecimentos influenciam você no dia - a- dia ou na sua relação com a família, os amigos, no trabalho:

Sim (77) 63,7%

NãoSabe (14) 11,6%

Não (29) 23,9%

J) Como avalia sua relação com o professor:

Excelente (16) 13,3%

Boa (58) 47,9%

Ruim (46) 38%

L) Na sua opinião as aulas deveriam ser modificadas:

Sim (48) 39,7%

Não (49) 40,5%

Não Sabe(24) 19,8%

M) Você acha que a participação da família ou comunidade onde vive são importantes no funcionamento da escola:

Sim (59) 48,8% Não (25) 20,7%

Não Sabe (24) 19,8%

N) As alterações que ocorreram na escola como: “PROVÃO”, eliminação da repetência, salas ambientes, mudaram a relação de amizade, o jeito de ensinar e aprender entre os professores e alunos:

Sim (80) 71,9%

(A)Para melhor (71) 88,7%

(B) Para pior (9) 11,3%

Não (19) 15,8%

Não sabe (15) 12,3%

O) Espaço livre para comentários sobre as perguntas acima:

As aulas deveriam ser: “curtas”, na escola ter “melhor espaço físico como quadra de futebol”, além de policiamento à tarde e noite na escola.”

ANEXO II¹¹⁷

¹¹⁷ Apostila de Português (Alberto Medalijon) -Jogo Matemático : Avançando com o resto - Música Gabriel Pensador e Desenhos dos Alunos sobre a Escola.

AVANÇANDO COM O RESTO

Material: Um tabuleiro, um dado e duas fichas ou peões de cores diferentes.

Meta: Chegar em primeiro lugar ao espaço com a palavra FIM.

Regras:

1. Duas equipes jogam alternadamente. Cada equipe movimentará sua ficha colocada, inicialmente, na casa com o número 43.
2. Cada equipe, na sua vez, joga o dado e constrói uma divisão onde:
 - o dividendo é o número da casa onde sua ficha está,
 - o divisor é o número de pontos obtidos no dado.
3. Em seguida, calcula o resultado da divisão e movimenta sua ficha o número de casas igual ao resto da divisão.
4. A equipe que, na sua vez, efetuar um cálculo errado perde sua vez de jogar.
4. Cada equipe deverá obter um resto que a faça chegar exatamente à casa marcada com FIM sem ultrapassá-la, mas se isso não for possível, ela perde a vez de jogar e fica no mesmo lugar.
5. Vence a equipe que chegar em primeiro lugar ao espaço com a palavra FIM.

Objetivos:

- Exercitar as tabuadas e cálculo de divisões simples.
- Desenvolver habilidades de raciocínio.
- Promover o trabalho em equipe.

AVANÇANDO COM O RESTO

Adaptado de [1]										
54	23	17	88	76	35	62	97	49	67	29
45										
81	19	71	44	51	80	96	FIM			
26	98									
34	39	86	21	0	75	33	18	95	61	30
59	TCHAU!									
83	12	91	11	65	52	77	15	36	24	43

ORTOGRAFIA E CONCORDÂNCIA

1. Veja:

“Voltou à casa do pai.” (Voltou para a casa do pai.)
 Voltou a casa muito tarde. (Voltou para casa muito tarde)

Toda vez que a vier substituindo para a, emprega-se o acento grave indicador da crase.

Rescreva as frases que seguem, substituindo as expressões em destaque por a ou à:

- Não gosta de ir para a casa dos avós.
- Seu pai exige que volte sempre cedo para casa.
- Dirigiu-se para a casa do dono da luz.
- Regressou para a casa do pai.

2. Na frase: “O jovem voltou a guardá-la”, o pronome **la** está substituindo a luz.

Substitua as expressões em destaque nas frases abaixo por um pronome:

- Vou trazer a luz.
- Quero conhecer o dono da luz
- Os índios começaram a visitar o pai das moças.

3. “O pai das moças não pôde mais suportar tanta gente dentro e fora da sua casa.”

O verbo poder tem acento circunflexo no passado (pôde) para diferenciar de pode no presente

- Escreva um período composto em que apareçam essas duas formas.

4. Observe:

“Não existiam nem o dia nem a noite.”

Não havia nem o dia nem a noite.

Importante: o verbo haver no sentido de “existir” não tem plural.

Rescreva as frases abaixo, substituindo o verbo haver por existir e vice-versa:

- Existem muitos caminhos que conduzem até lá.
- Havia muitas pessoas que queriam ver a luz.
- Já existem outras formas de interpretar a origem do dia e da noite?
- Sempre haverá diferentes maneiras de interpretar a origem do mundo.

DISCURSO DIRETO E DISCURSO INDIRETO

1. “O dono da luz lhe respondeu:

... Eu já esperava por você.

2. O dono da luz lhe respondeu que já esperava por ela.

No exemplo 1, o narrador reproduziu a fala da personagem diretamente, isto é, tal qual ela disse. A fala da personagem

chama-se discurso. Como nesse exemplo a fala da personagem foi reproduzida diretamente, temos um caso de **discurso direto**.

Discurso direto é a reprodução exata da fala ou do pensamento da personagem. Geralmente, o narrador introduz a fala por meio de verbos como: falar, dizer, responder, ordenar, etc.

No exemplo 2, o narrador, conta o que a personagem falou. Note que, neste caso, o narrador não reproduz exatamente as palavras que a personagem utilizou, mas transmite o conteúdo da fala de forma indireta. Por essa razão, damos o nome de **discurso indireto** a esse recurso.

Discurso indireto é um recurso que o narrador utiliza para nos contar o que a personagem falou ou pensou. As falas da personagem são reproduzidas indiretamente, isto é, por meio das palavras do narrador.

1. Rescreva os trechos abaixo empregando o discurso indireto:

- Então chamou a filha mais velha e disse-lhe:
— Vá até onde se encontra o jovem dono da luz.
- O jovem disse-lhe:
— Tome a luz.
- O pai disse à filha:
— Traga-me a tartaruga.
- O pai perguntou:
— Todos querem a luz?

2. Peça a um colega para dizer uma frase. A seguir, transcreva-a de duas maneiras:

- utilizando o discurso direto;
- utilizando o discurso indireto.

3. Rescreva os trechos que seguem empregando o discurso direto.

- O jovem disse à moça que guardasse a luz.
- O pai disse à filha mais nova que trouxesse a luz para ele.
- O jovem falou à moça que ela poderia der tudo.
- O pai pediu ao sol que esperasse pela tartaruga.

GRAUS DO ADJETIVO

Observe:

Esta face da Terra está escura.
Está face da Terra está escuríssima.

Os dois adjetivos indicam a mesma característica, mas na segunda frase a idéia de escuridão está bastante enfatizada, isto é, há uma variação de intensidade em relação à primeira. Isso significa que o adjetivo pode expressar graus diferentes de intensidade de uma característica de um ser.

GRAU NORMAL

Geralmente, o adjetivo aparece em grau normal como na primeira frase:

Esta face da Terra está escura.

Para expressar as variações de intensidade, o adjetivo apresenta-se em dois graus diferentes: grau comparativo e grau superlativo.

GRAU COMPARATIVO

Veja as três frases seguintes:

Esta face da Terra é tão escura quanto a outra?
Esta face da Terra está mais escura (do) que a outra.
Esta face da Terra está menos escura (do) que a outra.

Em todas essas frases, estamos comparando características das duas faces da Terra, por isso o adjetivo escura está no **grau comparativo**.

Esta face da Terra é tão escura quanto a outra?

Nessa comparação, as duas faces da Terra estão em condição de igualdade quanto à escuridão. Portanto, o adjetivo escura está no **grau comparativo de igualdade**.

Veja a Segunda frase:

Esta face da Terra está mais escura do que a outra.

Agora, estamos enfatizando a condição de superioridade de uma face da Terra em relação à outra no que diz respeito à escuridão. Logo, o adjetivo escura está no **grau comparativo de superioridade**.

Observe a última frase:

Esta face da Terra está menos escura do que a outra.

Nesse caso, estamos chamando a atenção para a condição de inferioridade de uma face da Terra em relação à outra. O adjetivo escura está, portanto, no grau comparativo de inferioridade.

Para expressar o grau comparativo, não mudamos a forma do adjetivo. O que fazemos é acrescentar expressões como as que seguem:

Grau comparativo

a) de igualdade

tão... quanto — Ele está tão nervoso quanto você.
tão... como — Ele está tão nervoso como você.
como — Ele está nervoso como você.

b) de superioridade

mais... que — Ele está mais nervoso que você.
mais... do que — Ele está mais nervoso do que você.

c) de inferioridade

menos... que — Ele está menos nervoso que você.
menos... do que — Ele está menos nervoso do que você.

Os adjetivos bom, mau, grande, pequeno possuem formas

irregulares para o comparativo de superioridade.

Adjetivo	Comparativo de superioridade
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor

EXERCÍCIOS

1. Complete a frase, substituindo o pelo adjetivo que está no retângulo. Veja o exemplo:

teimoso - Meu irmão é mais teimoso que minha irmã.
Portanto, minha irmã é menos teimosa que meu irmão.

a) sensível - Sua mãe é mais sensível que seu pai.

Portanto, ...

b) severo - A professora de Português é menos severo do que o de Geografia.

Portanto, ...

c) longo - Hoje o dia pareceu mais longo do que ontem.

Portanto, ...

d) interessante - O jogo de xadrez é mais interessante do que o de damas.

Portanto, ...

e) mau/bom - Minha letra é pior do que a sua.

Portanto, ...

f) pequeno/grande - Minha escola é menor do que a de meu primo.

Portanto, ...

2. Identifique o grau do adjetivo que aparece em cada uma das frases:

a) Acho o jogo de tênis tão chato quanto o de basquete.

- b) Namorar é mais agradável do que estudar.
 c) Os conhecimentos de Histórias são tão úteis quanto os de Geografia.
 d) O filme Superman é menos divertido do que o do Batman.
 e) Não gosto de andar por esta rua. Ela é perigosa.

GRAU SUPERLATIVO

Observe:

Hoje o dia está muito quente!
 Hoje o dia está quentíssimo.

Compare:

muito quente/quentíssimo

As formas muito quente e quentíssimo expressam uma característica intensificada no seu grau máximo. O adjetivo quente, nesses casos, está no **grau superlativo**. Nesses dois exemplos quente está no **grau superlativo absoluto**.

Note agora:

Ela é a mais bonita das candidatas a Miss Brasil.
 Ela é a menos bonita das candidatas a Miss Brasil.

Nesses exemplos, o adjetivo bonita está realçando a beleza de uma candidata em relação a todas as outras. Por essa razão, dizemos que o adjetivo está no **grau superlativo relativo**.

SUPERLATIVO ABSOLUTO

O superlativo absoluto pode ser expresso de duas maneiras:

a) forma analítica

- O dia está muito quente.
 O dia está extremamente quente.

O adjetivo não é flexionado. Para indicar a intensidade do grau, podemos empregar palavras como muito, extremamente, grandemente, etc.

b) forma sintética

O dia está quentíssimo.

Neste caso, o adjetivo foi flexionado. Utilizou-se o sufixo -íssimo para indicar intensidade.

Muitos adjetivos apresentam formas de superlativo pouco utilizadas no dia-a-dia.

Veja algumas:

amigo-amiciíssimo	difícil-dificilíssimo
antigo-antiquíssimo	fácil-facilíssimo

bom-boníssimo	humilde-humilíssimo
doce-dulcíssimo	célebre-celeberrimo
fiel-fidelíssimo	magro-macérrimo
pobre-paupérrimo	negro-nigérrimo

Observação: Você já deve ter notado que na linguagem de todo dia existem várias maneiras de indicar o grau superlativo dos adjetivos. Veja:

classe hiperlegal
 colega superchato
 linda de morrer
 feia que dói
 divertido pra valer

SUPERLATIVO RELATIVO

O superlativo relativo pode ser:

a) de superioridade

Ela é a mais charmosa da turma.

b) de inferioridade

Ela é a menos charmosa da turma.

CASOS ESPECIAIS

Os adjetivos bem, mau, grande e pequeno apresentam formas especiais para o grau superlativo.

Adjetivo	Superlativo absoluto	Superlativo relativo
bom	ótimo	o melhor
mau	péssimo	o pior
grande	máximo	o maior
pequeno	mínimo	o menor

EXERCÍCIOS

1. Indique o grau dos adjetivos nas frases:

- a) Marcelo é altíssimo.
 b) Marcelo é muito alto.
 c) Marcelo é mais alto do que Geraldo.
 d) No inverno, as noites são muito longas.
 e) No inverno, os dias são curtíssimos em alguns países.

2. Rescreva as frases abaixo, substituindo as formas analíticas do grau superlativo pelas sintéticas correspondentes:

- a) Este garoto é muito esperto.
 b) Este postal de Recife é muito belo.
 c) As ruas da cidade estão extremamente sujas.
 d) Essa barba branca te deixa muito velho.

3. Escreva frases utilizando os pares indicados abaixo, colocando o adjetivo no grau superlativo relativo de superioridade. Veja o exemplo:

quarto/ensolarado - Este quarto é o mais ensolarado da casa.

- a) aluno/tagarela
- b) criança/birrenta
- c) rua/esburacada
- d) novela romântica
- e) joguinho/divertido

4. Nos anúncios publicitários, é bastante comum a utilização do grau superlativo. Por que você acha que isso ocorre?

ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO

1. Observe:

Você não tem discrição, fica olhando o meu lixo. Faça uma descrição da sua sala de aula.

discrição – qualidade de quem é discreto: reserva; modéstia.

descrição – ato de descrever.

Rescreva as frases que seguem, substituindo o por descrição ou discrição.

a) Não se vista de maneira tão espalhafatosa, tenha um pouco mais de

b) Gostou muito da viagem a Ouro Preto. Fez uma detalhada dessa cidade histórica.

2. Veja:

análise – analisar	concreto – concretizar
liso - alisar	fiscal - fiscalizar
São escritos com s os verbos que derivam de palavras que apresentam s na sílaba final.	São escritos com z os verbos que não derivam de palavras que apresentam s na sílaba final.

Dê o verbo terminado em -izar ou -isar, derivado das palavras seguintes:

- a) pesquisa
- b) suave
- c) paralisia
- d) economia
- e) final
- f) aviso
- g) partículas
- h) valor

3. Observe a pontuação:

“Eu, graças a Deus, nunca fumei.”

A expressão “graças a Deus” está intercalada na frase. Deve ir entre vírgulas.

Rescreva as frases que seguem, separando por vírgulas as expressões intercaladas:

- a) Você sem dúvida alguma gosta de analisar o lixo dos outros.
- b) Eu como era de ser esperar não sabia cozinhar.
- c) Ela como de costume começou a falar desesperadamente.
- d) “Isso significa que no fundo você quer que ela volte”.

PRONOME

Observe:

“Esse lixo apodrecido servirá de alimentos a ratos”.

O pronome esse está acompanhando o substantivo lixo.

Ele servirá de alimento a ratos.

Como você já deve ter aprendido na 5ª série, o pronome pode acompanhar ou substituir o substantivo. De acordo com essas duas funções (acompanhar ou substituir nomes), o pronome pode ser:

1. **Pronome substantivo:** é aquele que substitui um substantivo.

Vocês viram a Joana ? Preciso falar com ela. Com a chuva, plásticos e papéis navegam na enxurrada. Eles entopem os bueiros, provocando inundações.

2. **Pronome adjetivo:** é aquele que acompanha o substantivo, determinando-o.

Todo lixo pode ser dividido em material orgânico e inorgânico. Por que jogou esta casca de fruta no chão.

EXERCÍCIOS

Classifique cada um dos pronomes destacados em pronome substantivo ou pronome adjetivo:

- a) Essas inundações são muito conhecidas dos habitantes das cidades brasileiras.
- b) Todos levantam a voz para clamar contra a poluição.
- c) Todo indivíduo levanta a voz para clamar contra a poluição.
- d) Tais restos também contribuem para a proliferação de formas daninhas de vida.
- e) É que eu tenho de fazer minha própria comida.

PRONOME PESSOAIS

Você também já deve ter estudado os pronomes pessoais retos e oblíquos. Os pronomes retos funcionam como sujeito, e os oblíquos, como complemento do verbo. Veja:

Eu vi o menino subindo a escada.

↓
pron.reto(funciona como sujeito.)

Eu o vi subindo a escada.

↓
pron.obliquo(está no lugar de menino, funciona como complemento do verbo ser.)

Os pronomes oblíquos apresentam duas formas:

1. Átonos – empregados sem preposição.

O seu lixo **me** interessou.
Não **o** encontrei em casa.
Já **te** enviei a carta.

2. Tônicos – sempre precedidos de preposição.

O seu lixo interessou a **mim**.
↓
preposição
Já enviei a carta a **ti**.
↓
preposição

Veja o quadro completo dos pronomes pessoais:

PRONOMES PESSOAIS				
		Retos	Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	se, lhe, o, a	si, consigo, ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	se, lhes, os, as	si, consigo, eles, elas

Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** podem assumir as seguintes formas:

a) **lo, la, los, las** depois de verbos terminados em **r, s, z**.

Este lixo vai alimentar o rato.

Este lixo vai alimentá-**lo**.

Fiz o menino sair da classe.

Fi-**lo** sair da classe.

Pusemos o lixo para fora de casa.

Pusemo-**lo** para fora de casa.

b) **no, na, nos e nas** depois de verbos terminados em **m, ão e ãe**:

Alimentaram o rato.

Alimentaram-**no**.

Põe o pão sobre a mesa.

Põe-**no** sobre a mesa.

Dão alimento aos ratos.

Dão-**no** aos ratos.

EXERCÍCIOS

1. Rescreva as frases, substituindo o que estiver destacado pelo pronome pessoal oblíquo adequado. Observe que os verbos terminam em **r** ou **m**.

a. Vamos reduzir as despesas

b. Reduziram o imposto.

c. Vá chamar sua mãe

d. Conduzam o suspeito à sala 9.

e. Quero conhecer aquele novo produto.

2. Faça como no exemplo:

Preciso dele. Convoque-

Preciso dele. Convoquem-

Preciso dele. Convoque-o

Preciso dele. Convoquem-no

a) Preciso dela. Avise-

b) Preciso dela. Chame-

c) Preciso dela. Chamem-

d) Não entendi o texto. Repita- , por favor.

e) Não entendi o texto. Repitam- , por favor.

PRONOME

Veja:

Muitos desses super-homens fizeram algumas viagens sensacionais.

Lendo essa frase, você consegue determinar com precisão quem e quantos são esses super-homens e que viagens foram essas?

E evidente que não, pois as palavras muitos e algumas estão referindo-se aos substantivos de modo vago, impreciso, indefinido. Elas são **pronomes indefinidos**.

Alguns pronomes indefinidos variam em gênero e número. Outros são invariáveis, isto é, não apresentam mudança de forma. Veja:

PRONOMES INDEFINIDOS	
Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	alguém
nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhuma	ninguém
todo, toda, todos, todas	tudo
outro, outra, outros, outras	outrem(outra pessoa)
muito, muita, muitos, muitas	nada
pouco, pouca, poucos, poucas	cada

Escreva as frases que seguem, retirando todos os adjuntos adnominais:

Exemplo:

Ela escolheu uma meada vermelha.

Ela escolheu meada.

Adorou belos frutos roxos.

Use o verde brilhante para pintar esse quadro.

Depois os primeiros pontos apareceu um capim alto.

Os meus dois melhores amigos são cariocas.

O último desenho ainda não ficou pronto.

Escreva as frases, acrescentando adjuntos adnominais

substantivos destacados. Lembre-se de que exercem a

função de adjunto adnominal os artigos, os numerais, os

nomes adjetivos e os adjetivos:

Desouza cortou linha.

Costo ficou escondido.

Desenhei penas e bico.

Osabelos não se mexeram.

ESTUDO ERRADO¹
(Gabriel Pensador)

Eu tô aqui
 Pra quê?
 Será que é para aprender?
 Ou será que é pra aceitar, me
 acomodar e obedecer?
 Tô tentando passar de ano pro
 meu pai não me bater
 Sem recreio de saco cheio
 porque sempre me pega
 Disfarçando espiando e
 colando toda a prova dos
 colegas
 E ela esfrega na minha cara um
 zero bem redondo
 E quando chega o boletim lá
 em casa eu me escondo
 Eu quero jogar botão, vídeo
 game, bola de gude
 Mas meus pais só querem que
 eu ‘vá pra aula!’ e ‘estude!’
 Então dessa vez eu vou estudar
 até decorar cumpádi
 Pra eu comprar mais revistinha
 (do Cascão?)
 Não
 De mulher pelada
 A diversão é limitada e o meu
 pai não tem tempo pra nada
 E a entrada no cinema é
 censurada (vai pra casa
 pirralhada!)
 A rua é perigosa então eu vejo
 televisão (Tá lá mais um corpo
 estendido no chão)
 Na hora do jornal eu desligo
 porque eu nem sei o que é
 inflação

¹ No final das observações nas escolas analisadas, esta música foi tocada, e a letra distribuída para que os alunos pudessem expressar através de desenhos, textos sobre a escola que estudavam.

-Ué, num te ensinaram?
 - Não
 A maioria das matérias que
 eles dão eu acho inútil
 Em vão, pouco interessantes,
 eu fico pu...
 Tô cansado de estudar, de
 madrugar, que sacrilégio (Vai
 pro colégio!!)
 Então eu fui relendo tudo até a
 prova começar
 Voltei, louco pra contar:

Manhê!
 Tirei um dez na prova
 Me dei bem tirei um cem e eu
 quero ver quem me reprova
 Decorei toda a lição
 Não errei nenhuma questão
 Não aprendi nada de bom
 Mas tirei dez (boa filhão!)
 Quase tudo aprendi, amanhã eu
 já esqueci
 Decorei, copiei, memorizei,
 mas não entendi
 Quase tudo que aprendi,
 amanhã eu já esqueci
 Decorei, copiei, memorizei,
 mas não entendi

Decoreba: esse é o método de
 ensino
 Eles me tratam como ameba e
 assim eu num raciocínio
 Não aprendo as causas e as
 consequências só decoro os
 fatos
 Desse jeito até história fica
 chato
 Mas os velhos me disseram
 que o “porque” é o segredo
 Então quando eu num entendo
 nada, eu levanto o dedo
 Porque eu quero usar a minha
 mente pra ficar inteligente

Eu sei que o estudo é uma coisa boa
 O problema é que sem motivação a gente enjoa
 O sistema bota um monte de abobrinha no programa
 Mas pra aprender a ser ignorante
 Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)
 Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre
 Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste
 - O que é corrupção?
 Pra que serve um deputado?
 Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!
 Ou que a minhoca é hermafrodita
 Ou sobre a ténia solitária
 Não me faça decorar as capitâneas hereditárias!!!
 Vamos fugir dessa jaula!
 "Hoje eu tô feliz"(matou o presidente?)
 Não. A aula
 Matei a aula porque num dava
 Eu não aguentava mais
 E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais
 Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam
 (Esse num é o valor que um aluno merecia!)
 Iiih... Sujô! (Hein?)
 O inspetor! (Acabou a farra, já pra sala do coordenador)
 Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar
 E me disseram que a escola era o meu segundo lar
 E é verdade

Eu aprendo muita coisa realmente
 Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!
 Não tenho outra saída
 Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
 Discutindo e ensinando os problemas atuais
 E não dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
 Com matérias das quais eles não lembram mais nada
 E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada

Manhê!
 Tirei um dez na prova
 Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
 Decorei toda a lição
 Não errei nenhuma questão
 Não aprendi nada de bom
 Mas tirei dez (boa filhão!)

Encarem as crianças com mais seriedade
 Pois a escola é onde formamos a nossa personalidade
 Vocês tratam a educação como um negócio
 Onde a ganância, a exploração e a indiferença são sócios
 Quem devia lucrar só é prejudicado
 Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
 Tá tudo errado e eu já tô de saco cheio
 Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...



ESCOLA MARIA ISABEL



nome: Ana Lúcia Série: 59B

escola

MATERIA

minha escola

DATA

Na escola, nós ouvimos sempre o professor dizer:

- Estudem, pois amanhã terá prova!!!

Então, nós ficamos desesperados estudando para a prova.

Quando nós decoramos tudo, achamos que foi está na ponta da língua.

Quando chega a hora H, já esquecemos tudo.

Eu acho que a ^{breja} ~~breja~~ não deve ser vista como algo de se decorar, como o rap do Gabriel, e sim algo que se deve aprender.

Eu gostaria que os professores aprendessem a ensinar a aprender.

Algo essencial pra isto é o comportamento dos alunos, que no caso é bem inferior na minha sala.

Queria eu, que na minha escola houvesse uma sala específica para alunos que não têm vontade de aprender.

nome: Caroline Noqueiro Tavares 126 serial: 3º B

Eu acho que os professores dão uma boa aula mas os alunos não sabem aproveitar as aulas deviam ser mais duritos e não se dentro da escola

nome: Sotiane G. P. n.º 31. Série 5.º B.

Sema: U ensino tem que melhorar

Eu acho que ~~os~~ ~~escolas~~ deveriam
~~ser~~ mais rígidas com ~~os~~ alunos, quan-
do por exemplo quando eles vêm para a es-
cola para brincar ~~assim~~ também ~~as~~ ditadas
deveriam ser rígidas.

Eu também acho que o governo podia fazer
esse negócio de eliminação que ~~os~~ alunos ~~sem-~~
pre não proe sa de ano. Porque eles ~~sempre~~
não ficam na média, nem que fiquem de resu-
ltações.

Eu tô aqui

Pra quê?

Será que é pra aprender

ou será que é pra aceitar me

acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro

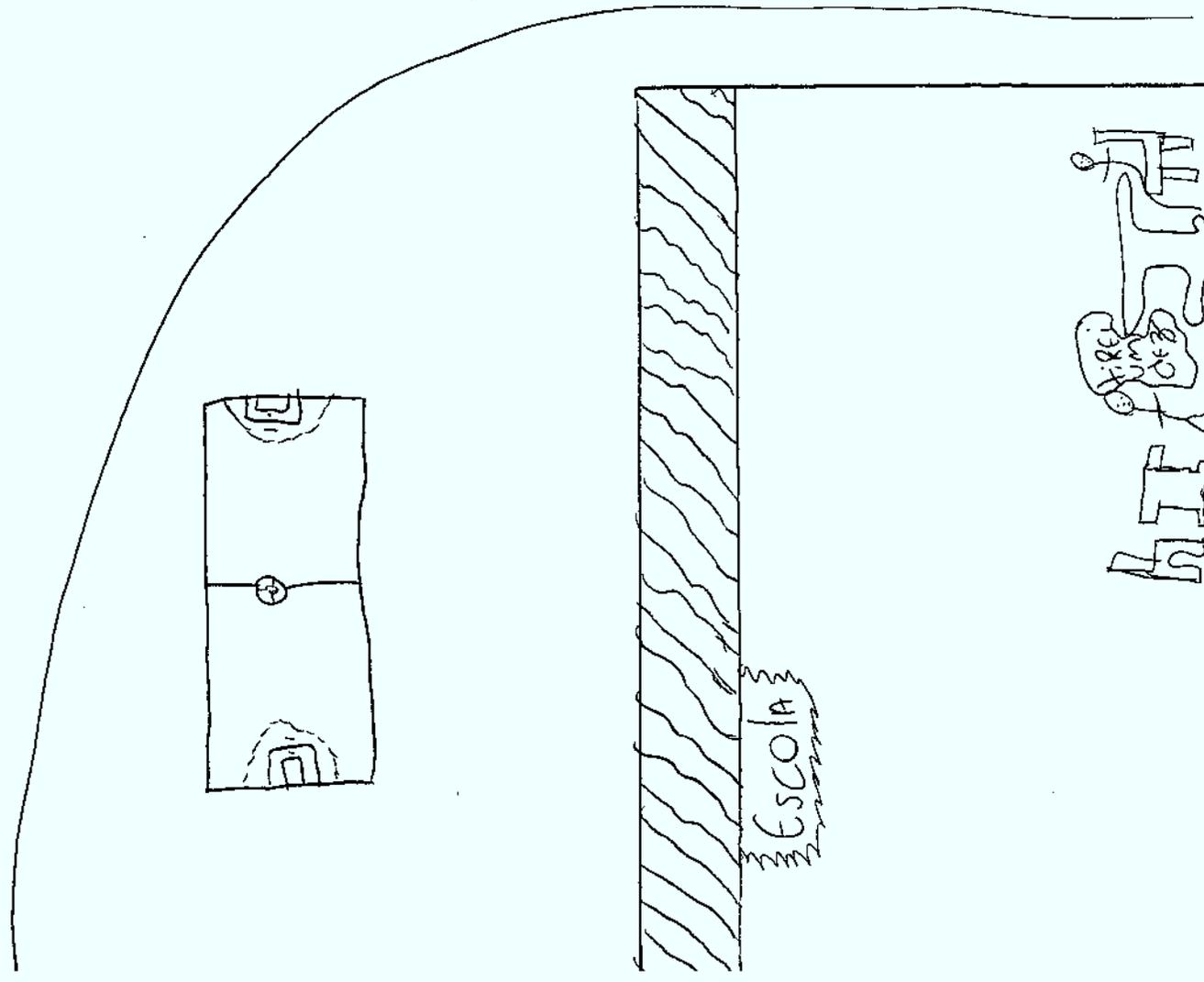
meu pai não me bater.

Não, não é assim estou na escola
para eu no futuro ser alguém

Cibele Flôra.

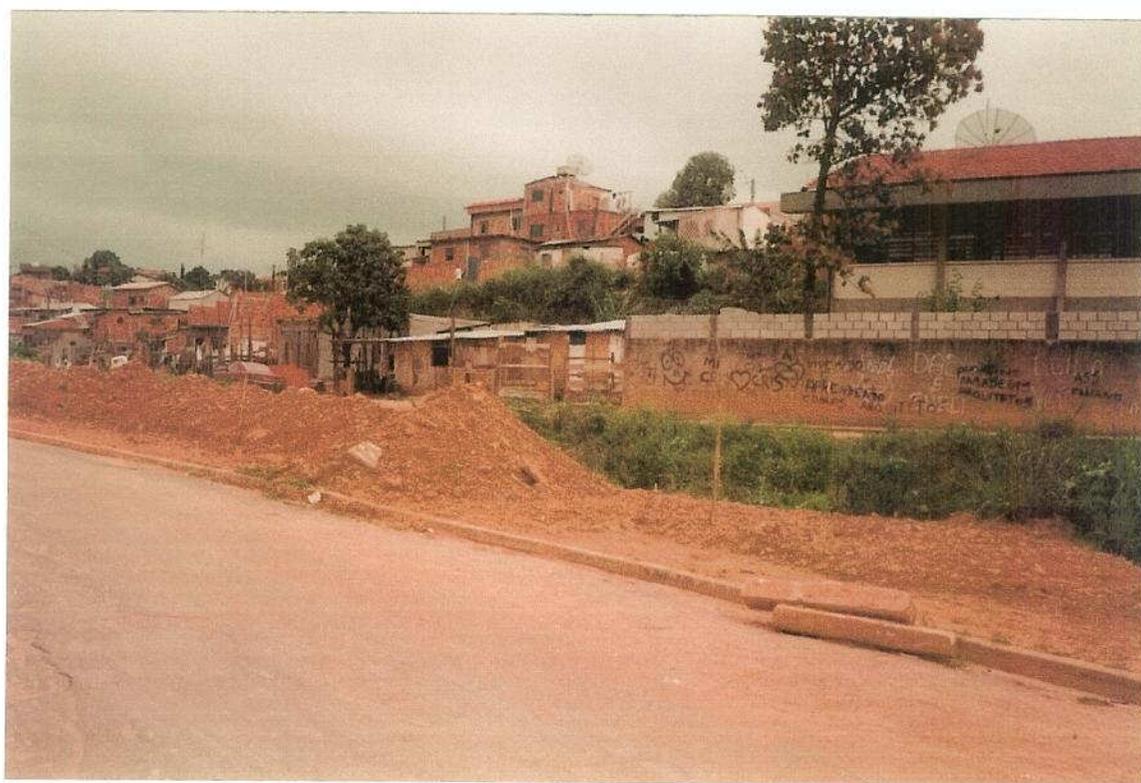
Allan

A ESCOLA É MUITO IMPORTANTE PARA O FUTURO
NÃO SE ESQUEÇA DISSO.





ESCOLA ALBERTO MEDALIJON



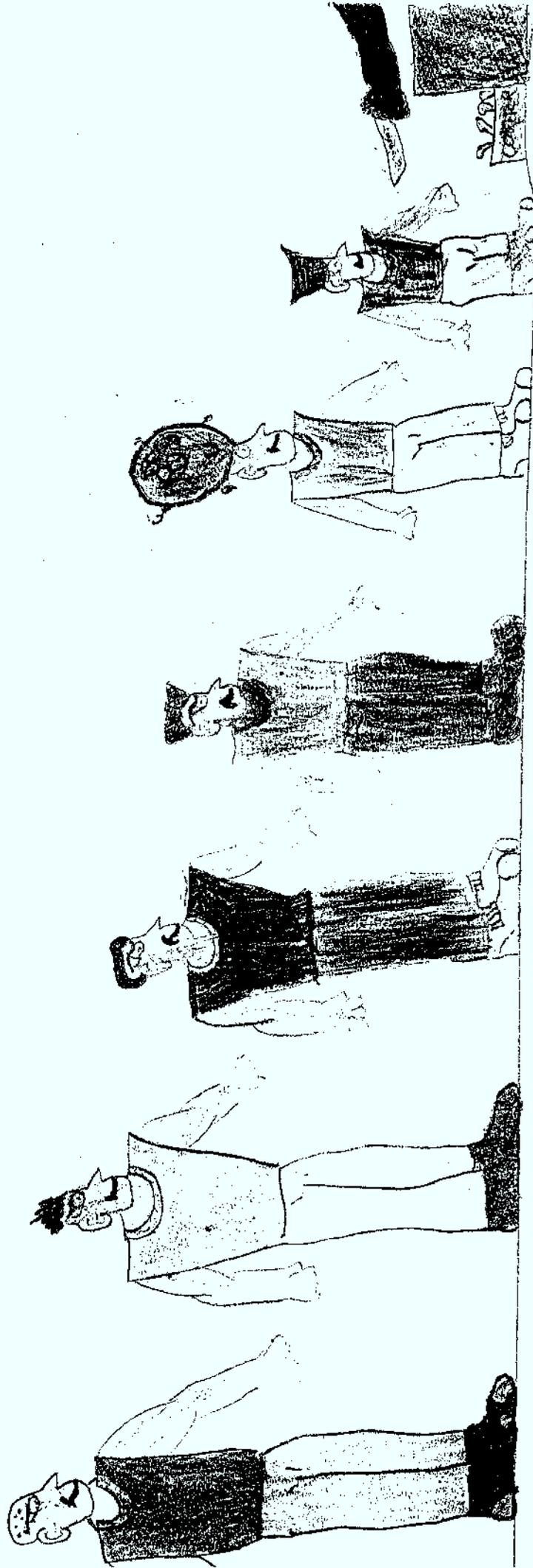
~~ALC~~

?

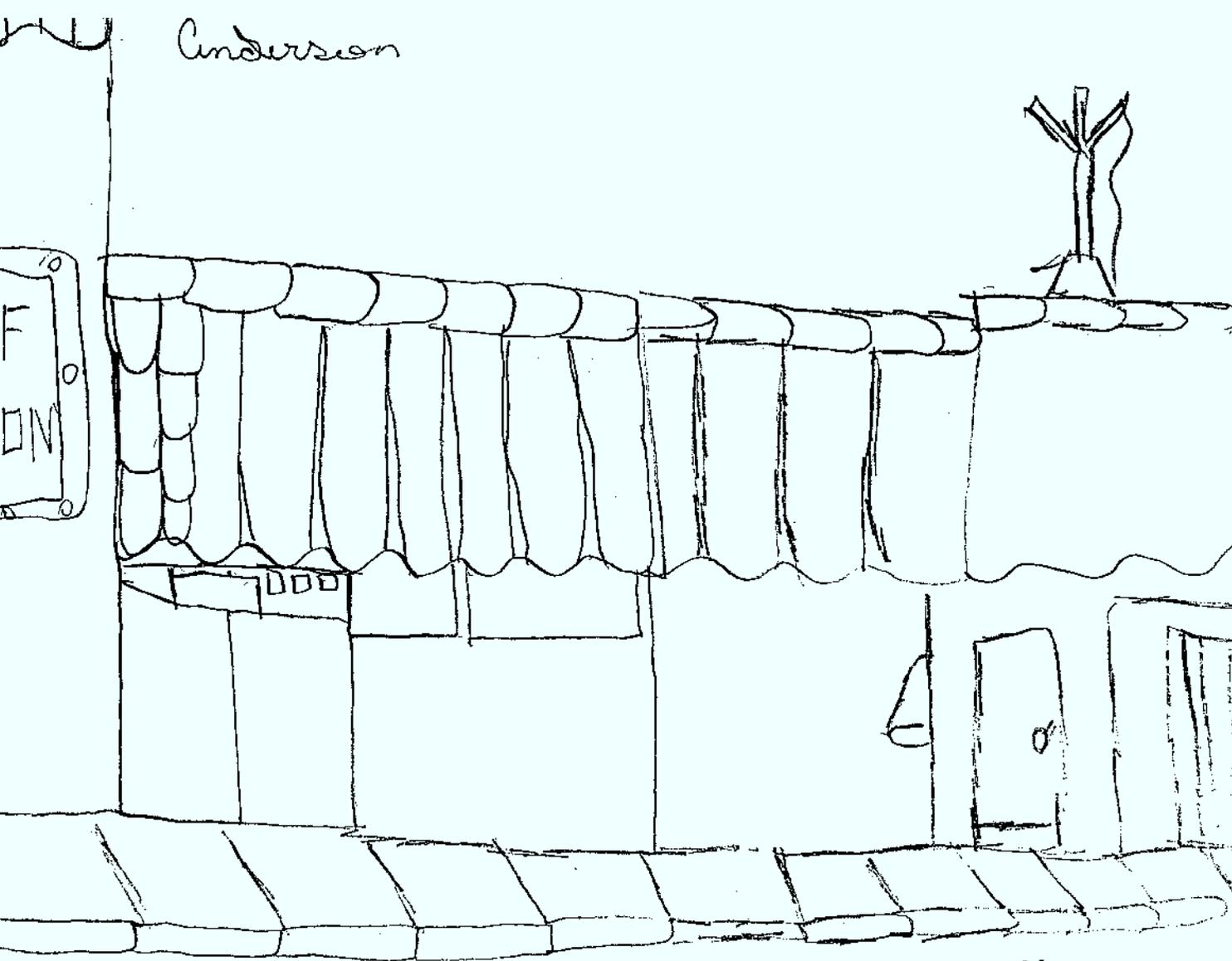
~~XXXXXXXXXXXX~~



A FILA DA MERENDA

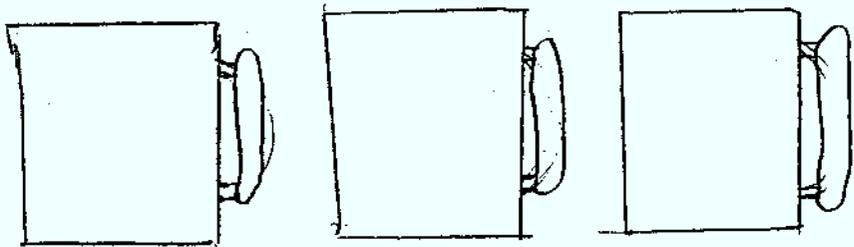
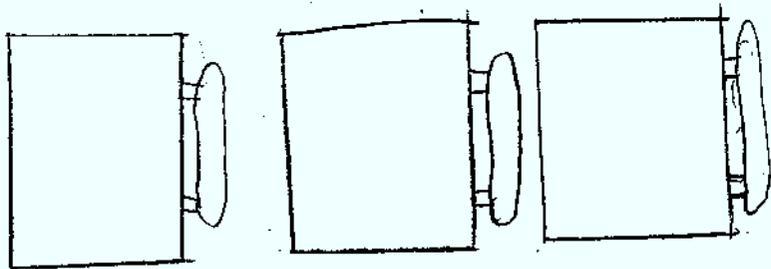
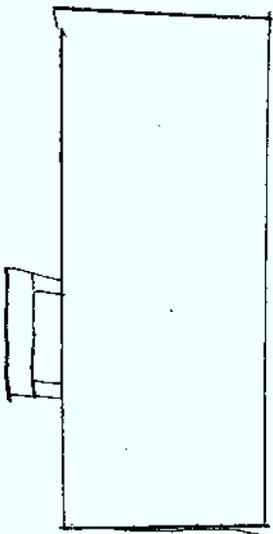
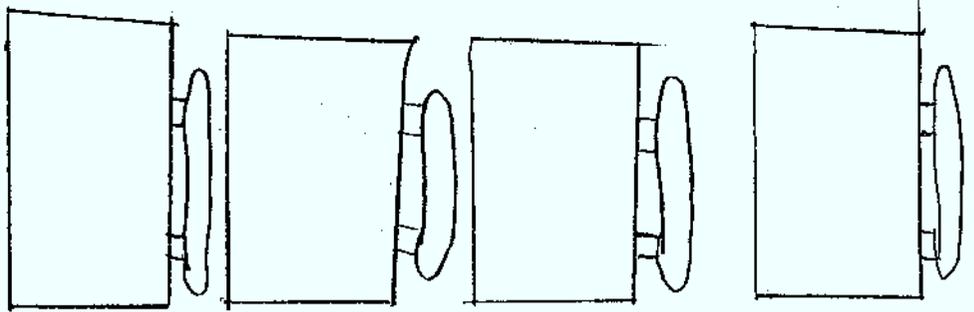


Anderson



Rafael nº 33 5ª série A

A escola pra mim é um lugar onde os alunos aprendem e aprendem a respeitar colegas e professores. A escola deveria mudar um pouco deveria ter computadores deveria ter quadros onde os alunos deveriam desenvolver seu interesse sobre os assuntos da matéria da escola é bom mas também os alunos deveriam colaborar como funcionários da escola se não sem a colaboração dos alunos a escola não vai para frente. Eu gostaria de mudar na escola o comportamento dos alunos mudar o local da escola a escola deveria ser um pouco maior para desenvolvimento dos alunos, deveria ter mais segurança para os alunos e para os professores assim eles poderiam ficar tranquilos e mais também deveria ter carteiras novas e cadeiras novas para ficar mais agradável.



Como seria o minha escola

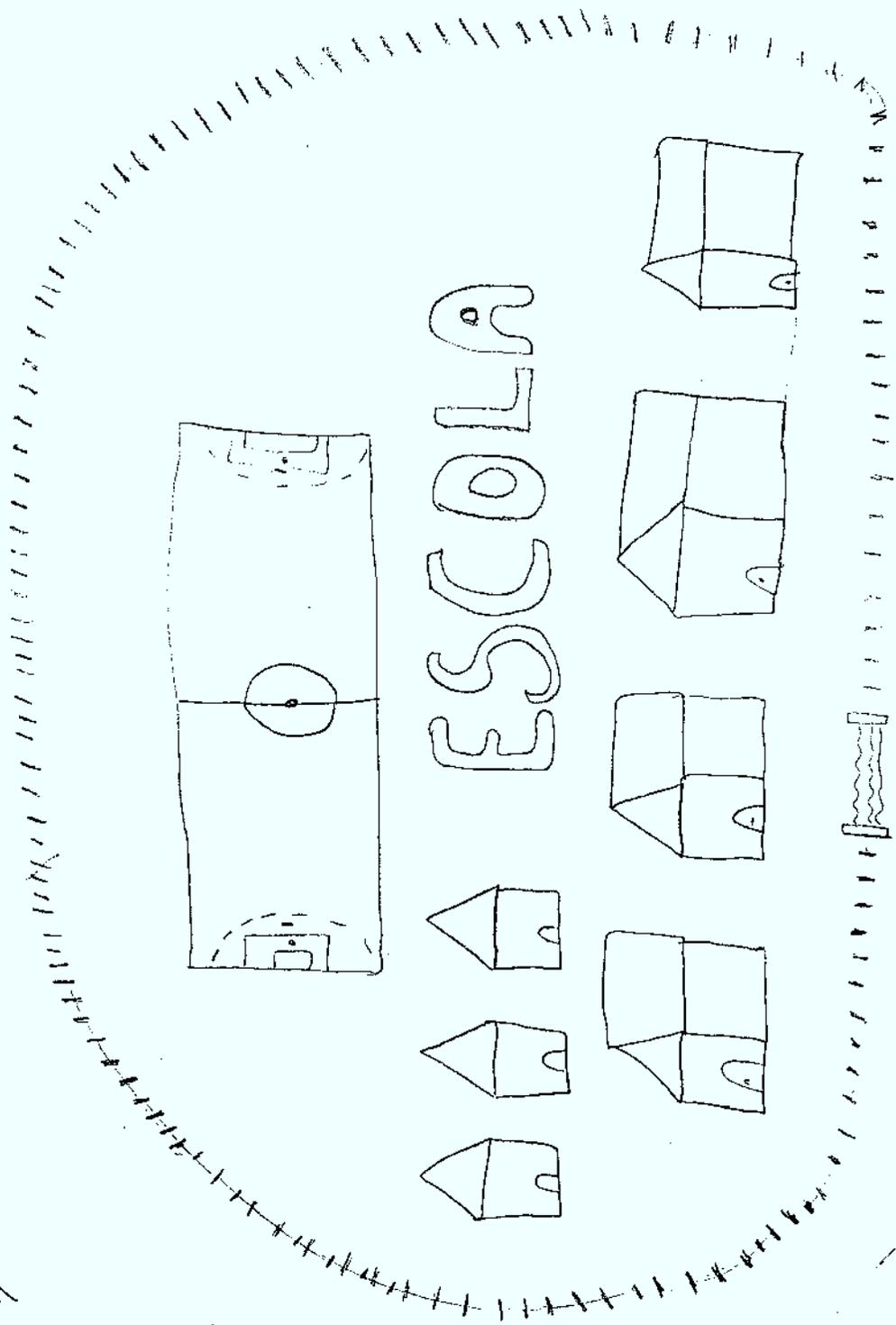
Eu acho que os alunos tem a obrigação de respeitar os professores. Mas se a professora grita com os alunos sem eles merecer, eles tinham que ir até a direção para que têm professor que qualquer coisa que acontece, des vato até a diretoria, os alunos também tem que ter esse direito, porque alguns alunos para de vir a escola por causa dessas coisas que andam acontecendo nas escolas, O professor deveria ser mais atenciosa com a classe, assim como os alunos de vir de um professor, na sala de aula, para que com esta falta de educação ninguém deve ir nem um lugar. A falta de educação que tem na classe é tremendo. Na hora de ler tem que ter uma expectativa para que os alunos não ficassem com a cabeça na hora de ler. Algumas professoras não dá atenção para os alunos, tem menino e menina com as meninas e as meninas fala o que está acontecendo, a professora talha sabe que o menino está errado e não fala nada.

Sim

Mami Dayse Cristina Pereira da Silva
no 12 SUCOFA

com garbado e
tiver muitos classes, muitos
professores e professores
escola. Uma quadra legal
para brincar.
e um ambiente bom.

THIAGO

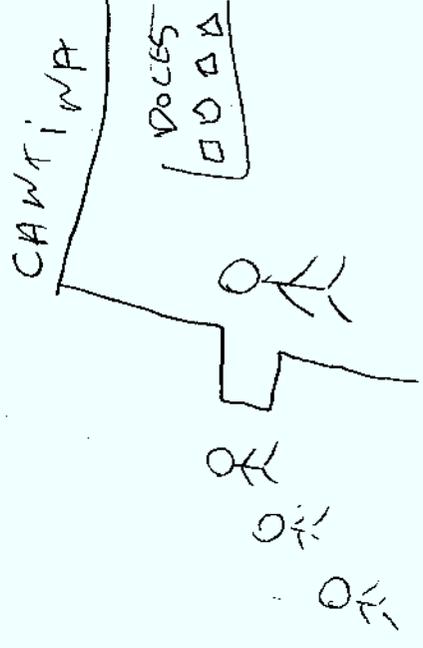
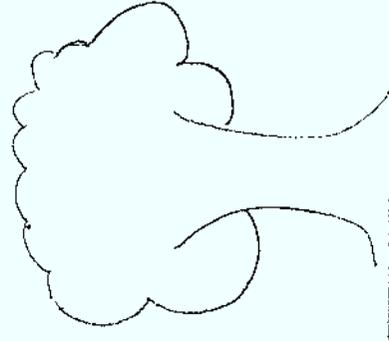
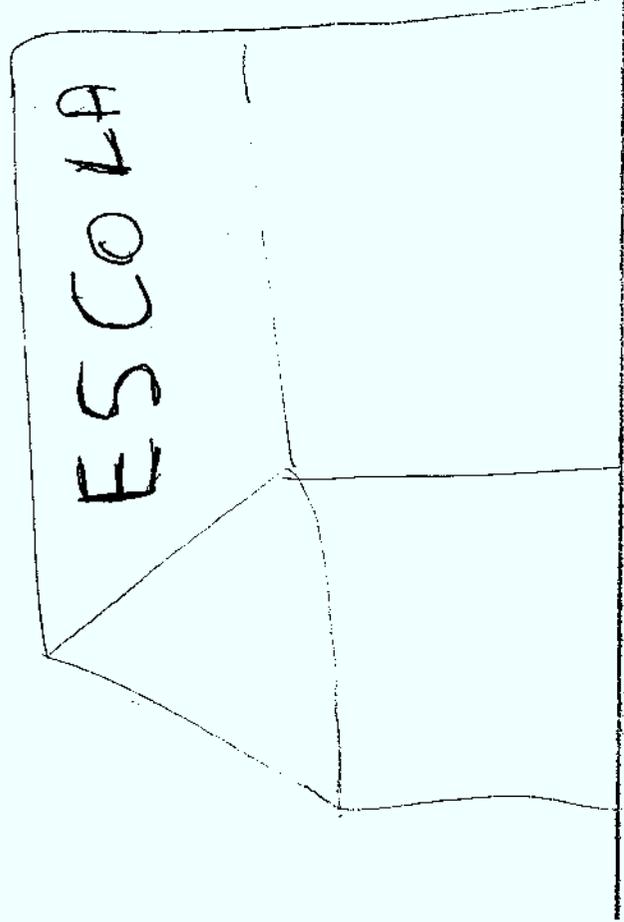




ESCOLA CASTINAUTA

Escola é para estudar
não para brincar

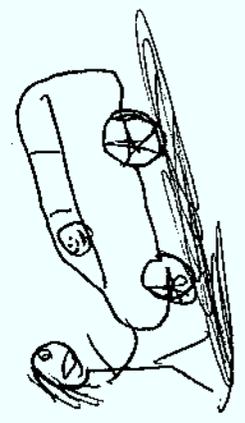
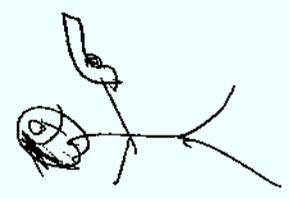
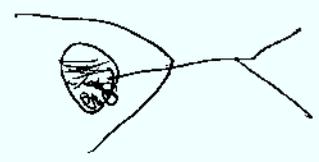
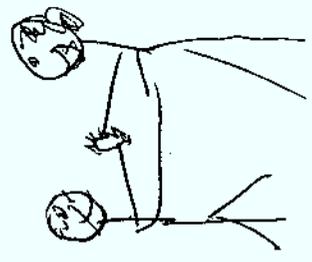
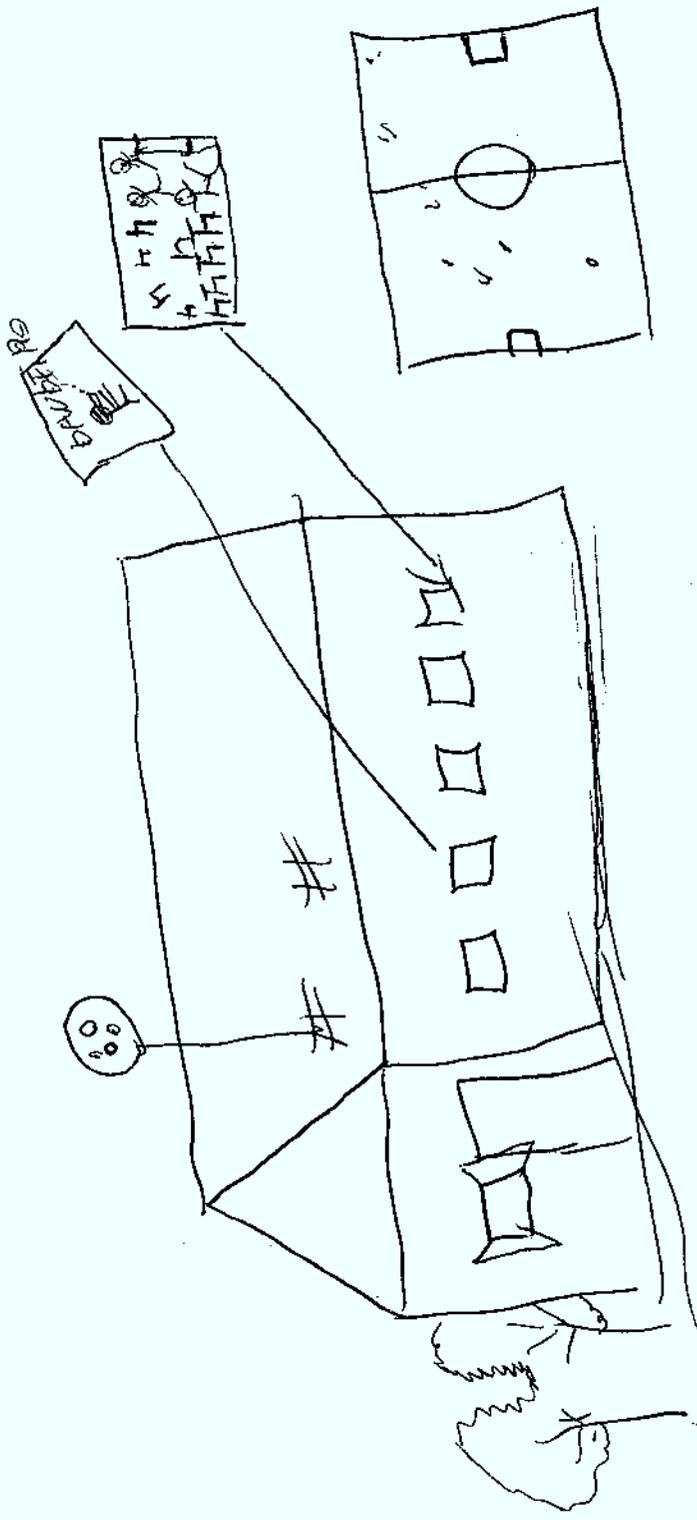
Luciana



Monte Guadalupe

ESCOLA COMO ESTA

Monte Guadalupe



3.11.98 / Escola do meu sonho

Escola pramim tem que ser limpa CANTINA NOVA
As sala TODAS PINTADA O banheiro limpo JAZO NOVO

QUADRA PINTADA A ESCOLA CONTINUA MENSSE

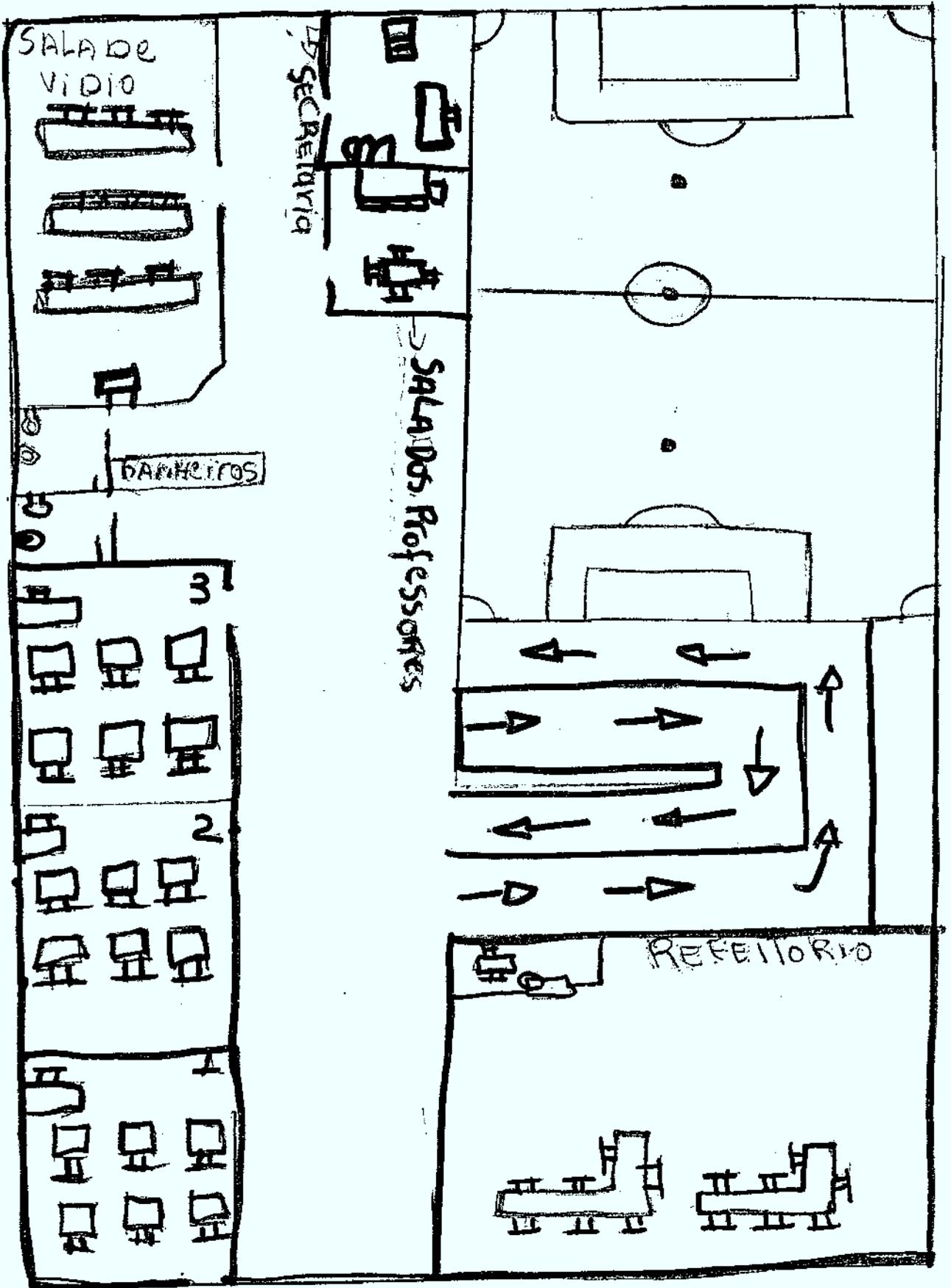
TO TUDO QUE AS OUTRAS ESCOLA TEM

JANGSSA 5º D



ESCOLA LAIS BERTONI

Luciane Tosatto, negri 5-B nº 28



E. E. P. G. Prof.
laís Bortoni Ribeiro

Aqui se encontra com amor

ALA 01

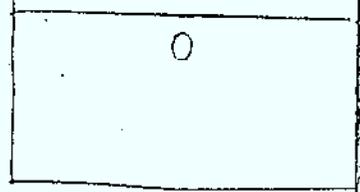
SALA 02

SALA 03

SALA 04

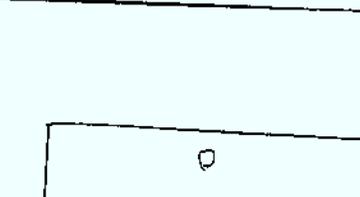
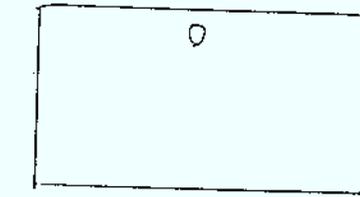
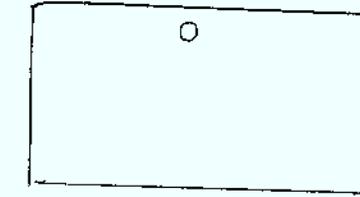
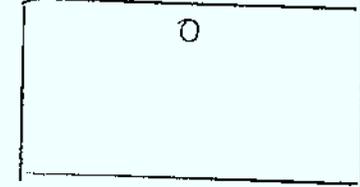
SALA 05

SALA 06

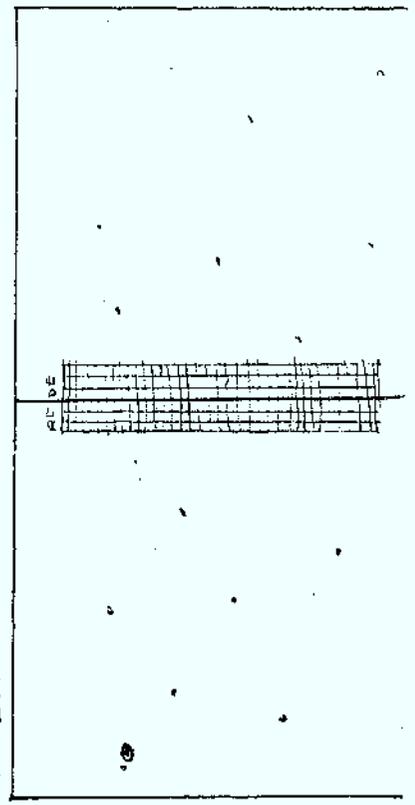
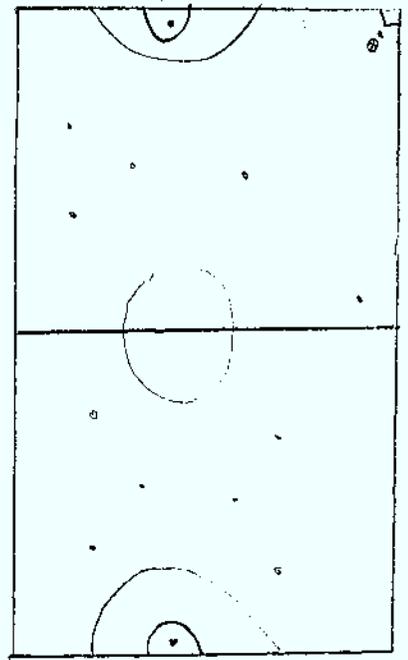


QUADRA DE FUTEBOL

quadra de futebol



QUADRA DE BASQUETE E VOLEI



quadra de volei

Nome: Jellen 5.^a série B

Bom eu acho que eu tenho a escola pare estudar
O que o Gabriel quis passar é que se eu não tiver
o meu pai não precisa me bater e sim me
orientar; Se eu fazer (aluno) deixo não hora
H eu não sei nada pois fiz de novo, e na explicação
não não prestei atenção.

Na escola tinha que fazer uma nota para quem quer
aprender e para quem não quis aprender uma
outra nota.

Assim podemos aprender melhor.



Bom não
gosto muito
de minha
escola f...
Tenho que
estudar aqui

O que eu acho da escola

Eu acho que a gente não está
fazendo mais deveríamos só pensar
em namorar nos tempos que pensar
no futuro, pensar nos estudos

no que a gente queremos ser
tem alunos que só vêm para
a escola Brincar enchendo
o pote de deveres e professor
e ao vez a gente fica
costrangida e isso é

que a gente deveríamos
pensar

Lim

Raquel h. parauá 58B.